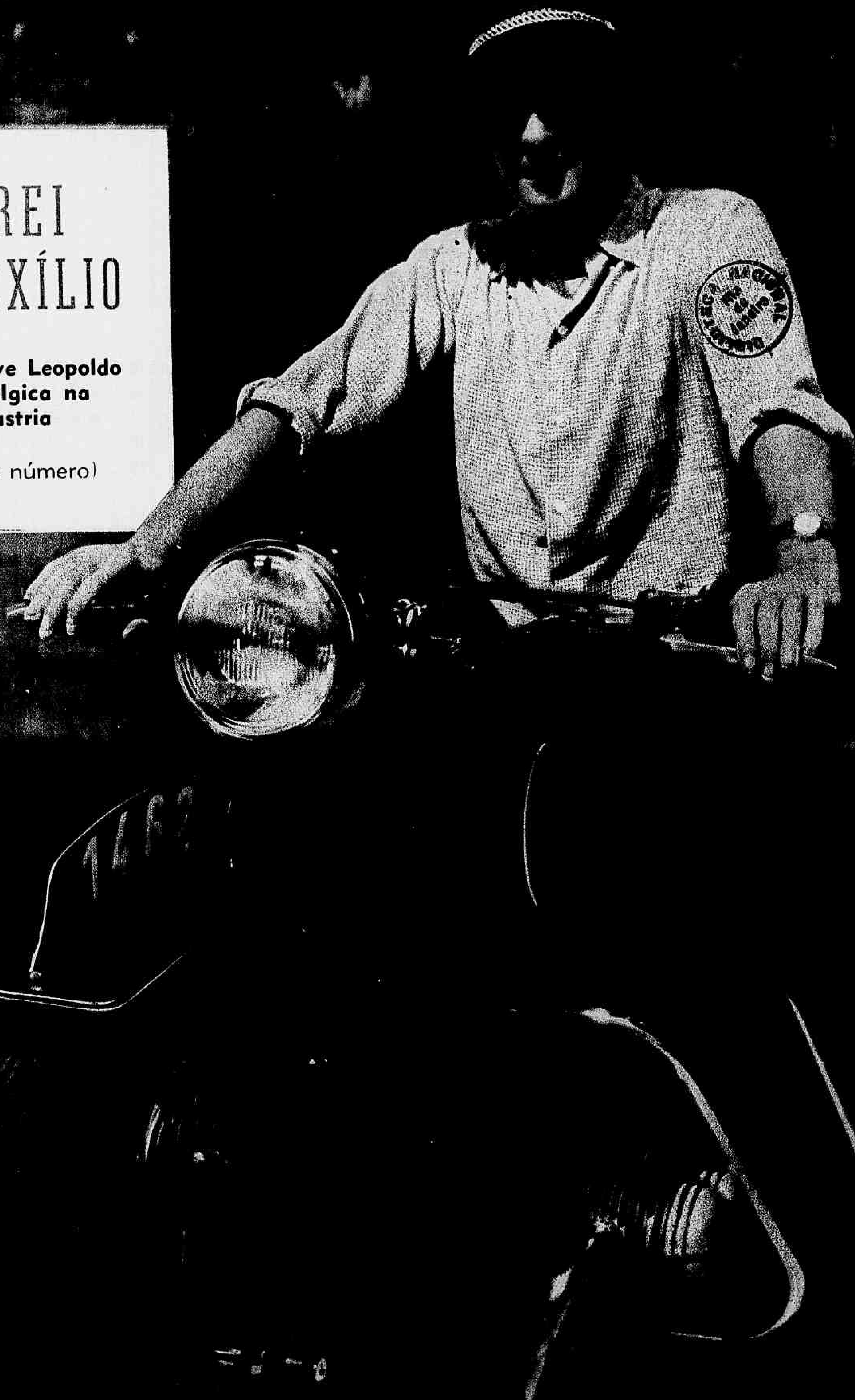
UM REI NO EXÍLIO

Como vive Leopoldo da Bélgica na Áustria

(Neste número)

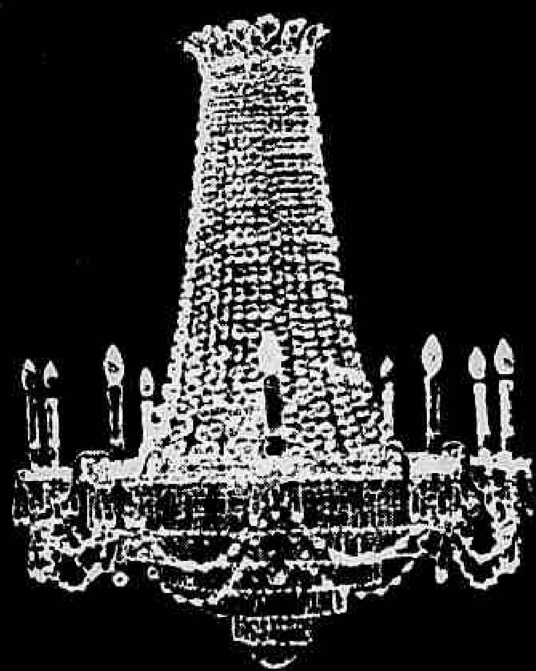


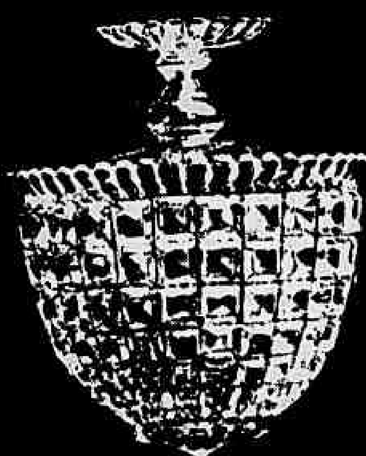
OS SURDOS PODEM OUVIR E ENTENDER ESTRÊLAS

REPORTAGEM NESTE NÚMERO

A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

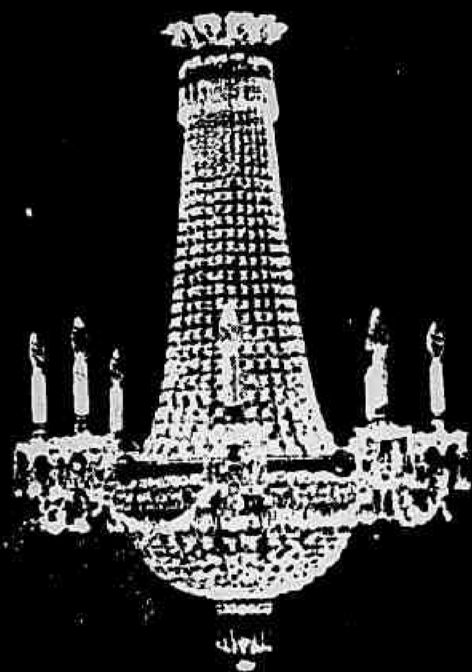
LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.



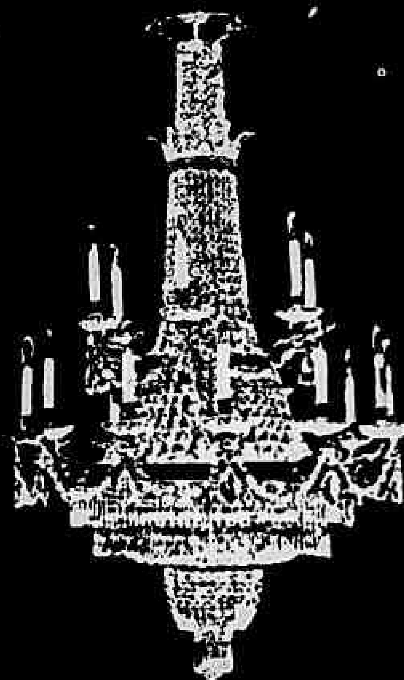




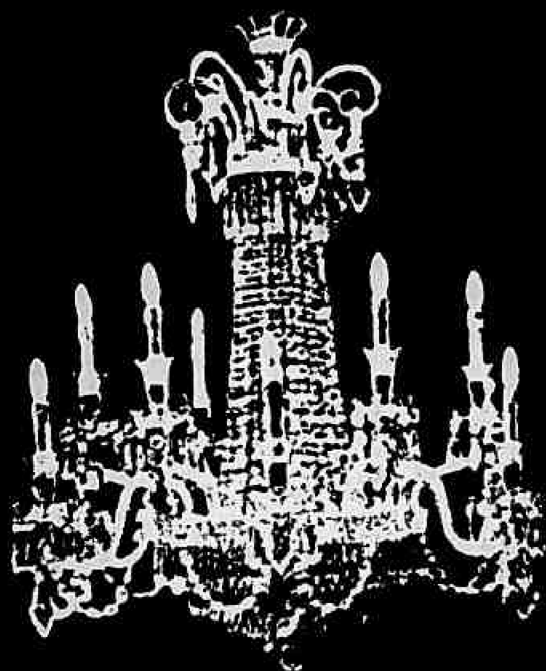
Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.

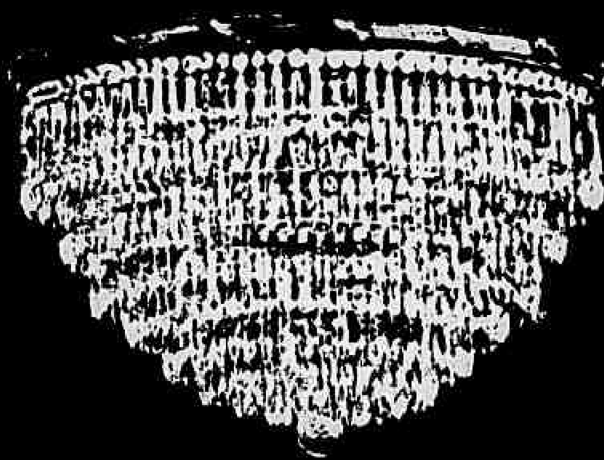






ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA







LUSTRES
MASUET
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 — FONE: 8-2958
S. PAULO

ANO LI ★ N.º 15 **REVISTA DA SEMANA** ★ 12-4-52 ★

SUMÁRIO

EPORTAGENS EXCLUSIVAS

s Generais se entendem e o País respira	4/7
icampeões os Paulistas (Por Domingos de Lucca Junior)	14/19
eopoldo da Bélgica no seu retiro da Áustria	29/33
s alheios de si próprios (Por José Asmar)	55/57

TERATURA

m pé de tamanco (Por Renato de Alencar)	3
Pequeno Conto (Por Geo William)	8
mana Literária (Por Edmundo Lys)	12/13
ição de Amor (Conto de Maria Alba)	26
ma Revelação (Conto de Ana Maria Ferreira)	35

OMANCE

Insatisfeita (Por Irene Temple Bailey)	22/23

EÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista	8/9
Personagem da Semana (Truman)	9
xe pelo Cérebro	34
alavras Cruzadas	48
Revista há 50 anos	51
orreio da Revista	51
udo isto aconteceu	52/53
Luz da Psicanálise (Pelo Dr. Luiz Fraga)	54
Pergunta da Semana (Por Sinimbu)	58

OLHETINS

venturas do Capitão Rob	24/25
pinhos de Amor	38

EMININAS

oirée (Por Ramon)	36/37
ugestões para os dias frios	46/47

NEMA (Por Leon Eliachar)	39/44

ARICATURA

te mundo e o outro (Por Darcy)	10
cho-te uma graça!... (Por Théo)	27

ARIEDADES

navios de Stalin	11
n centenário no mundo da música (Maestro Henrique Oswald)	20/21

★

NA CAPA:

Leopoldo, ex-Rei da Bélgica



UM PÉ DE TAMANCO

TARDE quente. Na Cinelândia era intenso o vaivém da multidão. De um bonde que passava, caiu ao solo um pé de tamanco. Era peqtenino. Seu dono devia ser uma criança. Carros de todos os feitios deslizavam sôbre o asfalto escaldante. Na confusão dos pneus em marcha, o pèzinho de tamanco ia recebendo safanões, sacudidelas, esmagamentos. Mas resistia. Quem o perdeu devia estar aflito. Que fazer com um pé de tamanco só? Estava descasado, e neste mundo ninguém pode viver assim. Tudo nesta vida deve ser em par: o sol e a lua, o poeta e a lira, o travesseiro e a fronha, a abelha e o cortiço, a flor e o fruto, o homem e a mulher, os olhos e as lágrimas. Sempre que um carro passava por cima dêle, parecia ouvir-se um grito. Às vêzes era um gritinho sêco, coisa parecida com o pio doloroso de ave mal ferida. Outras vêzes gemia. Talvez chamasse o seu dono, ou pedisse compaixão àqueles monstros que o pisavam sem misericórdia. Um rapazola ao atravessar a rua, deu-lhe um pontapé. O infeliz rodopiou no ar e foi cair à entrada do Hotel Serrador. Um porteiro avançou e repetiu o chute violento, com um gesto de desprêzo. E os autos voltaram a passar por cima de seu corpinho magro, entre pelancas de couro ressequido. O tamanquinho ainda não morrera e continuava a gemer, a gritar doloridamente como ave que não pode voar. Veio outro menino e lhe deu um coice. O tamanquinho foi cair mesmo em cima da linha do bonde. Era o fim. E como que implorava: "Não me destruam! Eu também já fui alguém! Quando ainda era árvore frondosa, no verdor de meus ramos, cantavam os passarinhos. Dei agasalho aos ninhos, vida às aves, nectar às abelhas. Depois que me derrubaram, para muita coisa útil servi. E mesmo na humildade de um tamanco, protejo os pés de uma criança que trabalha para viver. Entre mim e os pneus dos carros que conduzem gente fina, há um mesmo sentido de proteção humana Eu..." Não pôde prosseguir. Surgiu naquele instante enorme bonde da zona sul. O tamanquinho empalideceu. Toneladas de ferro iriam estraçalhá-lo inexoràvelmente. Mas uma bicicleta, roçando-lhe de leve a ilharga, afastou-o dois centímetros do trilho fatal. O tamanco respirou. Sua baixa estatura lhe garantiria mais uns momentos de vida. O bonde passaria por cima do seu corpo sem ofendê-lo. E depois? Outros bondes surgiriam, outros meninos o enxotariam, outros autos o esmagariam com o pêso dos pneus gigantes, até que um caminhão ou as rodas de um bonde... Estava nessa aflição de quem vê a morte de perto sem poder evitá-la, quando, em desabalada carreira, chega até àquele palco de cenas emocionantes e imperceptíveis, uma criança maltrapilha, de dez a doze anos, ofegante, com um pé de tamanco à mão e os olhos inquietos a perscrutar o leito das ruas que ali se cruzam. E, ao ver o outro pé de tamanco ainda indene, apesar de tão seviciado, o menino deu um salto e o apanhou, arriscando a própria vida. Radiante de felicidade, como se houvesse achado o maior tesouro, êle abraçou o tamanquinho, que, por sua vez, com os braços invisíveis das coisas que têm alma porém não a podemos ver, agarrou-se à criança como o ser extraviado que encontra à hora extrema, o carinho protetor de um coração amigo.

E assim é a vida. E assim são as coisas...

RENATO DE ALENCAR

OS GENERAIS SE ENTENDEM E O PAÍS RESPIRA

A TRANSMISSÃO DA PASTA DA GUERRA, DAS MÃOS DO GENERAL ESTILLAC LEAL PARA AS DO GENERAL CIRO CARDOSO, SE EFETUOU EM AMBIENTE DE CORDIALIDADE



No Palácio Rio Negro, em Petrópolis, onde se encontra veraneando, atualmente, o Presidente da República, o novo ministro da Guerra, General Ciro do Espírito Santo Cardoso é cumprimentado pelo Sr. Getúlio Vargas, após a cerimônia.



O Sr. Lourival Fontes, secretário da Presidência da República, quando procedia à leitura do têrmo de posse do novo ministro da Guerra, ladeado pelo Presidente Getúlio Vargas e pelo General Ciro do Espírito Santo Cardoso.

O rumoroso e conhecido episódio do Club Militar, cuja Revista passou a publicar artigos de violenta crítica à política exterior brasileira, deu origem ao que se vinha denominando "a crise militar". Havia de certo exagêro nessa expressão, aplicada a desentendimentos resultantes da ausência de coordenação das autoridades superiores, que agiam com debilidade em face de simples transgressões disciplinares. Nada de grave, efetivamente, dividia a oficialidade responsável pelos comandos militares. A crise era menos uma crise política do que uma crise de autoridade. O dia em que a autoridade se manifestasse, pronta e enèrgicamente, como veio a suceder, a normalidade se restabeleceria sem outros embaraços.

O gesto inesperado do General Zenobio da Costa, pedindo demissão do comando da 1ª Região Militar, com sede no Rio de Janeiro, numa carta que ao mesmo tempo denunciava infiltração comunista nas fileiras e falta de autoridade, que sentia, para barrá-la, precipitou o desfecho da crise. Essa carta foi interpretada como uma acusação ao ministro da Guerra, General Estillac Leal, suspeitado de ligação com elementos esquerdistas para uma parte da imprensa.

Não foi ainda revelado o conteúdo da carta endereçada pelo Gen. Zenobio da Costa ao Sr. Getúlio Vargas, presidente da República. Ficaram pois, sem desmentido ou confirmação, aquela e outras versões que circularam a respeito.

Recebida pelo destinatário, a carta permaneceu alguns dias sem resposta. Sem resposta e sem qualquer providência que parecesse inspirada nela. No dia 26, porém, eram oficialmente publicados os decretos que exoneravam o Gen. Estillac Leal do cargo de ministro da Guerra e o Gen. Zenobio da Costa do comando da 1ª Região Militar. Outro decreto, da mesma data, nomeava o Gen. Ciro do Espírito Santo Cardoso, que exercia as funções de chefe da Casa Militar da Presidência da República, titular da pasta da Guerra.

No mesmo dia o ministro nomeado tomou posse do cargo, no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, perante o presidente da República. No dia imediato, no Palácio da Guerra, efetuou-se a cerimônia da transmissão do cargo, perante elevado número de altas personalidades, numa atmofera de franca cordialidade civil e militar.

Das duas cerimônias são os flagrantes da nossa reportagem fotográfica.

TRAÇOS BIOGRAFICOS DO NOVO MINISTRO DA GUERRA

O Sr. General Ciro do Espírito Santo Cardoso é portador de um nome dos de mais vivas tradições no Exército. Filho do General de Divisão Augusto Ignácio do Espírito Santo Cardoso e de D. Ana Fernandes Cardoso, o novo Ministro da Guerra nasceu na cidade da Lapa, do Estado do Paraná, a 20 de agôsto de 1898.

De uma família de militares, a carreira das armas o atraiu e a 13 de abril de 1916 ingressava na Escola Militar do Realengo, de onde saiu aspirante a oficial, em 12 de dezembro de 1918, tendo alcançado o segundo lugar do curso de Infantaria, arma que escolheu. A 30 de dezembro de 1919 foi confirmado oficial, como segundo tenente e, menos de três anos depois, era promovido a primeiro tenente. Capitão em 15 de agôsto de 1929 e Major, por merecimento, em 2 de outubro de 1934 teve suas novas promoções a Tenente-Coronel e a Coronel, respectivamente em 5 de março de 1940 e 25 de dezembro de 1942, as quais foram, também, à base de merecimento. Alcançou o generalato em 21 de outubro de 1946, aos quarenta e oito anos de idade.

O General Cyro Espirito Santo Cardoso, exerceu as seguintes comissões: ainda como segundo Tenente, auxiliar de instrutor de Infantaria da Escola Militar; como Capitão, oficial de Gabinete do Ministro da Guerra; como Major Comandante do Batalhão de Infantaria da Escola Militar; como Coronel, Chefe do Gabinete da Secretária Geral do Conselho de Segurança Nacional e ainda, membro da Casa Militar do Presidente Higino Morinigo, do Paraguai, quando de sua visita oficial ao Brasil.

Como General serviu no Rio Grande do Sul, comandando a 3ª Divisão em Santa Maria; foi Comandante da Escola Militar de Rezende e da 10ª Região Militar em Fortaleza.

O General Cyro Espirito Santo Cardoso, possui os seguintes cursos: de Infantaria da Escola Militar (2º lugar); de Aperfeiçoamento (1º lugar); de Estado Maior (2º lugar na turma de Oficiais Superiores).

E' portador das seguintes condecorações nacionais: Comenda da Ordem do Mérito Militar (ouro) mais de 30 anos de serviços, Cinquentenário da República e de Guerra, além das seguintes estrangeiras, Comenda da Ordem Nacional do Mérito da República do Paraguai; Estrêla de Prata da República do Chile; e Oficial da Ordem Azteca,, da República do México.

A

vista
erior
car".
entos
ores,
cipli-
onsá-
lítica
ma-
orma-

nissão
numa
nas
tou o
acusa-
de li-
a.
Gen.
blica.
s ver-

s sem
ecesse
dos os
min s-
Região
iro do
Casa
a.
go, no
ública.
nia da
nalida-

em fo-

ERRA

de um
General
D. Ana
cidade

e a 13
de onde
cançado
A 30 de
nente e,
e. Capi-
em 2 de
onel e a
ezembro
Alcançou
ito anos

seguintes
or de In-
inete do
o de In-
e da Se-
membro
, quando

a 3ª Di-
Rezende

ntes cur-
çoamento
periores),
menda da
iços, Cin-
s estran-
ública do
Oficial da



Os srs. Nereu Ramos e João Neves, vendo-se também o ex-prefeito e o gen. Zenóbio da Costa.



O novo ministro da Guerra, general Ciro Cardoso, em palestra com o general José Pessoa

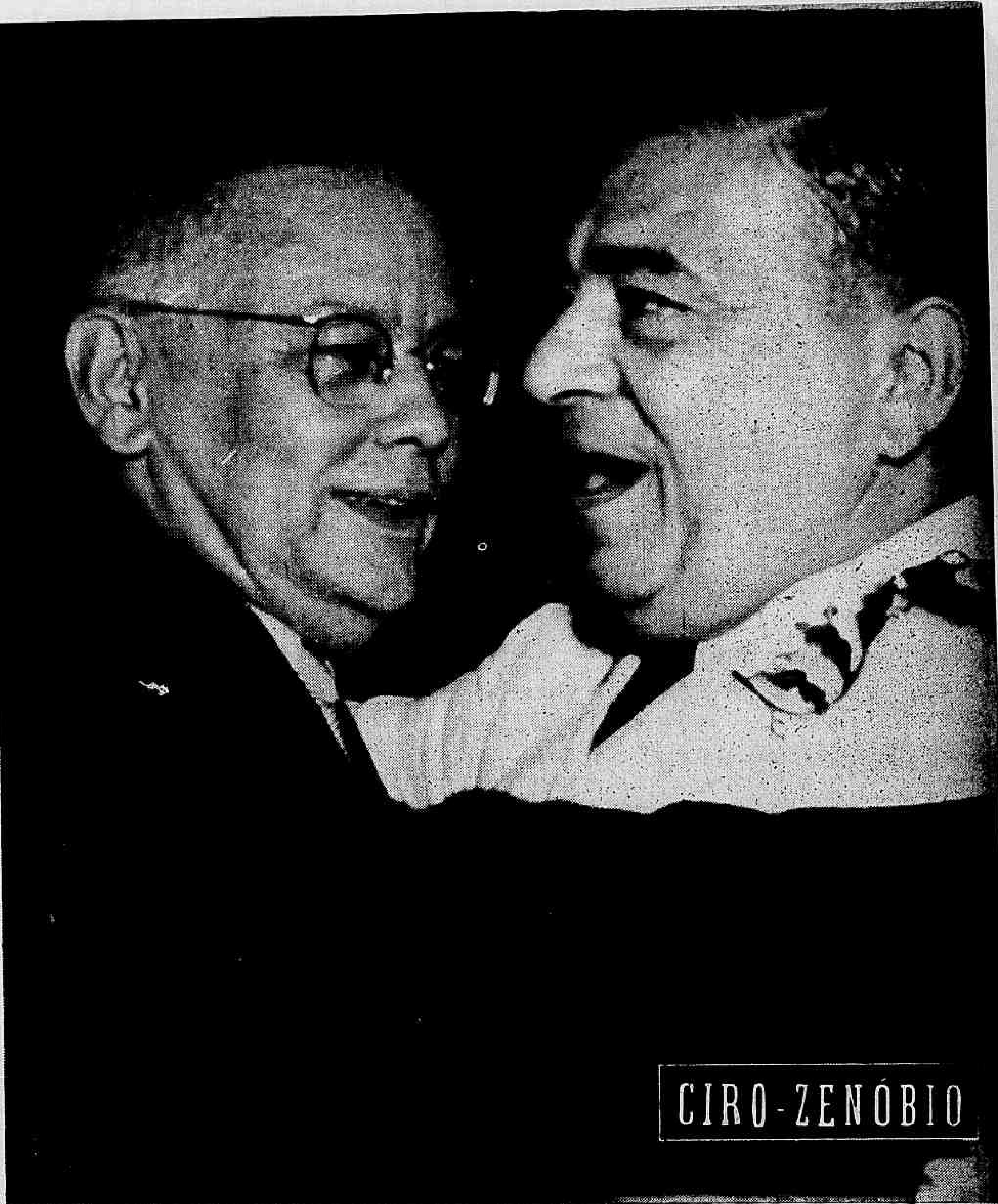


Com um ar muito concentrado, o gen. Juarez Távora conversa com o general Ciro Cardoso.

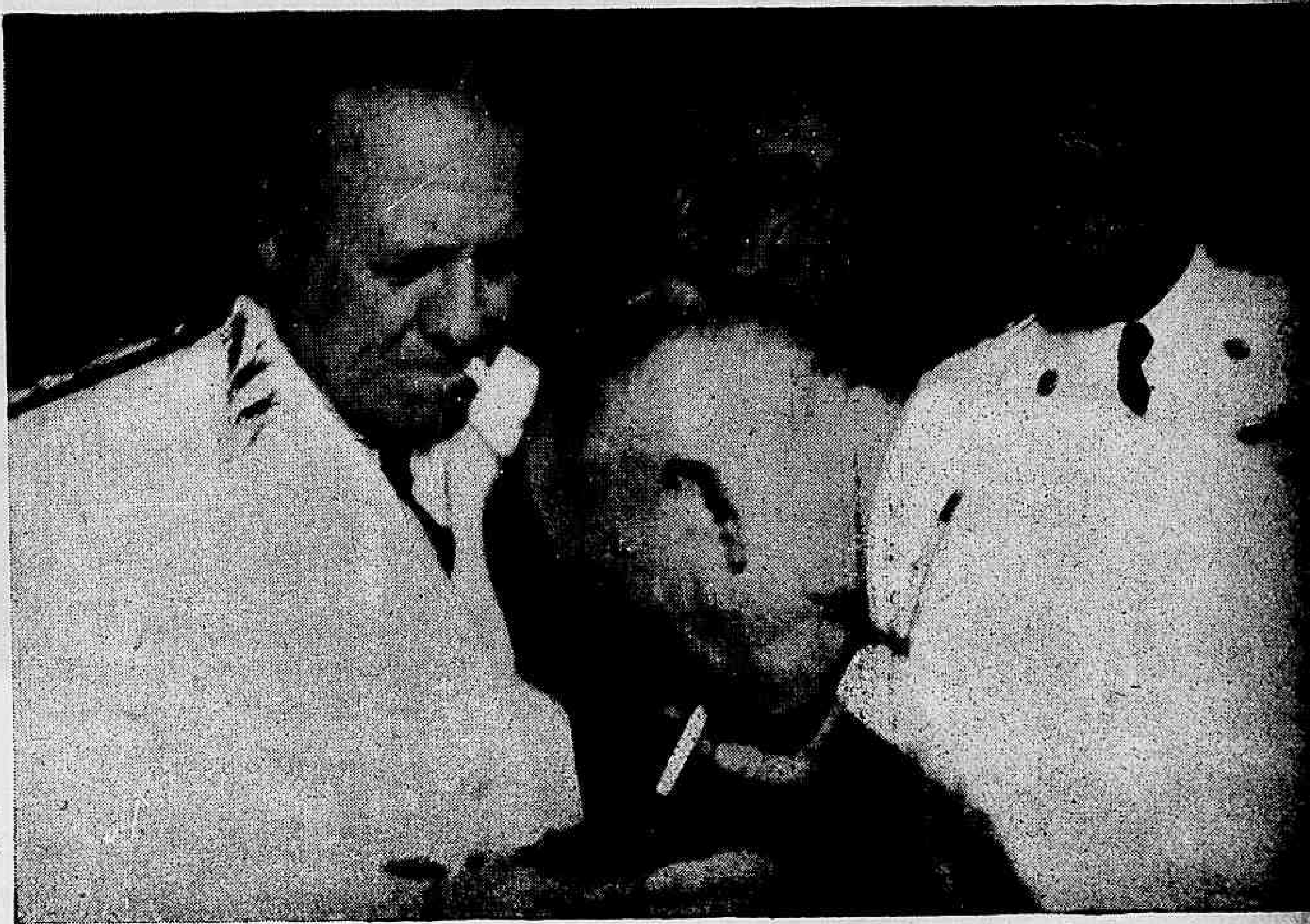


De óculos escuros, o gen. Alcides Etchegoyen acompanhou a cerimônia depois bateu um papo.

CIRO-ZENÓBIO



Depois que o fogo se apaga...



...acende-se o lume...



Um general (Ângelo Mendes de Morais), um tenente-coronel (não identificado) e um empresário teatral-deputado (Barreto Pinto)



O general Bandeira de Melo, 2º sub-chefe do estado-maior, em companhia general Adílio Denys.



Em palestra, durante a cerimônia no Palácio da Guerra, o ministro da Viação e o gen. Onofre Muniz.



O senador Alencastre Guimarães, que já pertenceu às fileiras conversando com o min. Segadas Viana.



Grupo formado (na ordem) pelos srs. cel. Altair Queiroz, gen. Paulo Figueiredo e gen. Cândido Cal



Envergando o primeiro uniforme, como seus camaradas, os gens. Milton de Almeida e Dimas de Siqueira.



O coronel Altair de Queiroz, no primeiro plano, e o novo ministro, general Ciro Cardoso, mais recuado.



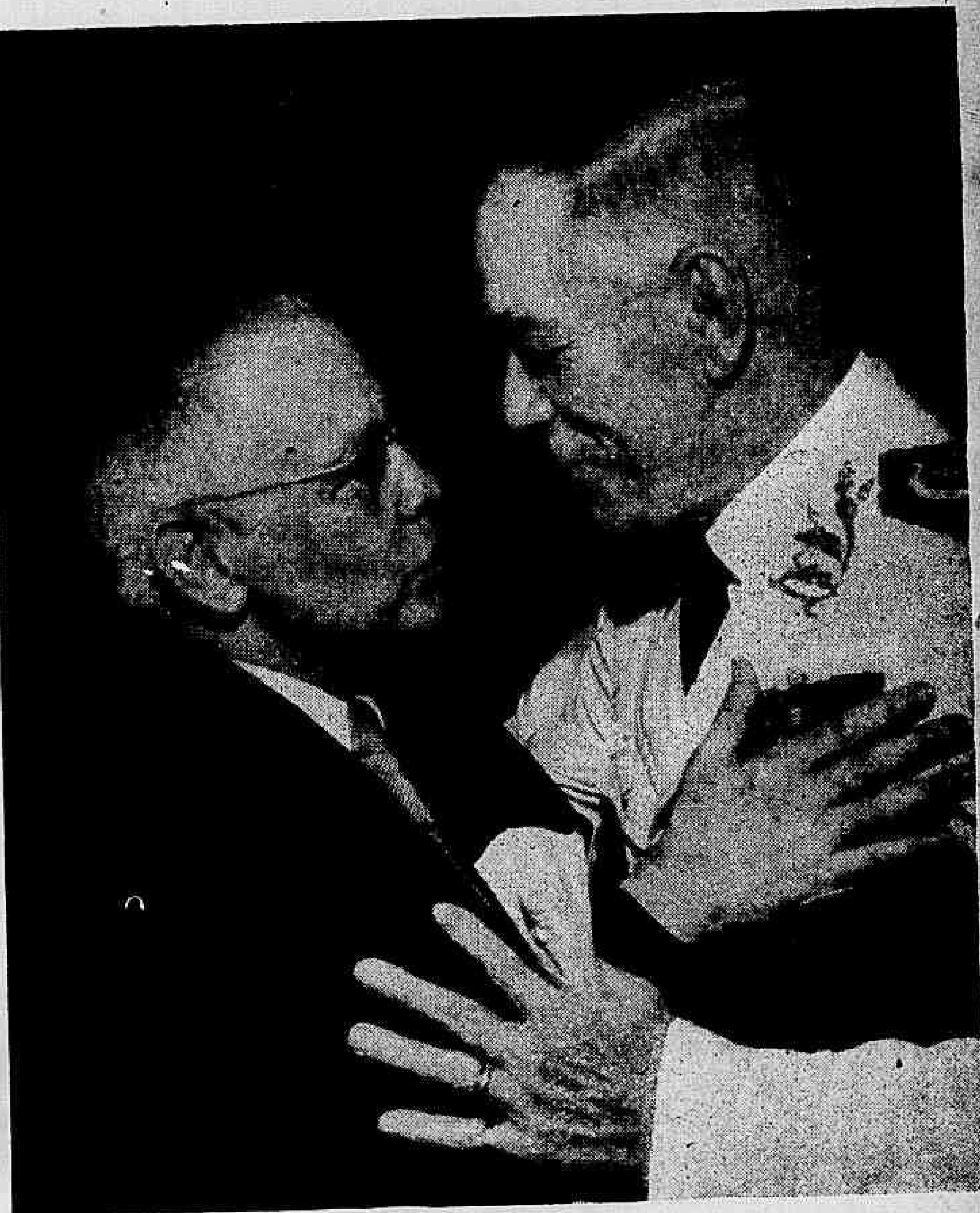
O general Ciro Cardoso pronunciando o seu disc de posse, vendo-se (de claro) a sr. Nereu Ra



Grupo feito no Palácio da Guerra, no qual aparecem, entre outros, o ex-ministro General Estillac Leal, o ministro que o substituiu, General Ciro do Espírito Santo Cardoso, o representante do Presidente Getúlio Vargas, Sr. Lourival Fontes e o Vice-Presidente da República, Sr. Café Filho.



Um momento de grande vivacidade entre os Generais Ciro do Espírito Santo Cardoso, ministro da Guerra, e Ângelo Mendes de Morais, ex-prefeito do D. F.

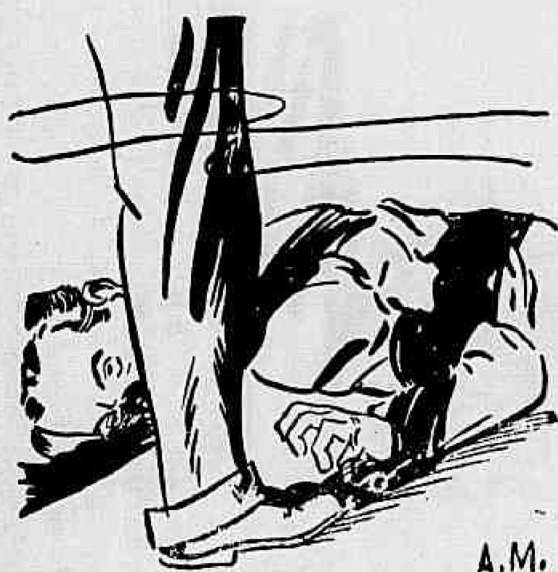


Um abraço entre os Generais Ciro Cardoso, ministro da Guerra empossado, e Milton de Freitas, ex-embaixador do Brasil em Buenos Aires.

O PEQUENO CONTO

ULTRAPASSOU O LIMITE...

GEO WILLIAM



DESDE há muito que eu o vinha avisando. Mas não deu atenção. Ainda ontem, quando passou por mim, disse-lhe: "Joe, não ultrapasse o limite..." Não sei qual o efeito dessa minha última advertência. Sei sòmente que olhou para o meu lado e cuspiu com desprêso no chão.

Quem falava era o vendedor ambulante que costumava se postar na esquina das ruas 45 e 78, oferecendo as mercadorias do tabuleiro aos transeuntes. Tinha o homem cêrca de cinquenta anos e os estragos de uma vida feita de trabalho e miséria estavam estampados no seu rosto, que mais parecia carta geográfica, tantos os sulcos e riscos pela epiderme. Nada que denunciasse, exteriormente, nêle o criminoso, o homem que acaba de matar um semelhante, com a maior naturalidade. Mantinha-se calmo, sereno, respondendo educadamente ao tenente da Secção de Homicídios que o interrogava.

— Ontem resolvi eliminá-lo. Já desde há muito que eu vinha deixando de almoçar, para economisar o dinheiro suficiente à compra do revólver. Tinha certeza de que ainda eu haveria de matar êsse patife. E não me arrependo. Sei perfeitamente o que me aguarda, mas tanto faz...

Fêz uma pausa. Um policial lhe passou o cigarro aceso que êle sugou com verdadeiro prazer. Afroxou o colarinho, sacudindo a cabeça grisalha, de um para outro lado.

— Tom Goy julgava-se irresistível. E por assim julgar-se achou que deveria pôr os olhos em minha filha. Conhecia-o de sobejo para não me sentir cheio de cuidados. O Brooklyn anda cheio de moças que êle desencaminhou ou encaminhou para uma vereda triste... Portanto, certa feita, encontrando-o, disse-lhe claramente o que dêle pensava. Como resposta riu-me na cara e continuou a sua andança. Notei que minha filha se transformava um pouco. Já era outra. Nos olhos brilhava-lhe essa luz radiosa que se vê nos olhos das moças apaixonadas pela primeira vez. Tremi! E a partir de então não mais tive sossêgo em minha vida. Quando perambulava pelas ruas, lutando pela vida, estava constantemente com o pensamento em casa. Vivi num verdadeiro martírio e hoje libertei-me finalmente, livrando a sociedade de um traste!

★

— Ontem à noite vi-o perto do bilhar de Cassota. Fiz-lhe a derradeira advertência. Já anteriormente lhe tinha dito: "Joe, teu limite é a soleira da porta do prédio 550 da Thompson Street". Trate de não ultrapassá-lo!" Hoje pela manhã vim saber que, mesmo antes dêsse meu aviso êle tinha ultrapassado o limite. Então matei-o!

★

Quatro meses depois o vingador atravessava o limite: êsse que separa os vivos da "Casa dos Mortos". A sociedade cobrara a sua dívida de um homem que matara um criminoso, em defesa própria e dessa mesma sociedade.

(IPA)

A Semana E

Matando o Brasil



VEM-NOS de Angra dos Reis êste g… de alerta e de ângustia: "Parem, senh… devastadores de florestas, parem de derru… as matas de Angra dos Reis" E conclui o … protesto: "Urge a adoção de providências e… gicas tendentes a pôr cobro a tão nefasto ab… Às autoridades compete aplicação da lei, fa… do-a ser respeitada onde e contra quem se … necessário, pois que, se ela existe, existe … ser cumprida. Recomendo, assim, a a… tura de rigoroso inquérito para a apura… da responsabilidade dos indivíduos ou fi… comerciais ou industriais que, com inob… vância dos preceitos contidos no Código … restal dedicam-se, no Municipal, ao trab… de exploração de matas e fabricação de ca… vegetal, obtendo-se, nos respectivos proces… elementos esclarecedores sôbre se a derrub… de mato tem sido executada sob licença … via da competente autoridade, bem como … se reflorestam as áreas devastadas". Essas … lavras constam do ofício que o citado … enviou ao delegado de Polícia daquele Município fluminense, uma vez que chegara… seu conhecimento estar sendo feita a derrubada das florestas sem qualquer observâ… das determinações do Código Florestal. Se as coisas continuarem assim, tôda aq… região acabará em inospitos e áridos murundus, sem um pé de mato para qualquer … tico fazer seu ninho e o homem encontrar sombra. Nossa imprevidência já nos tem cus… amargo futuro em matéria de devastação de matas. Quanto mais se queimam … árvores, mais se vai matando o Brasil. E' como se uma pessoa, para sobreviver, tiv… de comer o próprio corpo.

500 contos



O general Flores da Cunha, deputado pelo Rio Grande do Sul, na Câmara Federal, é um dos maiores admiradores dos jangadeiros cearenses que acabam de realizar esta proeza incrível: partir de Fortaleza, pelo mar, em uma jangada de pesca, e atingir Pôrto Alegre, tocando matemàticamente em vários portos. Essa gente, sem conhecer aparelhos de marear; sem que nunca houvesse tocado nos portos da escala; sem outra orientação que não a direção das ondas, as estrêlas e os ventos, conseguiu uma nova odisséia tão bela como a de Ulisses. Mas, nos tempos que correm, tais heroísmos passam quase despercebidos. O mundo da televisão, das viagens interplanetárias, dos corações de matéria plástica, etc., não se emociona com estas audácias. Quem irá cantar em versos o destemor dêsses bravos pescadores? Onde estão os poetas épicos para produzir poemas camoneanos? O mundo ainda tem seus heróis autênticos; mas a vida é outra. Uma voz, porém, se ergueu na Câmara e falou pedindo prêmios aos vencedores dessa Maratona marítima: o general Flores da Cunha. Apresentou, faz poucos … um projeto autorizando o govêrno federal a abrir crédito para a construção de casas … os tripulantes da famosa jangada "N. S. da Assunção". Será votado ainda nesta … gislatura? E se fôr, receberão os beneficiários o dinheiro para convertê-lo em lar? … que, entre nós, isto sucede constantemente: são votados os créditos com todos os … sitos legais; mais, infelizmente, é o próprio govêrno que informa, anos depois: … há verba". E com boa vontade ninguém compra casa. Nem de maribondo...

O progresso de S. Paulo



DENTRO de dois anos decorrerá o 4º … tenário da fundação de S. Paulo. … há o … tre o vasto programa dessas festas, … jeto da construção de grande e luxuoso … com 600 quartos, orçado em nove mi… de dólares, pela "Intercontinental Hotels … poration", e deve estar pronto em 1954, … homenagem aos 400 anos da cidade. … assunto não será apenas o edifício da " … continental" que vai dar grande impul… grande cidade rival do Rio. Recentement… assinado um contrato com a Companhia … América de Hotéis de Turismo, para … hotel localizado na Av: Ipiranga. Terá … andares num bloco de edifícios que co… cinema para 3.500 poltronas, 600 apartam… residenciais e cêrca de cem casas retalh… O hotel em projeto será o primeiro a d… de instalações de aquecimento na cidade. … Paulo avança em marcha acelerada para … situação de evidente supremacia no Brasil, … ças ao espírito de empreendimento de … filhos e de quantos ali se instalam, todos entusiasmados com as possibilidades a… tes. Não são poucos os homens de negócios de grandes e progressistas países de… do outro hemisfério, que, após visitar S. Paulo, chegam às suas terras fazendo os … rasgados elogios ao futuro de S. Paulo e da garantia segura e ininterrupta da rend… capitais que ali sejam investidos. Agora mesmo inglêses aconselharam os seus pat… a empregar capitais na terra bandeirante. E, daqui a dois anos, veremos o que … gente não fará, a título de solenizar o quarto centenário da velha Piratininga.

Em Revista

O homem e a maçã

O primeiro réu a enfrentar o julgamento do Júri Popular, chama-se Atalíbio Ferro. Juiz da Quinta Vara Criminal, Pio Borges Castro, depois de concluído o processo, ou-das as testemunhas e as razões da defesa, verificar que cabe culpa ao Atalíbio, con-cará os jurados para o julgamento do incurso as penas crime contra a economia popular. rá êle o primeiro réu a ser julgado por êsse ovo sistema de punir exploradores. De que acusado o Ferro? de ter majorado o preço e maçãs em sua barraca de feira do largo a Glória. Ao sair êste tópico, já o Atalíbio rá sido condenado ou absolvido. A estas ho-as, com certeza, deverá o feirante estar filo-fando sôbre a fatalidade que persegue os ho-ens nesse negócio de maçãs. Foi com uma essas frutas fatais que o desgraçado Adão erdeu sua vida calma no Eden, com água esca e boa sombra. Eva o seduziu auxiliada ela serpente, e o infeliz Adão provou do uto proibido do Bem e do Mal, passando a anter-se com o suor de seu rosto. E, desde aí, foi aquela desgraça. Com uma maçã, stêve o heróico Guilherme Tell a ponto de matar seu filho, se a seta se desviasse coisa e milímetros, e por causa de maçãs muitas lágrimas têm desabado no mundo. E o obre Atalíbio Ferro, rememorando tudo isso imagina o que não irá acontecer-lhe por ausa de uma dessas frutas amaldiçoadas. Se livrar-se da embrulhada preferirá vender gumes, verduras e frutas menos marcadas pelo destino. Para que arriscar-se com pro-utos estrangeiros? O mais fácil é ficar mesmo entre bananas, genipapos e cajus...

Engulir jornal

HÁ no Recife uma tradição que deve acabar de uma vez por tôdas: a de ameaças a jornalistas com a deglutição de seus artigos contra pessoas que não têm outro recurso para rebatê-los, senão o de entupir-lhes o estômago com papel de imprensa. Dizem que isso vem de muito tempo, quando era governador o circunspécto Barbosa Lima. Um jornalista escreveu uma crônica julgada insultuosa ao govêrno, e o grande Alexandre José Barbosa Lima, que tinha apenas 32 ou 33 anos de idade, não teve dúvidas: mandou trazer à sua presença o plumitivo desaforado e, calmamente, fê-lo sentar-se a uma mesa diante dêle, dizendo-lhe: ou engole isto, ou morre. O jornalista olhou a situação. Não havia outra saída. E foi convertendo o artigo em pílulas mais ou menos deglutíveis, que iam descendo esôfago a dentro com o auxílio de goles de água. Acreditamos que, não fôra a pouca idade do governador de Pernambuco, êle não teria recorrido a êsse processo de fazer calar a ornalistas. Barbosa Lima era uma das grandes culturas do Brasil, espírito sequiso de az, de progresso, de lutas em prol da sociedade. Seu govêrno, de 1892 a 1896, foi um os mais progressistas de que há memória em Pernambuco, tendo-se orientado pela cultura eral, desde a aula primária a das ciências. Mas não suportou o ataque do Arouchа. A tradição ficou. Sempre que um jornalista critica administradores recifenses, há quem meace com o engolimento do escrito. Agora volta o assunto à baila. O presidente a Câmara Municipal do Recife advertiu ao jornalista Nortan Macedo, do "Diário de 'ernambuco", que, se continuasse a escrever contra êle, teria que engulir o jornal. E o Diário" é muito volumiso...

F. A. O.

ENCONTRA-SE em nosso país vários técnicos norte americanos que vêm dedicar a tudos diretos sôbre tudo o que precisamos ara melhorar nossa produção nossos transpor-s, nosso padrão de vida. Ésses técnicos já ntraram em contacto com o govêrno brasi-iro e estão esperançosos de que o Brasil apres-a solução de vários problemas verdadeiramen-angustiantes. Os trabalhos preliminares a rgo da F.A.O. já foram iniciados, e das euniões tem resultado muita coisa de útil ara nosso país. Especialistas brasileiros estão rticulados com os membros americanos da F.A.O. e com êles têm trocado idéias que poderão resultar em grandes proveitos para Brasil. Depois de visitas protocolares e de otina a vários Ministérios, os elementos da or-anização internacional, seguirão para várias onas do interior de nossos Estados, onde es-udarão os problemas que exigem solução ra-ional e de ordem técnica. Vários brasileiros tegrarão a caravana internacional orientando-a a sua função construtiva. Não há dúvida que estamos passando por graves crises de rodução e de transportes. Se a F.A.O. conseguir algo de proveitoso, será o caso de ender graças aos céus. Uma coisa, porém, devia ser explicado aos leitores que lêem oticias dessa comissão internacional. Que quer dizer F.A.O.? O uso das soglas, embora nteressante e prático, deveria ser antecedido no nome inteiro da organização, a fim de que se saiba o que é. Certa vez um cidadão foi falar a um funcionário do Banco do Brasil, e lhe disseram: "O senhor vai aí na DFF, vira no PIC, entra na CEXIM e o ncontra no CAI. O homem desistiu...

A PERSONAGEM DA SEMANA

A política interna dos Estados Unidos recebeu, na semana que passou, verdadeiro impacto de sensação, cujos reflexos tiveram repercussão em tôdas as partes do mundo. Truman, que todos os seus compatrícios julgavam ir candidatar-se a mais um período presidencial nas próximas eleições, falando aos convencionais do seu Partido, o Democrata, declarou que não seria candidato ao próximo pleito. O fato surpreendeu todo o povo americano e até mesmo pessoas da própria família do atual Presidente ignoravam essa decisão. Até agora não se conhece, exatamente, o motivo central dessa deliberação, parecendo, porém, que o fato se liga ao desejo de Truman, de não competir com o seu amigo o general Eisenhower, que, como se sabe, além de ter sido um nome escolhido por Truman, é pessoa de sua confiança, e pelo qual tem verdadeira veneração. Seja como fôr, essa atitude vem mostrar que êle interpreta a democracia. Acha Truman que, mesmo se os Republicanos vierem a subir ao poder, a posição do país não se modificará em relação à firmeza com a Rússia e seus satélites, nem será modificado o programa de rearmamento e de consolidação geral perante todos os povos do mundo ocidental. A política norte-americana, quer seja dirigida por um Republicano, quer o seja pelo eleito do Partido Democrata, manter-se-á una e indivisível. Em verdade, tendo atingido, os Estados Unidos, a posição de povo líder no mundo, sua estrutura democrática não se abalará com alternativa de govêrno de um ou de outro dos dois preponderantes grupos políticos. E sabe-se ainda, que mesmo se o Democrata perder, terá maioria no Legislativo, o que é uma garantia para a linha de conduta interna e externa. Truman deu bela lição democrática.

Presidente Truman

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma noticia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* Gesteira.

Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.**

***Regulador* Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações**

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* Gesteira

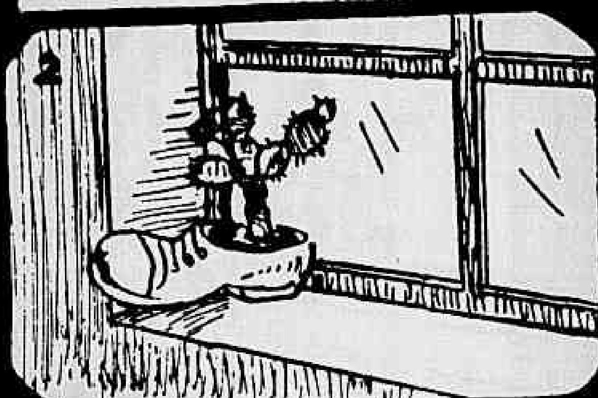
ÊSTE MUNDO E O OUTRO

MANUAL PRÁTICO DE GENTE SOVINA

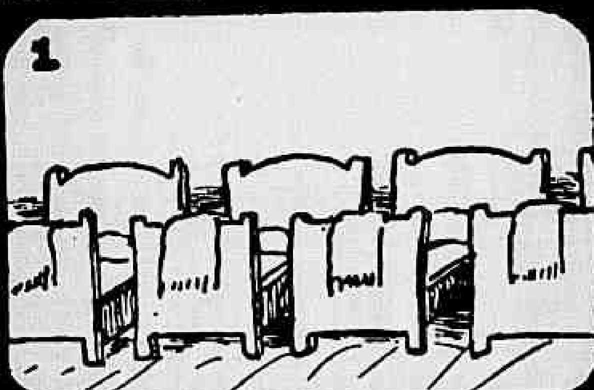
Criação de DARCY



Não. Não jogue fora as botinas velhas de seus filhinhos.



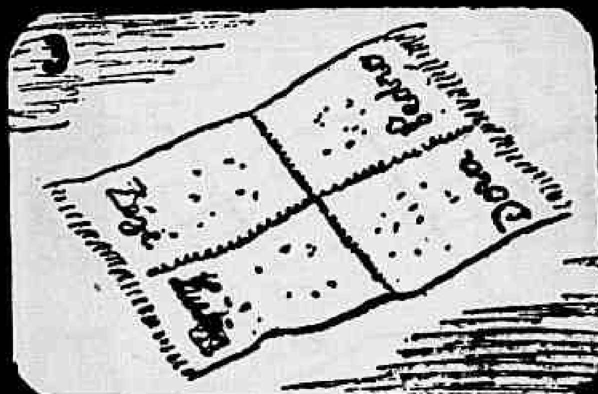
Elas darão encantadores vazinhos para a sala de visitas.



Não há necessidade de se ter uma toalha para cada filho.



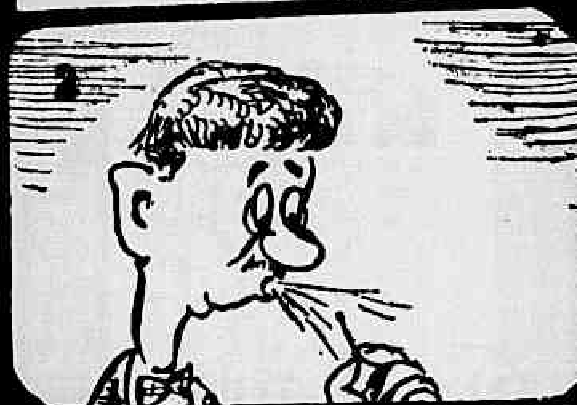
Combine a economia e higiene aos seus dons de bordadeira...



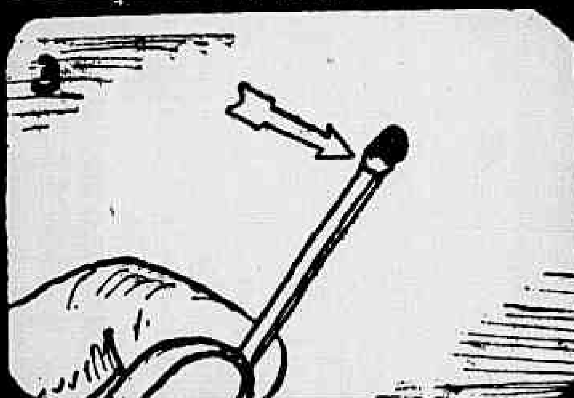
...de maneira que, apenas uma toalha sirva a todos os filhos.



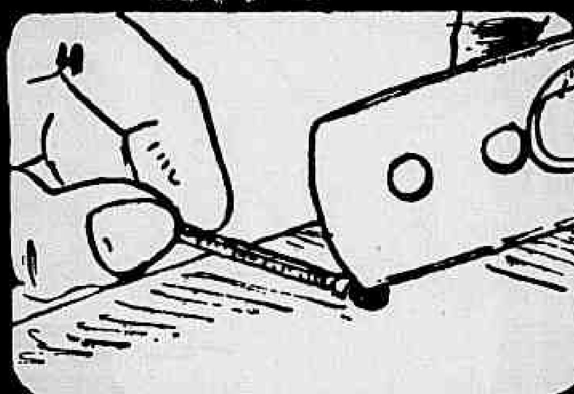
Quando acender um cigarro...



Assopre ràpidamente o palito de fósforo.



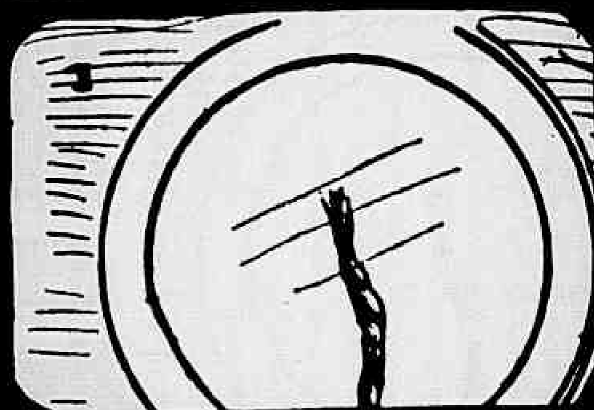
Muitas vêzes, consegue-se que a substância não se queime tôda.



Retirando-se com uma lâmina, a parte já queimada...



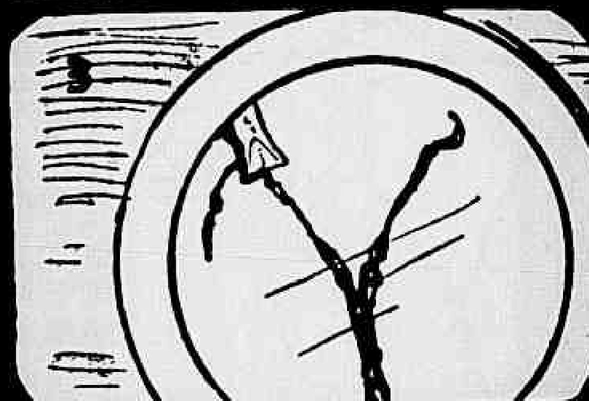
...será possível aproveitá-lo em outro cigarro.



Linha «n. 0» para costura, vista através de uma lente de aumento.



Não seja desperdiçada. Com paciência, uma pinça e habilidade...



...a senhora poderá dividi-la em duas, obtendo o dôbro.



Não respire profundamente. Não seja perdulário, sem motivo.



A respiração profunda obriga a um gasto maior de oxigênio...

OS NAVIOS DE STALIN

Por ROBERT CLYDE

EXCLUSIVIDADE DA **REVISTA DA SEMANA** NO BRASIL

HÁ dois anos a Rússia informou que estava empenhada num grande empreendimento de construção naval, com o que teria 1.000 submarinos em fins de 1951.

Há um ano passado ela disse que possuia entre 350 a 370 dêsses barcos de guerra e que estava construindo uns 120. Agora, ao fim dêsse segundo ano do programa naval, o melhor cálculo é que a Rússia não deverá ter mais que uns 370 submarinos, com uns 120 em preparação.

A autoridade sôbre tais cifras é o "Jane's Fighting Ships", edição de 1951-52, que acaba de ser publicado pela firma Sampson Low Marston and Co. Ltd. ao preço de £ 4,4s. Como sucedeu com os dois anos anteriores, dizem os editores que é "extremamente difícil obter novas informações acêrca da arma russa", e que "todos os detalhes de novas construções são, presentemente, muito reservados".

Referindo-se aos mil submarinos da programação em dezembro de 1949, os autores duvidam que a Rússia disponha de estaleiros suficientes e técnicos capazes de construir tão grande número de submarinos em tão curto espaço de tempo.

Sob o ponto de vista dos algarismos dados, tais dúvidas são hoje perfeitamente fundadas. E' interessante, porém, saber que os 120 submarinos, em construção, seriam todos êles do moderno tipo "snort".

Há muito poucas noticias sôbre navios de guerra do programa naval russo. Mas, a construção de um ou dois encouraçados de 42 a 45 mil toneladas, é persistentemente anunciada.

Houve o batimento da quilha de um grande navio de guerra russo, em Leningrado, de 40 mil toneladas, e que foi desfeito para dar oportunidade a um outro maior ainda, de desenho ligeiramente alterado, cuja construção se iniciou depois da guerra, naquele mesmo pôrto.

O total da marinhagem de guerra da Rússia é dada como orçando em cêrca de 520 mil homens.

Um navio irmão daquele "Magpie" que o Duque de Edinburgo recentemente comandou no Mediterrâneo, está agora a serviço da Armada Soviética, antigamente incorporado à Marinha Britânica. O navio "Lark", da Inglaterra, foi torpedeado quando em serviço de comboio, em fevereiro de 1944, e dado como perdido. Supôs-se depois que êle havia ido para Murmansk, como ferro velho. Mas se sabe agora que foi reconstruido e está em poder da Rússia.

O programa naval dos inglêses é destinado a fazer face a qualquer ameaça submarina vinda da Rússia. Vinte e quatro novas fragatas estão sendo construidas e um número de rápidos destroiers estão sendo adaptados ao serviço contra submarinos.

Dois destroiers reconvertidos estão em serviço agora e a reconversão de mais cinco está sendo processada a tôda pressa, bem como se iniciam os serviços de mais três, do tipo do "Relentless" e do Rocket".

Eventualmente haverá mais uns doze barcos do tipo do "Relentless", que, segundo diz "Jane's", serão capazes de fazer frente a qualquer campanha submarina por alguns tempos, desencadeada por qualquer inimigo potencial. Isto representa o mais rápido e mais efetivo programa de fôrças anti-submarinas de que a Inglaterra pode dispor no programa de construção naval.

Ao mesmo tempo está o programa suplementado pela simples forma de conversão de destroeirs em barcos anti-submarinos, dando à Grã Bretanha uma frota de navios ligeiros de boa qualidade anti-submarina.

O primeiro dêsses é o "Tenacious" e três outros tipos inguais estão sendo modificados. Cêrca de 45 destroiers serão convertidos em navios anti-submarinos. Ordens foram dadas para a construção de 41 caça-minas de um novo tipo.

A mesma publicação também chama a atenção para a gradual integração das esquadras das nações ocidentais. Unidades britânicas e norte-americanas integram as várias esquadras das Nações Unidas.

"A integração de vários tipos de navios de guerra proporciona uma estandardização entre as frotas aliadas e aumenta a amizade entre as nações". Isto é provado mais claramente no caso da União das Nações ocidentais: Grã Bretanha, França, Bélgica e Holanda que decidiram pelo mesmo modo de classificação para navios ligeiros e identificação de sinais.

Os navios da Comunidade Britânica crescem firmemente. A Austrália está programando uma frota de 116 navios, incluindo dois porta-aviões, três cruzadores, nove destroiers, 25 fragatas e 32 caça-minas. O Govêrno Canadense decidiu contratar a construção de 39 novos barcos de guerra, com a intenção de ter mais de 100 navios em 1954.



A própria Inglaterra está firme no aumento de sua esquadra de porta-aviões e tem 23 navios dêsse tipo em serviço ou em construção.

Dominando todo o panorama do poder naval do mundo está a esquadra dos Estados Unidos, que já possui cêrca de cinco mil vasos de guerra incluindo 102 porta-aviões, 15 encouraçados, 69 cruzadores, 348 destroieres e 263 navios de escolta e fragatas.

Esta imensa fôrça será eventualmente acrescida no minimo com um ou três gigantescos porta-aviões de cêrca de 60 mil toneladas. O primeiro dêles, o "James V. Forrestal" terá dispositivos modernos ainda não usados em outros. Será o mais rápido e o maior porta aviões do mundo.

NOTA FINAL: — *O Egito não tem agora mais do que 35 antigos navios britânicos, incluindo uma frota inteira de fragatas e três caça-minas usados como corvetas.*

Semana Literária

EDMUNDO LYS

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

(De JOTAGÊ)

SUAVIZANDO a agrestia dos números com a beleza da História, Mário Alves Marques escreveu esplêndida «Contabilidade Expositiva», Melhoramentos, 1952. Vejamos a página 7: «... a natureza parece ter indicado os sistemas de numeração, servindo-se os antigos dos membros superiores e inferiores para a determinação quantitativa, resultando disso a criação dos três sistemas: quinário, decimal e vigesimal, segundo pondera Humboldt. Tornando-se ainda pequeno o número 20, empregavam as combinações de que ainda restam vestígios na língua francesa: **six-vingts, quinze-vingts** e modernamente o **quatre-vingts (80)**».

★

EVOCANDO o extraordinário educador Abílio César Borges, escreveu Xavier Márques: «Aquilo que a educação pôde fazer pelos destinos duma inteligência, êle o recebeu, sem dúvida, no Ginásio Baiano, sob a direção do barão de Macaubas» («Vida de Castro Alves», página 50, 2ª edição, Anuário do Brasil, Rio, 1924).

★

ERROS vária espécie, até solecismos, pululam na «Viagem no interior do Brasil», de João Emanuel Pohl, edição do Instituto Nacional do Livro, 1951. Teodoro Cabral traduziu; fizeram a revisão ortográfica e estilística os profs. Filomena Filgueiras e Petrônio Mota. Um pouquinho do I vol.: «Constrangem-nos a tais vôos o **medo** aos atuns... (Pg. 41). «... e sò os grandes **esforços** dos sacerdotes **logrou** compôr a discórdia (Pg. 302). «. .. . suas fortes **garras** salientes os **atemorizava**... (P. 367). «Hoje não **resta** delas nem vestígios (Pg. 368. A forma **bororós**, pgs. 311 e 312, incrível que ainda apareça em obra de tamanha responsabilidade; certo é borôros, sem nenhuma dúvida!

★

NO LIVRO de João de Canali «Américo Vespúcio — espião ou navegador?» — Livraria H. Antunes, Rio, sem data, encontramos lúcido artigo de Gago Coutinho. Expressivo trecho da pg. 67: «A Vespúcio só valeu, como antes valera a Colombo, o prestígio de ter feito viagem muito longa com os hábeis pilotos de Portugal».

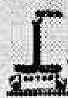
★

NO «ARQUIVO do Distrito Federal», volume I de 1950, lê-se, pg. 19 uma Ata da visita do Prefeito ao Arquivo Geral da Prefeitura. Mandaram redigir a lamentável Ata os srs. Clóvis Monteiro (Secretário Geral de Educação e Cultura) e Oton Ferreira de Barros (Diretor do Departamento de História e Documentação). Ainda julgam os dois que 20 de janeiro é data de fundação da cidade do Rio de Janeiro!!! Qualquer criança, hoje, emenda para: primeiro de março de 1565.

"O PENSAMENTO INDUSTRIAL NO BRASIL"

HUMBERTO BASTOS

O PENSAMENTO INDUSTRIAL NO BRASIL



Livraria Martins Editora

NO campo da literatura econômic[a e] social nenhum outro autor exc[e]de o Sr. Humberto Bastos na constân[-]cia da pesquisa e na inteligência d[a] interpretação. Sua obra, que evolu[iu] desde a monografia aos níveis ma[is] altos em que atualmente se encontr[a], já hoje cobre todo o território da ec[o]nomia no Brasil, que veio desbravand[o] paulatinamente, através da seqüênc[ia] de livros que escreveu num espa[ço] pouco maior de dez anos.

"O Pensamento Industrial do Br[a]sil", agora lançado, explica o aut[or] que constitui uma introdução à histór[ia] do capitalismo industrial entre nós [e] resultou da coleta de notas e inform[a]ções com que se aparelhava para e[s]crevê-la, em obediência a compromis[so] nesse sentido assumido com o **Fon[do] de Cultura**, do México. E' um livro q[ue] anuncia, pelas suas próprias qualid[a]des, a obra provàvelmente mais co[m]pleta sôbre a indústria no Brasil, quando vier a ocupar seu lugar em nos[sa] bibliografia de assuntos econômicos.

A vantagem do Sr. Humberto Bastos sôbre outros estudiosos é, em prime[iro] lugar, o estilo despretencioso e fácil no qual traduz seu pensamento, capaz [de] imprimir calor e colorido a uma matéria geralmente considerada desinteressan[te] pelos que não são especialistas; vem em seguida a desenvoltura com que [se] coloca alternadamente, acompanhando as exigências do assunto, na posição [de] técnico, de sociólogo, de historiador, deslocando-se com desembaraço n[um] ca[m]po de visão de 360°.

"O Pensamento Industrial do Brasil" reafirma as qualidades anteriorme[nte] apontadas na sua obra e oferece novos planos de clivagem à interpretação h[is]tórica do fenômeno industrial em nosso país.

Livro destinado aos estudiosos, é ao mesmo tempo uma leitura agradável pa[ra] quantos se interessam pelos diferentes aspectos da cultura brasileira.

Centenário de Narcisa Amalia

COMEMOROU-SE êste mês (exatamente a 3 de abril), o primeiro centenário do nascimento de Narcisa Amália da Rocha, figura invulgar de mulher, escritora e professôra, cujo nome ficou lembrado pela obra que nos legou e pela homenagem que lhe prestou a Academia Feminina de Letras, de cuja cadeira nº 3 é a patrona.

Muitas homenagens foram prestadas à saudosa escritora, devidas principalmente à iniciativa da escritora Else Machado, atualmente ocupante, naquela Academia, da cadeira posta sob a invocação da poetisa de "Nebulosas".

Narcisa Amália que é recordada como mulher de inteligência e de peregrina beleza — do que guardam lembranças seus retratos de mocidade, como o que aqui publicamos por gentileza de Else Machado — nasceu em São João da Barra, Estado do Rio, a 3 de abril de 1852, tendo falecido no Rio, a 24 de Junho de 1924. Após seu falecimento, a REVISTA DA SEMANA publicou um lúcido estudo de Escragnole Dória sôbre a poetisa fluminense. Jornalista aos 15 anos de idade, fazendo imprensa provinciana, pois publicava suas produções em um jornal de Rezende, "O Astro Rezendense", continuou a escrever, colaborando em diários e revistas do Rio e de outras províncias, além da sua, bem como em jornais portuguêses. Publicou seu primeiro livro de poemas, "Nebulosas", em 1872: foi um sucesso extraordinário. Em março de 1873 os intelectuais fluminenses lhe ofereceram uma significativa homenagem, em Rezende, recebendo, então, como prêmio de seu labor poético, uma lira de ouro, uma coroa de louros e uma pena também de ouro.

Transferindo-se para o Rio, foi nomeada professôra em 1890, pôsto que exerceu com grande talento e autêntica vocação, nêle se jubilando em 1915. Narcisa Amália foi uma notável mestra e uma figura invulgar de mulher, considerada justamente uma pioneira das reivindicações femininas, no seu tempo.

Justas, portanto, as homenagens que lhe foram prestadas na comemoração do centenário de seu nascimento, às quais nos associamos.



Narcisa Amália aos 39 anos

NOTICIÁRIO



Nelson Rodrigues

NELSON Rodrigues escreveu uma nova peça — que ainda está sem nome. Tentativa de teatro de costumes. Segundo já se divulgou, a história é a de uma mulher cuja maior aspiração era o entêrro de luxo, o seu entêrro, com o qual iria fazer inveja à vizinhança. A cena final se passa em um estádio de futebol.

★

POR falar em Nelson Rodrigues: Sábato Magaldi está preparando um ensaio sôbre o teatrólogo mais discutido dêste meio século, a ser em breve publicado em livro e que contém muita coisa nova sôbre o autor de «Álbum de Família».

★

PREPARAM-SE solenidades e edições de revistas e jornais para a comemoração dos trinta anos da Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em abril de 1922, marco inicial da revolução modernista que tanto bem fêz às nossas letras e às nossas artes. A própria Academia Brasileira, por proposta de Cassiano Ricardo, pertencente à geração dos revolucionários e atualmente na Casa de Machado de Assis, também vai comemorar o acontecimento.

★

CARLOS Drummond de Andrade, que vem de publicar o livro de poemas «Claro Enigma», que (no mesmo último número do «Jornal de Letras») Manuel Bandeira indicou como um dos seus sucessores na cadeira 52 da Academia, e Álvaro Moreyra citou como um dos cinco maiores poetas brasileiros — vai publicar em breve outro livro: «Passeios na Ilha», livro de crônicas com um sub-título, isto é, «variações sôbre coisas literárias e outras matérias».

★

A editôra «A Noite» vem de lançar o livro de Pedro Calmon — «O Segrêdo das Minas de Prata».

★

VEM de aparecer o novo livro (de crônicas de viagem) de José Lins do Rego — «Bota de Sete Léguas».

LETRAS MINEIRAS

O Prefeito de Juiz de Fora, instituiu, ali, sob o patrocínio da Prefeitura, uma série de conferências literárias, convidando para realizá-las figuras das letras de Minas e do país. O escritor Moacir de Andrade acaba de regressar daquela cidade, onde pronunciou uma brilhante palestra, com o tema «O Espírito de Antônio Carlos».

FORA DO PRELO

O LIVRO DA SEMANA:

SOLTEIROS NO CIVIL E NO RELIGIÒSO

QUER Eduardo Palmério, autor de "Solteiros no civil e no religioso", que êste seja um romance que, pelos tipos e pelas cenas, poderia passar-se em qualquer parte do mundo. Não pensamos assim. Aliás isso nada acrescentaria ao romance tipicamente urbano e tipicamente brasileiro. Tanto as cenas que fixa, como a própria história e os próprios caracteres são exclusivamente brasileiros. Diremos até que o ambiente do livro é mesmo regional e a nós nos parece que êsses acontecimentos narrados só poderiam ter lugar em São Paulo, onde realmente decorre a ação do livro. Isso, em vez de diminuir, acrescenta ao romance, todo êle muito bem criado, escrito em bom estilo, vasado em prosa ágil, com figuras que pertencem realmente ao domínio de uma realidade fictícia, mas convincente.

O único defeito do romance de Eduardo Palmério seria talvez o de ter uma dose muito forte de pessimismo, de invencível amargura. Não encontramos aqui o contraste para o termo de comparação. Êle aterrissa em um mundo canalha e nêle se compraz com certa ferocidade e certo deleite. Seu romance talvez peque por ter o autor extravasado nêle muito de sua experiência pessoal, sem o que o livro não seria possível, mas êsse material carecia uma certa mão forte, para freiá-lo, selecioná-lo, não deixar que êle tomasse inteiramente conta da obra, do autor, evitando que o romance resultasse em sátira quase direta, quase exageradamente pessoal.

O livro é acerbo e muitas vêzes caricatural. Isso prejudica bastante sua fabulação a que não toca a mais leve poesia. O meio jornalístico e boêmio que êle nos pinta é sobremaneira direto e, assim, foge à realidade romanesca que precisa da realidade mesma, porém filtrada pelo artista. O romancista não pode, nem deve fotografar os acontecimentos. Menos ainda deformar com paixão, no sentido de sua simpatia, os assuntos que tem em mãos. O tom dêste livro é verrimoso, com extravasamento de ódios, com indisfarçáveis vinganças, na sua galeria de tipos. Deixa-nos a impressão de um livro de memórias mal mascaradas e intencionalmente ferinas. Assim, ao longo de suas páginas vai nos tomando um dissabor que prejudica o romance em si. Fica o autor, com seu estilo leve, ductil, de extrema facilidade, combinando com uma fabulação sempre interessante, embora o sarcasmo vá fazendo soar, a cada página, a nota subjetiva e, principalmente a nota moralista, por menos moral que o livro queira ser. Finalmente, há muita caricatura nesse "jornalismo" que nos pinta o autor, generalizando, o que foge bastante ao que é de fato a imprensa brasileira, hoje em dia. De tôda maneira, entretanto, "Casados no civil e no religioso" é um livro que se lê com interêsse e que representa uma contribuição apreciável em nosso romance urbano.

Edmundo Lys

GUILHERME LUÍS, BARÃO DE ESCHWEGE — O notável sábio, patriarca de nossa geologia, aparece no vol. 10 dos Arquivos Históricos das Edições Melhoramentos: «Guilherme Luís, Barão de Eschwege», em tôda a sua grandeza e atividade. Frederico Sommer escreveu o livro, que tem boas ilustrações, para que os brasileiros em geral estudem a figura admirável de quem tanto fêz pela nossa terra no campo da cultura.

GUIA PARA O PACIENTE TUBERCULOSO — Volume 5 da série Saúde para todos, das Edições Melhoramentos, «Guia para o paciente tuberculoso» é uma obra prática e simples, que realiza os objetivos expressos no título. De autoria do especialista europeu G.S. Erwin, é tradução do dr. José Luzzi Júnior, com revisão e anotações do dr. Paulo Minervini. Chamamos a atenção das autoridades sanitárias para o valor dêste livro.

QUATRO CAMINHOS — Quatro caminhos da poesia e quatro poetas aparecem neste volume que data do fim do ano passado. Os poetas: Célio Grunewald, Cid Andrade, Jacy Pacheco e Lourival Passos.

São quatro líricos de grande afinidade entre si, embora cada um apresente tendência própria. Célio Grunewald é um intimista, um sentimental, cultivando as formas tradicionais, sobretudo o soneto, mas trabalhando menos o verso. Falta-lhe maior refinamento artístico, maior continência romântica. Mas os seus versos são simples e comunicativos, com serem assim expontâneos. Cid Andrade é também um poeta apaixonado. Entretanto, herdou um pouco do parnasianismo e lavora mais os seus decassílabos. Seus sonetos, por isso, fogem a certa singeleza, exigida pelos seus temas, no geral muito simples. E' também troveiro e, aqui, êle vai a essa ingenuidade que a rendilha impõe. Necessita emancipar-se de lembranças que guardou dos velhos mestres, para deixar cantar a sua própria voz. Jacy Pacheco é um temperamento poético. Sua musa tem acentos pessoais. Verseja com facilidade e procura os temas menos enfáticos. Ainda se compraz com certas notações de lirismo ingênuo, revelando, também, certo pendor para a poesia social. Voz clara e comunicativa. Lourival Passos é também uma vocação e uma sensibilidade. Lírico, trabalha com apuro os versos e sempre nos dá uma nota original em seus poemas. E' bom que se tenha libertado dêstes primeiros versos, a fim de alargar os horizontes de sua arte, dando maior liberdade à sua inspiração.



Leda Carvalho tem uns olhos oblíquos de cabocla e uma figura jovem e graciosa. Derrotou Piedade Coutinho, a invicta. Vemo-la em ponto grande, dominando a piscina do alto do trampolim e, num detalhe, quando recebia o primeiro telefonema de felicitações.

BI-CAMPEÕES OS PAULISTAS

NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE NATAÇÃO

OS CARIOCAS FORAM OS MAIS FORTE COMPETIDORES DOS PAULISTAS ★ PIEDADE COUTINHO, A INVICTA, FOI BATIDA PELA JOVEM LEDA DE CARVALHO ★ COMPARECERAM DELEGAÇÕES CARIOCA, MINEIRA, PAULISTA E SUL-RIOGRANDENSE ★ JOÃO GONÇALVES FOI O HERÓI DA BELA COMPETIÇÃO AQUÁTICA

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JÚNIOR ★ **Fotos de DARIO TERINI**

Belo Horizonte, março.

A despeito do mau tempo reinante durante os dias em que se desenrolou o fascinante Campeonato Brasileiro de Natação, recentemente realizado nesta Capital, a competição revestiu-se de brilho invulgar, se levarmos em conta a classe, a técnica e o sadio espírito esportivo que vigoraram durante tôda a jornada. Compareceram os expoentes da aquatica nacional, representando o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, que mediram fôrças com vontade, ante a perspectiva dos Jogos Olímpicos de Helsink, e que se aproximam.

Vale acentuar que as pelejas foram bastante renhidas e o Estado de São Paulo, ao levantar o bi-campeonato brasileiro de natação, superou as próprias espectativas dos seus paulistas do esporte aquatico, que viam, nos cariocas, perigosos e valentes adversários, com elementos como Boghosian, Piedade Coutinho e Ilo Fonseca, que foram batidos, com surprêsa geral, pelos bandeirantes.

COMO DECORREU O CAMPEONATO

Os cariocas, mineiros, gaúchos e paulistas, primaram, durante todo o campeonato, pela disciplina, que norteou todos os seus atos, dentro das competições e por uma cordialidade esportiva, que deu brilhante caracter ao certame.

Em geral, o nível técnico foi satisfatório, tendo deixado, mesmo, bons prognósticos para as futuras competições continentais e intercontinentais das quais o Brasil participará.

Foi-nos dado ver que, dia a dia, o Brasil vai tomando mais pé no esporte aquático, podendo hoje, sem mêdo, em qualquer das suas modalidades, disputar decentemente, esperando ótimos resultado, dos pupilos dos vários estados da Federação que dominam as piscinas, os trampolins e as pranchas.

HERÓIS DA JORNADA

Os nadadores paulistas estiveram concentrados em Pacaembu, desde alguns dias antes do Carnaval e quando adrentaram as piscinas da capital das alterosas foi com o firme propósito de levar para o planalto o cetro de bi-campeões, conseguindo com muito esfôrço e dedicação. Não mediram esforços os representantes da bandeira das treze listas, sacrificando até seus prazeres individuais, isolando-se do resto do mundo por vários dias, numa concentração digna de elogios, para reunirem o máximo de perfeição e energia, a fim de lograr o êxito verificado no maior certame aquático do país.

OS QUE MAIS SE DESTACARAM

Dentre a equipe bandeirante, alguns jovens nadadores e nadadoras são, sem dúvida, merecedores de registro especial, em virtude dos resultados conseguidos. Citaremos, aqui, Leda Carvalho, que superou a veterana, simpática e invicta Piedade Coutinho; João Gonçalves, Paulo Catunda e Tetsuo Okamoto, êste, revelação do último panamericano de esportes, realizado na Capital portenha.

João Gonçalves venceu provas que, sem dúvida, decidiram a vitória dos paulistas. No nado de costas, onde a natação do planalto não tinha, até então, nenhuma expressão, logrou, o popular "peixinho", bater o experimentado carioca Ilo Monteiro da Fonseca, recordista nacional, constituindo essa a 3ª grande surprêsa do Campeonato Brasileiro, uma vez que a 1ª fôra dada por Leda Carvalho, ao bater Piedade Coutinho e a 2ª quando os paulistas bateram Aran Boghosian.

CARIOCAS CAMPEÕES DE SALTOS E POLO

Espetacularmente, os "ases" da aquática bandeirante levantaram o cetro de bi-campeões, perdendo, todavia, para os valorosos adversários cariocas, em polo aquático — 9 x 1 — e em saltos ornamentais.



As atletas paulistas estavam sob as vistas de uma guardiã (acima). Mesmo tricotando, ela estava alerta.

A vitória dos nadadores do planalto só foi decidida no último dia do campeonato, quando Paulo Catunda e Tetsuo Okamoto venceram, de maneira insofismável, a prova dos 200 metros, nado livre, com grande surprêsa para a assistência e para o favorito da prova, que era o carioca Boghosian.

FEMÍNINAS

A despeito de caber aos paulistas a vitória total do certame, foram as cariocas que levantaram, pode-se dizer, o título de campeões de 52, pois superaram as bandeirantes em 39 pontos, deixando-as, portanto, donas de um 2º lugar.

O conjunto feminino guanabarino apresentou-se homogeneo, dono de uma técnica admirável e de uma classe sem par, tendo sido mais do que merecia sua vitória. Todavia, as paulistas, as mineiras e as gaúchas souberam perder, tendo feito, do campeonato um ponto distinto de reunião desportiva, onde valia, acima de tudo, o espírito de cordialidade.

RECORDE QUEBRADO

Na prova de revezamento 4 x 200, os paulistas quebraram o recorde nacional, cobrindo o percurso em 9'18"3, tempo êsse superior também, ao índice olímpico, tendo o feito sido realizado por Rolf Kestener, Paulo Catunda, Tetsuo Okamoto e João Gonçalves.

ÚLTIMA JORNADA

As provas disputadas na última jornada do certame aquatico foram as seguintes:

1ª Revezamento 4x100 metros, nado livre para homens: 1º — paulistas, com Paulo Catunda, Tetsuo Okamoto, Willy Jordan e João Gonçalves, com o tempo de 4'05"8; 2º — cariocas, com Aran Boghosian, Douglas Lica, Sergio Rodrigues e Eduardo Alijó, com o tempo de 4'06"8; 3º — mineiros.

2ª — 200 metros, nado livre para moças: 1º — Piedade Coutinho, carioca, com o tempo 2'37"9; 2º — Marlene Pinto, carioca, com o tempo 2'44"5; 3º — Leda Carvalho, paulista, com o tempo 2'47"8.

3ª — 1.500 metros, nado livre para homens: 1º — Tetsuo Okamoto, paulista, com o tempo 20'33"4; 2º — Silvio dos Santos, carioca, com o tempo 20'35"8; 3º — Nivaldo Gonçalves, paulista, com o tempo 21'02"4.

4ª — 200 metros, nado de peito para homens: 1º — Otavio Mibiglia, paulista, com o tempo 2'43"5; 2º — Ademar Grijó Filho, carioca, com o tempo 2'36"6; 3º — Willy Jordan, paulista, com o tempo 2'48"8.

5ª — 200 metros, nado de costas para homens: 1º — João Gonçalves, paulista, com o tempo 2'3"6; 2º — Fernando Pavá, mineiro, com o tempo 2'36"6; 3º — Ilo Monteiro da Fonseca, carioca, com o tempo 2'37"4



A alegria da vitória prorrompeu em vivas, hurras, manifestações de tôda sorte. Aqui vemos a rapaziada, no final das provas, entregue às suas expansões.



No grande certame aquático de Belo Horizonte as garôtas tiveram um [illegible] destacado. Mas o destaque não foi só na competição... Olhem e enten[illegible]



Aí está uma, no momento em que terminava a "toilette" sumária de piscina. Quando deu pela presença do fotógrafo fêz um ar de surprêsa... mas gostou.



Inge, trapezista do Rio de Janeiro, fêz sensação com os saltos de que [illegible] Ela atesta, na foto, que a mulher é, incontestàvelmente, o mais belo dos [illegible]

[illegible] alto [illegible] as [illegible], Piedade Coutinho ([illegible] esquerda) e Leda Carvalho [illegible] se beijam depois da prova, num belo gesto de cordialidade esportiva [illegible]
[illegible] Oka [illegible] pelo [illegible] Campeonato Pan-Americano de Natação [illegible]



...erborg (no alto) é natural de Rio Claro e uma das campeãs paulistas de ...ação. Além disso levou a Belo Horizonte a graça loura de sua figurinha. ...mo Ingerborg, Nora Fausz (em baixo) é outra amostra do "melting-pot" pau... Ela conquistou o primeiro lugar em salto de plataforma, a dez metros.





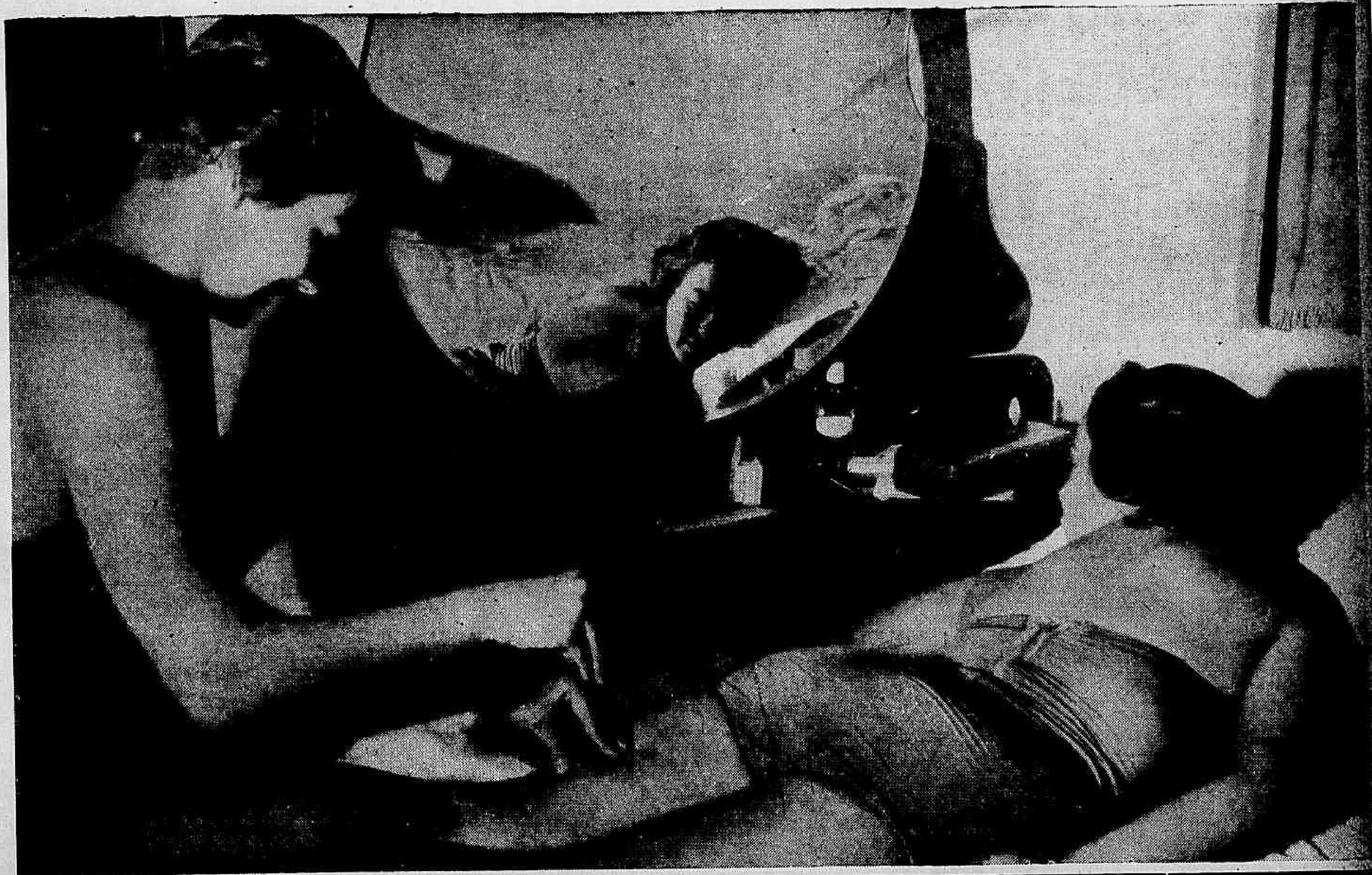
Os "brotos" também tinham seus problemas e caíam no baralho para ma... tempo até ao "toque de silêncio". Nessa vida em que se alternavam as ... vas esportivas e as horas vazias, as delegações consumiram vários ...



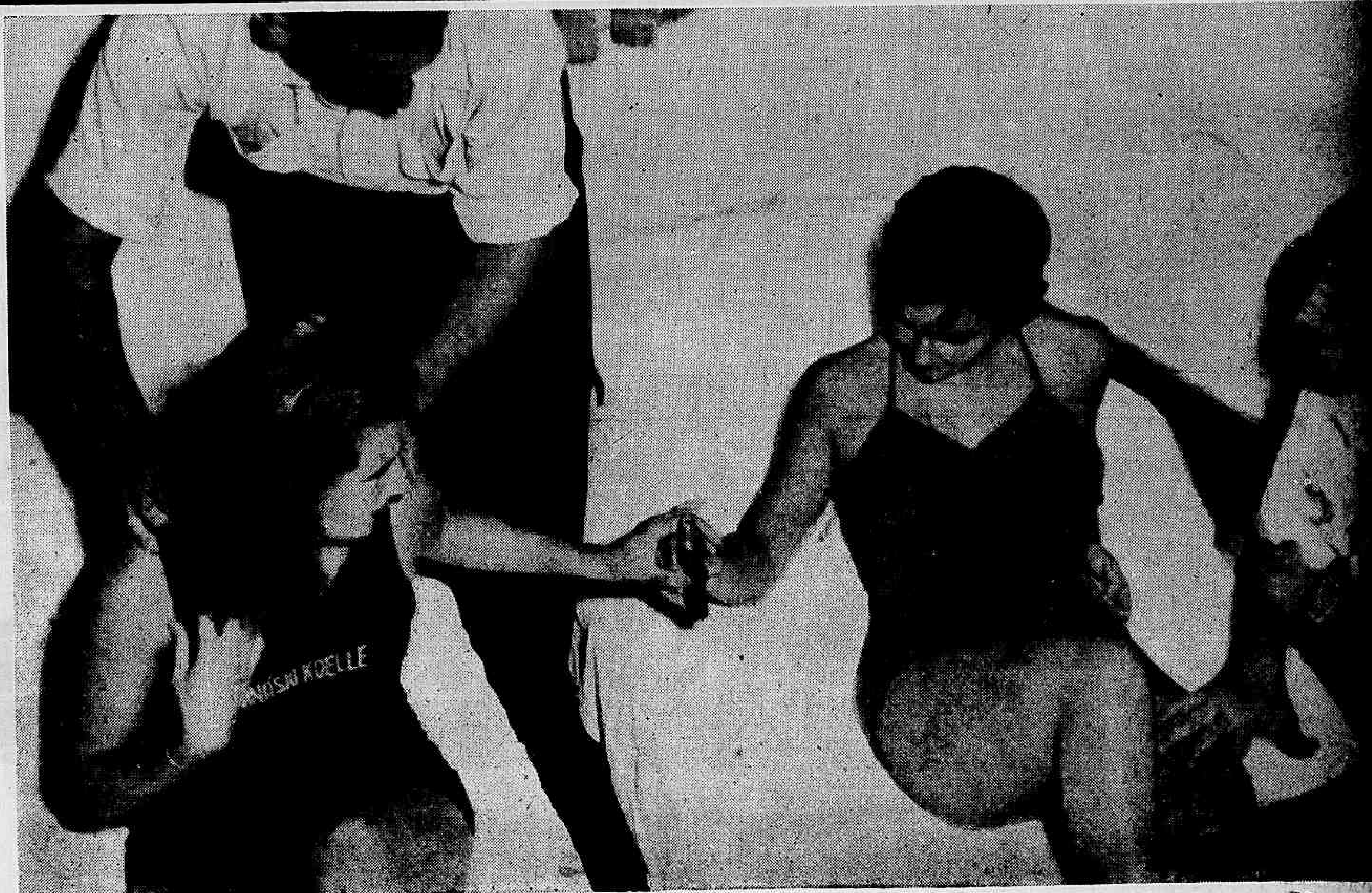
As nadadoras paulistas liam as vitórias das cariocas, nos jornais ... e ficavam tristezinhas, como podemos observar no alto. Mas apesar ... (como vemos em baixo) não perdiam o apetite e sentavam à mesa com en...



Qu...
tic...



Quanta gente querendo ser massagista — desejo, aliás, fàcilmente explicável! As atletas paulistas precisavam de massagens não só para manter a ela ticidade dos músculos necessária à competição, mas também porque o frio das Alterosas não é sopa. Vemos aqui dois flagrantes das aplicações técnic



UM CENTENÁRIO NO MUNDO DA MÚSICA

Maestro Henrique Oswald

UMA exposição retrospectiva, instalada no Museu dos Teatros, que funciona no edifício do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, recordou a vida e a arte do Maestro Henrique Oswald, na data do centenário de seu nascimento.

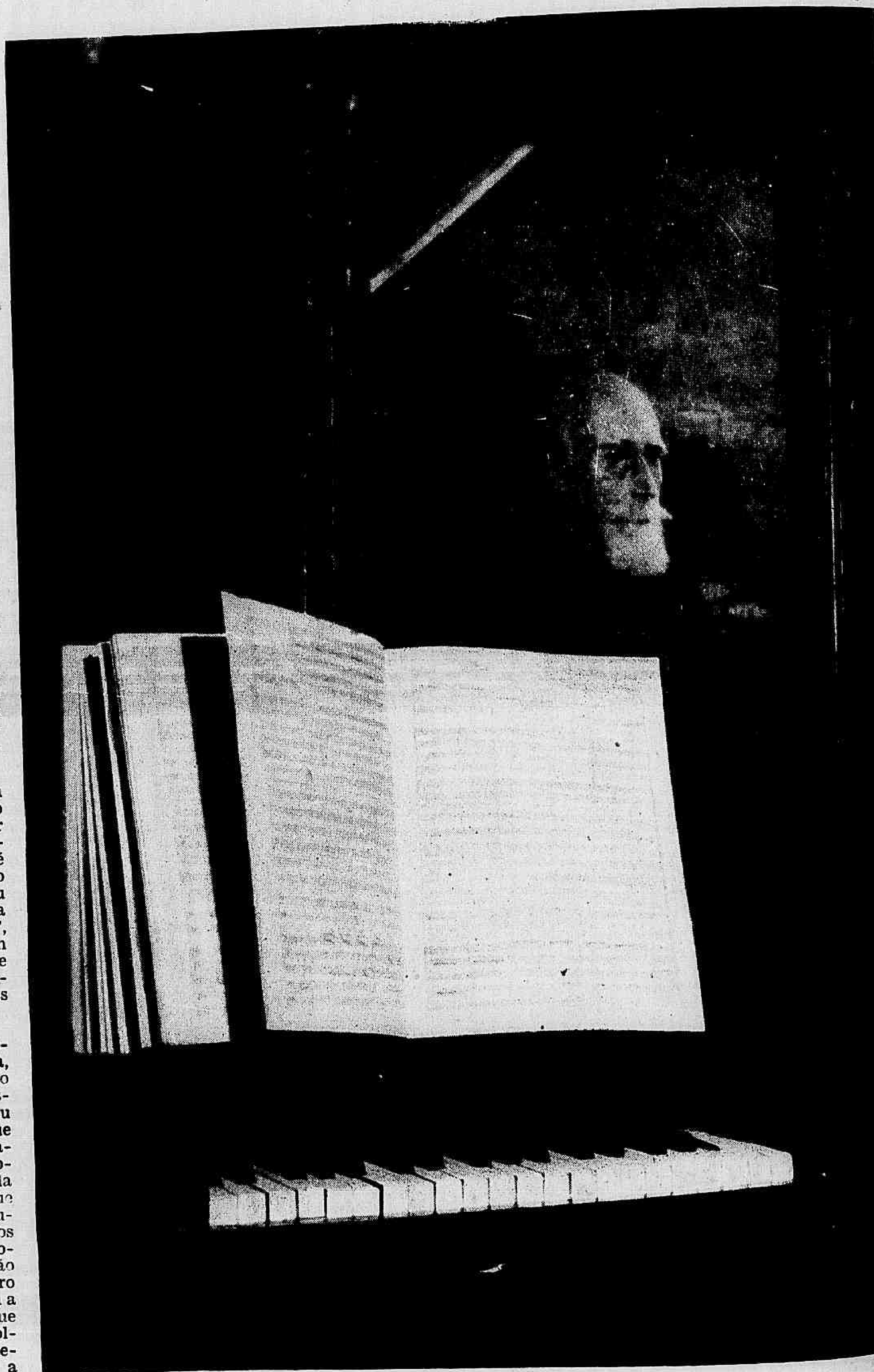
Oswald era suiço-brasileiro, nascido no Rio de Janeiro em 1852. Seu pai, negociante, emigrara da Suiça já casado com a sra. Carlota Cantagalli Oswald, pianista italiana. Com sua mãe, Henrique, até a idade de 16 anos, fêz seus primeiros estudos, terminados os quais partiu para Florença, na Itália, onde aprimorou seu gôsto pelo piano. Regressando ao Brasil foi pôsto sob a proteção de D. Pedro II e assim concluiu seus estudos.

Em 1902, quando já era um nome amplamente conhecido no Brasil, foi nomeado Diretor do Instituto Nacional de Música, em cujas funções ficou até 1908. Não abandonou o ensino da música, em que prosseguiu até seus últimos dias. Sua casa era conhecida como um "salão", onde se festejavam os nomes em evidência no mundo da arte e onde muitos amigos mais chegados de Oswald ouviram suas composições originais.

Formado e educado na Europa, seu espírito trazia a marca, a medida, o hieratismo do gôsto europeu em voga. Não foi, assim, excessivamente pessoal ou mesmo nacional na obra que produziu. Não faltam qualidades a essa obra mas quando hoje se diz que ela está esquecida quer-se aludir ao contraste que apresenta com a produção musical corrente, desde vinte anos atrás impregnada de um nacionalismo que deu sua expressão mais alta na figura do Maestro Vila-Lobos. Não tardará porém a ressurgir o nome de Henrique Oswald, junto com o de Leopoldo Miguez, ambos hoje em penumbra, tanto é certo que a verdadeira arte pode ter épocas, mas não se conta por escolas.

A Comissão Artística Cultural do Teatro Municipal incluiu, no programa de festejos com que comemorou o centenário de Henrique Oswald, audições de sua música sinfônica e a montagem de sua ópera "Il Neo", em um ato e três quadros, que permanece inédita. Êsses espetáculos serão dados na temporada artística dêste ano.

Henrique Oswald faleceu nesta capital, a 10 de junho de 1931, quase octogenário.



Detalhe da exposição realizada no Museu dos Teatros: uma tela, representando o Maestro; uma partitura, de sua lavra; o teclado mudo, de seu uso particular

Obras completas de Henrique Oswald

TEATRO:

La Croce d'Oro — 3 atos — 1872; Il Neo — ato — 1900; Le Fate — 2 atos — 1902.

GRANDE ORQUESTRA:

Suite d'Orchestre — 1884; Sinfonietta — 1890; Symphonia — 1910; Prelúdio e Fuga em re menor; Prelúdio e Fuga em si menor.

TRANSCRIÇÕES PARA GRANDE ORQUESTRA:

Noturno op. 6, n. 2; 4º Noturno; Paysage d'Automne; Em Rêve; Il Neige!; Idylle; Sur la Plage.

ORQUESTRA DE CORDAS:

Prelúdio e Fuga em dó menor; 6 Fugas; Gavotte; Minueto; Sarabanda; Scherzo; 2 Romances; Habanera; Prelúdio e Fuga em la bemol; Prelúdio e Fuga em la menor.

TRANSCRIÇÕES PARA ORQUESTRA DE CORDAS:

Sonhando; Bebé s'endort; Sérénade.

PIANO E ORQUESTRA:

Concêrto op. 10; Andante e Variações.

VIOLINO E ORQUESTRA:

Concêrto.

CANTO E ORQUESTRA:

Invocação à Arte — côro; L'Enseigne — voz solo.

CÂMERA:

Ottetto, op. 45 — 4 violinos, 2 violas, 2 celos; Quintetto, op. 18 — piano, 2 violinos, viola, celo — 1894; Quartetto, op. 5 — piano, violino; Sonata — piano, celo; Sonata piano, violino, viola, celo; Quartetto, op. 16 — 2 violinos, viola, celo; Quartetto, op. 39 — 2 violinos, viola, celo; Quartetto, op. 46 — 2 violinos, viola, celo; Trio, op. 9 — piano, violino; viola, celo; Quarteto, op. 26 — piano, violino, celo — 1897; Trio, op. 45 — piano, violino, celo — 1916; Sonata — piano, violino; Sonata — piano, celo; Sonata Fantasia — piano, celo — 1915.

ORGÃO:

Sonata.

CANTO:

Ofélia — Poemeto Lírico; Aos sinos; Minha estrêla; Canção boêmia; Ave.

VIOLINO:

2 Berceuses; 2 Romances; Sérénade; Canto Elegiaco; Noturno.

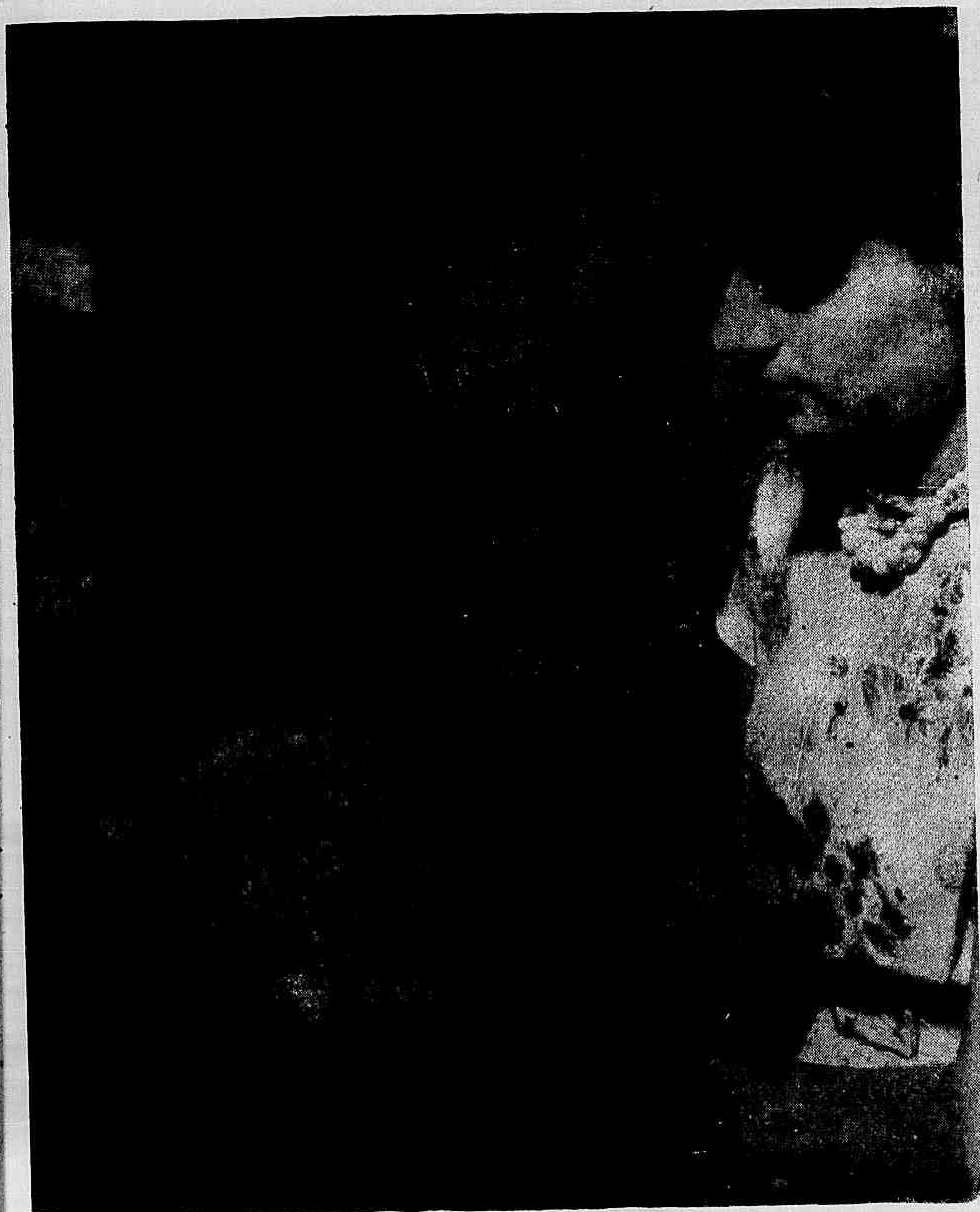
VIOLONCELO:

Elegia.

Macchiette — 12 peças; Páginas d'Album — 6 peças; 6 Morceaux, op. 4; 2 Noturnos, op. 6; 3 Romances; 4 Pieces; 2 Valses Caprice; 6 Pezzi, op. 14; 4 Fôlhas d'Album; Il Neige!; Polonaise; Sur la Plage; Idylle; Pierrot; Bébé s'endort; Pierrot se meurt; Chauve souris; Serenatella; Sérénade grise; Valse Mignonne; 3 Estudos; Variações sôbre um tema de Barroso Netto.

MÚSICA SACRA:

Missa — 4 vozes mistas, orquestra e órgão; Missa de Requiem — 4 vozes mistas à capela; Ave Maria — 4 vozes; Ave Maria — soprano — O Salutaris — 4 vozes; Memorare — 4 vozes; Tantum Ergo — 4 vozes; Tantum Ergo — 3 vozes; Pater Nester — 4 vozes; Vem Sancte Spirito — 3 vozes; Ave Maria Stella — 4 vozes; Magnificat — 4 vozes.



A máscara mortuária de Henrique Oswald, numa última demão do arranjo que lhe dá a auxiliar da diretora do Museu dos Teatros

No próximo número:

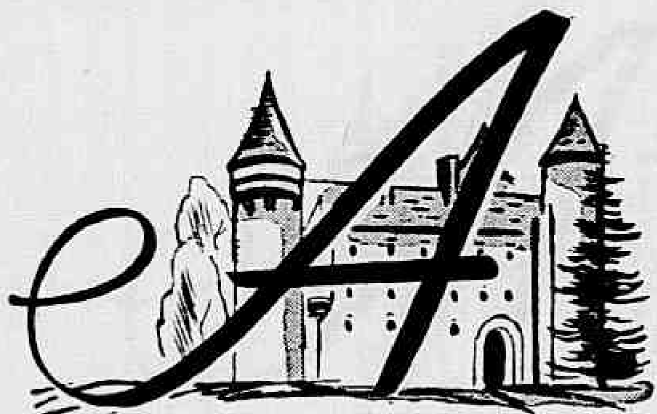
UMA VEZ NORDESTE SEMPRE NORDESTE



QUEM VIU O CÉU DO NORTE NÃO ESQUECE MAIS - OS NORDESTINOS QUE CHEGARAM EM "PÁU DE ARARA" TOMAM ÔNIBUS DE VOLTA - O SUL É BOM PAÍS MAS O NORTE É MELHOR.



Uma reportagem que conta e mostra o que é a longa viagem de volta.



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

A carta continua:

"Depois que voltamos a Washington, Porter continuou a se ocupar de Leile, a fim de que ela não sinta muito a ausência de Barry, e Porter representa perfeitamente o papel de irmão mais velho.

"E' curioso como nos podemos enganar a respeito das pessoas. Se me houvessem dito que Porter poderia ser tão meigo, tão cheio de ternuras como se tem mostrando até agora eu não acreditaria. Mas, talvez seja a natureza dela que provoque o aspecto para mim inédito e inesperado da personalidade de Porter. Eu, com a minha natureza independente e agressiva, torno o pobre rapaz positivamente furioso; por isso, sempre que estamos juntos, levamos a maior parte do tempo a discutir, a resingar.

"Como já lhe disse, a casa me parece vazia, mas eu não estou sempre nela, atualmente. Se não fôsse o meu trabalho, creio que enlouqueceria. Creio que será por isso que os homens não se tornam tão nervosos e fracos como as mulheres. São salvos pelo seu trabalho cotidiano. No trabalho a máquina, transcrevendo tôdas as notas, posso esquecer os meus cuidados e espairecer enquanto fora de casa.

"Naturalmente que você sabe muito bem o que é a vida nos Ministérios, sem que seja preciso eu dizer-lhe. Mas, para mim, não é nem monótona, nem maquinal. Estou muitíssimo interessada pelo pessoal. Por fôrça do meu trabalho, sou levada constantemente à presença do meu amável e velho chefe. Gostei muito que êle fôsse idoso, com seus cabelos grisalhos. Dá-me a impressão de que já não é homem metido a galanteios, e isso me coloca à vontade.

"Sabe você por que motivo as jovens detestam ir trabalhar fora? Penso que é pelo fato de se não sentirem protegidas. Nós, as moças de boa família, somos sempre mais ou menos confiadas aos bons cuidados de alguém. Sempre fui mais independente do que é costume entre as moças; mas sempre houve alguém para representar o papel de "proprietária", sôbre a minha pessoa. Quando eu era ainda pequenina, tinha eu minha "nurse". Mais tarde, no Jardim de Infância, mandavam-me para casa num ônibus com todos os outros garotinhos, mas sempre havia uma diretora que nos acompanhava a fim de garantir-nos a chegada sãos e salvos. Depois, tive a mamãe, o papai, Barry e Constance, sempre com um dentre êles para cuidar de mim para qualquer lugar que eu fôsse; e, enfim, tia Isabelle.

"Mas, lá no escritório já não sou Mary Ballard, a mocinha caseira. Sou Mary Ballard, assalariada independente, estenógrafa a mil dólares por ano. Não há ninguém que se interponha entre mim e os outros. Ninguém poderá dizer: — "Eis aqui minha filha, uma jovem fina e de boa educação; por detrás dela estarei sempre pronta a pedir-lhe contas de tôda ofensa que lhe puderem fazer".

"No mundo do trabalho, deve uma mulher compenetrar-se de seu lugar, e dar a si mesma o tom que ela deseja que lhe seja observado pelos outros a seu respeito. De maneira que, no escritório eu deverei ter outros modos que não os de minha casa. Não poderei abordar os homens tão franca e livremente. Não posso rir e falar com êles como eu faria diante de uma xícara de chá servida em meu quarto. Se nós nos tivéssemos conhecido aqui, eu teria colocado uma barreira de formalidades entre nós dois. Apenas lhe diria "bom dia", ao aproximar-me de você, e "boa noite", ao deixar o trabalho. E teriam sido necessárias semanas e semanas para que viéssemos a saber um do outro, o que ficamos sabendo apenas depois de uma semana passada sob o mesmo teto. Suponho que se eu permanecer aqui por anos e mais anos, terminarei por considerar o meu chefe de cabelos brancos, como se fôsse uma espécie de avô oficial, e meus colegas serão irmãos e irmãs de criação; mas isso vai durar muito tempo! Pergunto a mim mesma se ficarei aqui a trabalhar anos e anos! Não estou certa de que venha a gostar disso. E aí tem você a natureza feminina. Um homem sabe que o seu labor durará a vida inteira, a menos que se torne rico e não passe a existência a jogar golf. Mas uma mulher jamais dirá a si mesma: "Eu farei isso até à morte". Ela terá sempre uma esperança de evasão.

Não estou certa de ser muito lógica. Sem ter tempo de respirar eu afirmo que gosto do meu trabalho, e no mesmo instante também lhe digo que não poderia ficar aqui durante o resto de minha vida. Mas há em tudo isto alguma coisa certa, e é que, por agora, é preciosa diversão a tôdas as minhas preocupações, pois, sem o trabalho, minha vida se tornaria pesada, insuportável.

"Como era que você fazia para o almôço? Essa questão continua para mim como problema insolúvel. Gosto de ter o meu repasto gentilmente servido em minha mesa de mogno, com os pequenos guardanapos bordados, meu chá com pão bem amanteigado, marmelada e os pratos quentes feitos Susan. Mas aqui, é preciso que eu me precipite com todos os outros a fim de engulir sopas intoleráveis e sanduiches detestáveis num restaurante do lado da rua. A única solução seria trazer meu almôço numa marmita e servir-me em meu próprio bureau. Mas assim eu perderei os benefícios da saída ao ar livre do que tanto preciso ainda mais do que a própria nutrição.

"Oh! Êstes dias de junho! São quentes por lá? Aqui são divinos. Quando as janelas estão abertas o ar tépido sopra dos lados do mar e nós recebemos lufadas cheirando a rosas das flores que vicejam nos jardins da casa do presidente. Quando eu retorno a casa, à noite, eu sinto o perfume das rosas do nosso jardim, muito antes mesmo de avistar nossa residência. Êste ano temos rosas maravilhosas, e o caramanchão se assemelha a uma nuvem côr de rosa. Fiz uma coroa um dêsses dias e a pus sôbre a cabeça daquela estatueta de bronze da fonte. Tirei uma foto para enviar-lhe. De qualquer maneira o garôto de metal me pareceu um ser vivo, com uma certa qualidade humana, como os faunos e as dríades.

"Tudo o que você contou acêrca daquele menino dos pinheirais me parece um conto de fadas. Posso fechar os olhos e ver ambos em meio dos círculos de pinheiros. Posso ouvir a sua voz ecoando no silêncio. Você não me falou de si mesmo, mas eu sei uma coisa; é que nesse menino você encontrou um auditório, e êle faz por você alguma coisa, enquanto você também faz muito por êle. Você recomeça a viver, não é verdade?

"E os pobres meninos tristes? Eu me julgaria muito feliz e me sentiria muito contente se comprasse para êles livros com belas estampas. Gostariam êles de livros com histórias como as de Cinderela? Com vestidos tão róseos como as próprias rosas, os prados verdes como o próprio verde e o céu tão azul como o próprio azul?

E as rãs amarelas naquela história das "rãs que desejavam casar-se", e

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara da Tôrre», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graça», êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada, mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Na noite do Natal novamente foi convidado, mas não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento, com a gatinha Pittiwitz, ao colo, lendo, quando Mary pediu licença e entrou. Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios, e fôra ouvir a sua opinião. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava preocupada com a ausência de seu irmão, Barry, quando êste chegou, e Mary desceu para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora, sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá de cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declara seu amor. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura ouvir a opinião de Roger sôbre o assunto. Roger se oferece para ir Barry, que está ausente de casa e do trabalho sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger, o qual vai «descobrir» o fugitivo, ao lado de Leila e do general Dick, seu pai, numa praia de banho, e lhe dá muitos conselhos úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive a irmã de Mary com seu espôso Gordon, que reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas depois abandonara as ordens. Roger acha que terá de confessar a Mary êsse episódio de sua vida, o que faz, através de uma longa carta. Depois de ler a carta de Roger, Mary foi à igreja, onde meditou durante largo tempo, resolvendo convidar Roger Poole para tomar chá em sua companhia, mas êles dois a sós. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. O problema de Barry vem à baila e ela discute o assunto com seu cunhado Gordon, o qual não parece aprovar os amores do rapaz com Leila. Por sua vez Mary percebe que Gordon não via com bons ôlhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. A jovem, se bem que não esteja apaixonada como o inquilino, parecia querer ajudá-lo a sair daquele isolamento. Roger, que se ausentara, escreve a Mary, terminando a carta por comunicar que descobrira, numa família de camponeses, um menino de grande vivacidade, embora analfabeto, e que iria ser instruído por êle. Em casa de Mary a situação se inclinava para separar Barry de Leila. Gordon propusera levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter concordado com sua viagem para a Europa, Barry ilude a vigilância e casa-se, secretamente, com Leila, mantendo o caso em segrêdo, até que o jovem faça a confissão ao general, seu sogro. Barry está arrependido do passo que dera e procurava agora conseguir que sua espôsa permitisse que êle fôsse embora com Gordon, mas guardando segrêdo de seu casamento. Quando êle voltasse, então, tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava repassada de paixão e cai nos braços de seu pai, que não pode adivinhar o que está acontecendo. Nesse ínterim, Constance dá à luz uma menina e estão todos da família e demais pessoas íntimas reunidos no castelo de Mary para o batizado. Naquele dia Mary resolveu falar a Porter sôbre a carta que recebera de Roger, e Porter ficou consternado diante da fugidia esperança que alimentava de casar-se com ela. A revelação de Mary, ao jantar, diante de todos da família e pessoas de intimidade, causou estupefação. Tia Frances e Porter Bigelow foram os que mais se mostraram indignados com os propósitos da moça de trabalhar como estenógrafa no Ministério das Finanças, e Gordon não ocultava sua contrariedade. Na noite do batizado da filha de Constance, Delilah levou Porter para tomar chá com ela e ali contou como iniciara relações de amizade com o seu hoje amigo íntimo, Colin Quale, exímio desenhista de modas femininas. Durante o conhecimento que Porter fêz com Colin Quale, soube que o artista conhecera a Roger Poole e à espôsa do mesmo, mostrando-se muito interessado pela novidade. Nesse ínterim, Mary escreve longa carta a Poole, contando os episódios mais emocionantes do embarque de Gordon e família, levando para a Europa o pobre Barry, deixando a infeliz Leila em doloroso estado de nervos. ....

as ilustrações de Walter Crane nos pequeninos livros de canções?

"Você deveria fazê-los cantar: "Oh! Que fêz você para o jantar, dona Bond?", e "Laranjas e Limões", ou ainda: "Lavande azul, Diddle, Diddle".

"Sabe você o que tia Isabelle vai fazer pelas crianças? Ela está tão interessada! Ela vai mandar pequenos aventais de pano quadriculado rosa e branco, com largas tiras para prender por detrás. E eu darei fitas côr de rosa para os cabelos. A propósito: seu jardim já está florescendo?

"Quero que você me explique, como se iniciam êsses jardins. Penso que isso foi, seguramente, uma inspiração! Falei a respeito disso a Porter numa dessas noites e êle se saiu com esta: "Por Deus! Onde já se ouviu dizer que se começasse por jardins a educação de meninos ignorantes!"

"Mas você e eu, começamos e terminamos por jardins, não é isso? As sementes foram boas e os bulbos germinaram? Tia Isabelle quase chorou ao ler sua descrição da alegria estampada nas faces dos garotos, quando viram surgir da terra as sementes que enterraram, transformadas em plantas.

"Muito desejo saber mais notícias sôbre as crianças e a seu respeito. Oh! Sim, e sôbre a prima Patty. Creio que a estimo sinceramente.

"Muito desejava escrever-lhe mais, dizer-lhe outras coisas; mas não devo fazê-lo. E' tarde e preciso dormir a fim de que desperte pela manhã disposta a trabalhar em minha repartição.

"Sempre sinceramente,

"Mary Ballar".

A essa carta, respondeu Roger:

"Entre pinheiros.

"Vou responder à sua carta começando pelo fim, e, depois voltar ao princípio, pois que é a respeito dos meus pequeninos amigos tristes que deverei falar em primeiro lugar, apesar de minha pena ter pressa em falar de você e do que me disse sua carta.

"Essas crianças tristes já não estão assim tristes. Sôbre o fundo da colina de areia, são como pétalas de rosas que o vento teria trazido. Os aventais côr de rosa com grandes laços por detrás, e as belas fitas sortidas, os transformaram de tal sorte, que, não fôsse os seus olhos sem expressão, seriam comparáveis a todos os meninos dêste mundo.

"Eu já lhes ensinei várias e lindas canções; se você pudesse ouvir-lhes a voz infantil... e com seus livros de figuras e seus Jardins, encontrá-los-ia muito ocupados e verdadeiramente felizes. Sua mãe está verdadeiramente admirada pela modificação que se operou em sua prole. Nunca em sua vida ela viu outro lugar que não êste das florestas de pinheiros calcinados e de areia. Eu a vi debruçada sôbre o livro da "Gata Borralheira", que muito lhe agrada, bem como aos pequeninos alunos.

"Eu jamais tive um jardim com flores, me disse ela. Jim não tem tempo para isso, e eu muito menos. E o que é pior, nunca tivemos oportunidade para tanto.

"Mas o que muito me interessa é o rapazinho. E você encontra a razão disso. Não sou eu quem faz algo por êle; êle é que muito faz por mim. Se você visse os seus olhos! São olhos de criança, agora, e não mais os olhos de um pequeno selvagem! Já começou a ler em livros mais simples, daqueles que você nos enviou. Começamos com o "Ma mère l'Oye" e, em seguida, lhe dei "Le Roi de France", e "Quarante mille hommens". O cântico de "Oranges et Citrons", com a mesma atmosfera, com seus sinos de Old Bailey e de Shoreditch, do meu poema de Dick Wittington que tanto lhe agradou. Êle conhecerj Londres na ponta dos dedos, antes que eu termine de ensinar-lhe tudo isso.

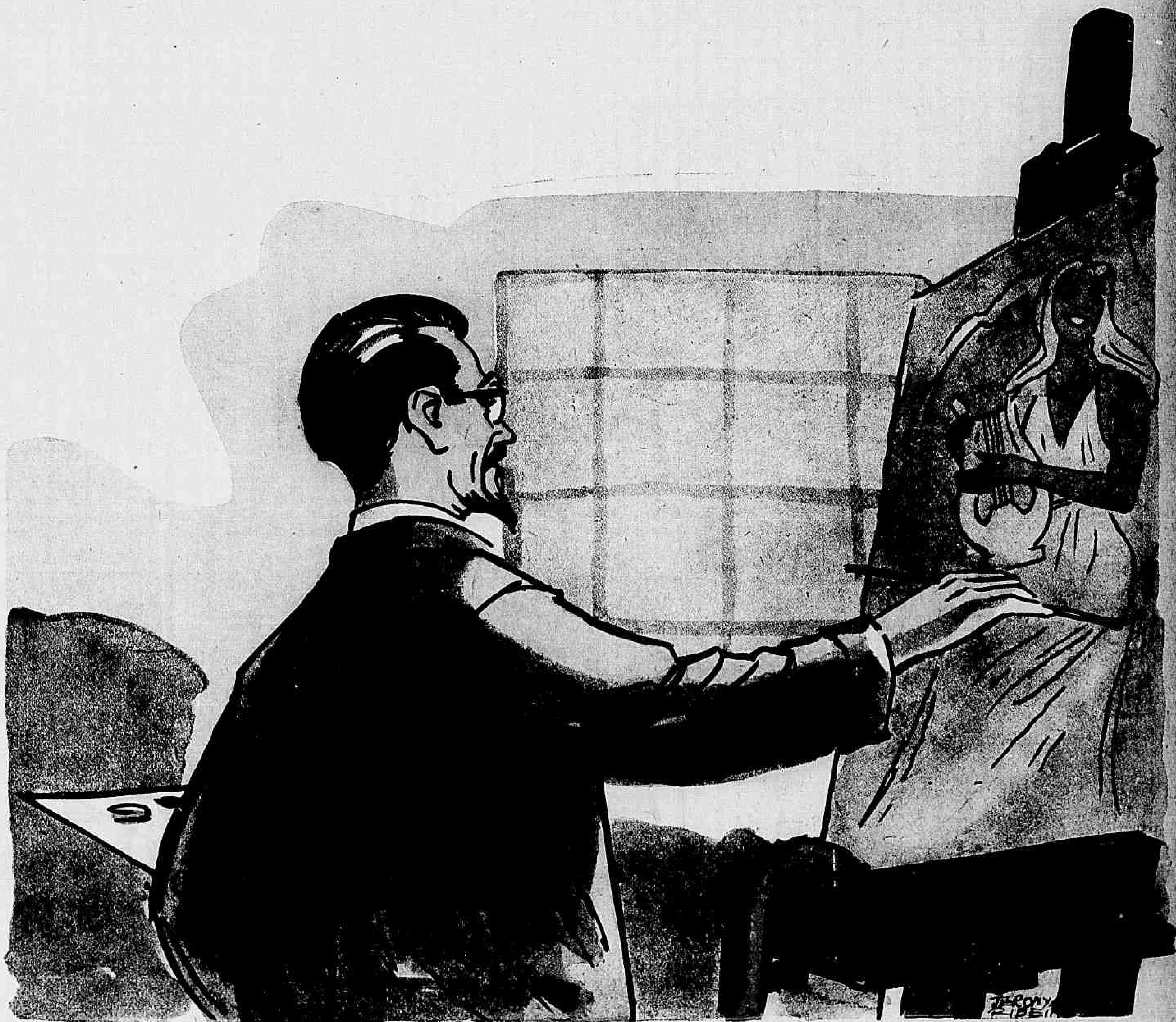
"Mas nós fizemos mesmo vibrar uma corda ainda mais grave. Um domingo tive vontade de levar comigo a velha Bíblia de seu pai. Entre suas fôlhas há uma rosa talismã contra borboletas negras que, por vêzes, me obsedam. Então eu peguei a Bíblia e a levei para o nosso anfiteatro de pinheiros e li, adivinhe o quê? Não foram as histórias do Velho Testamento. Eu li as "Beatitudes". E, ao terminar, aquêle rapazinho que me ouvia atentamente perguntou-me:

"— Que é que é abençoado? Se quem foi que disse isso?"

"Então eu lhe esclareci tudo, e, ao explicar, senti-me retroceder aos tem-

(Cont. na pág. 34)

Tradução de RENATO DE ALENCAR Ilustração de JERONYMO RIBEIRO



AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

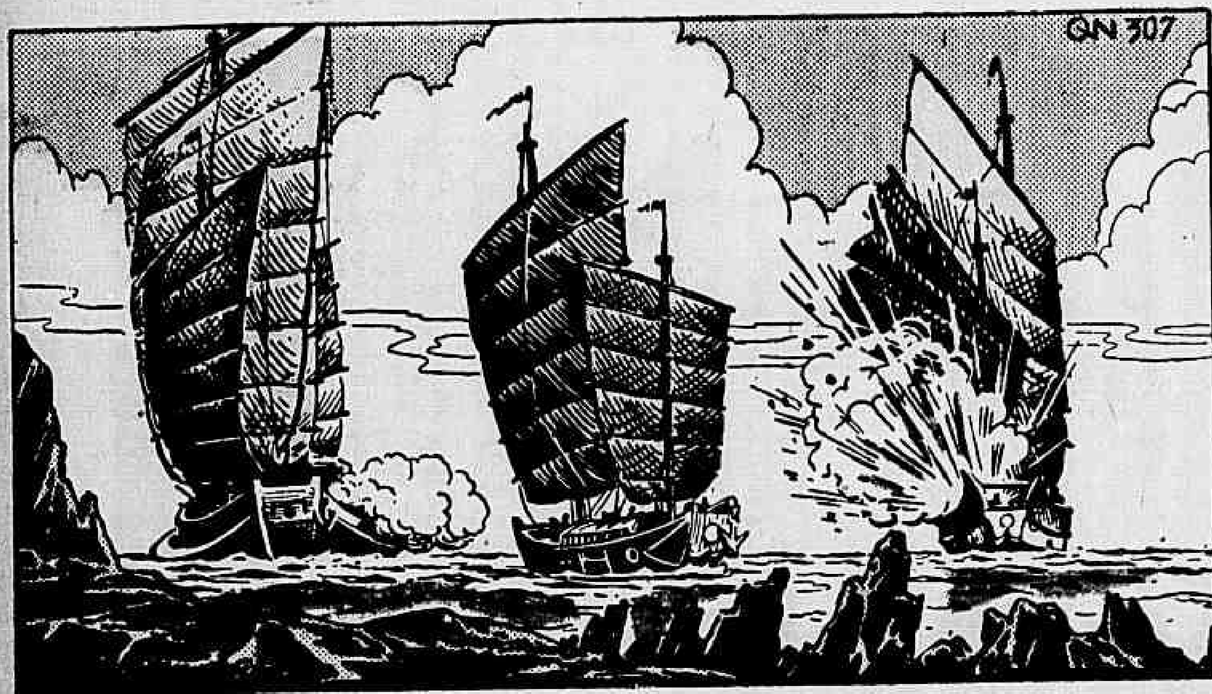
O IMPÉRIO CELESTIAL







31 Marga vai ajudar Willy a pôr o motor em ação. Que teria êle que não queria pegar? Era urgente encontrar o defeito pois, sem o motor, seriam alcançados pelos perseguidores. Trabalhavam as duas moças numa afliação terrível, até que conseguiram descobrir. Um tubo estava avariado. Quando estavam camuflando a lancha, pesado pedaço de pau caíra no cano de lu ficação, torcendo-o. Quando estavam reparando o tubo, ouviram canhoneio largo. "Willy! — disse Marga — Vá buscar a câmara de filmar". E as mo filmaram o combate singular entre dois juntos, cena que o holandês aprecia







32 Tudo se esclareceu: um dos juncos, o "Menchow", procurava cobrir a retirada de "Pandora"; mas o navio de Wang Hang manobrando para a costa, aproximava-se mais e mais de "Pandora". O canhão francês instalado no junco perseguidor, atirava cada vez mais. Se bem que os tiros não fôssem precisos, poderiam causar danos. De súbito o "Menchow" recebe um direto que o am de naufrágio. Wang Hang, que está no comando, manda então que atirem a sôbre "Pandora". "Uma descarga extra sôbre os fugitivos", ordena êle. Foi ruina, pois o obus explodiu no próprio canhão, causando pânico à tripula

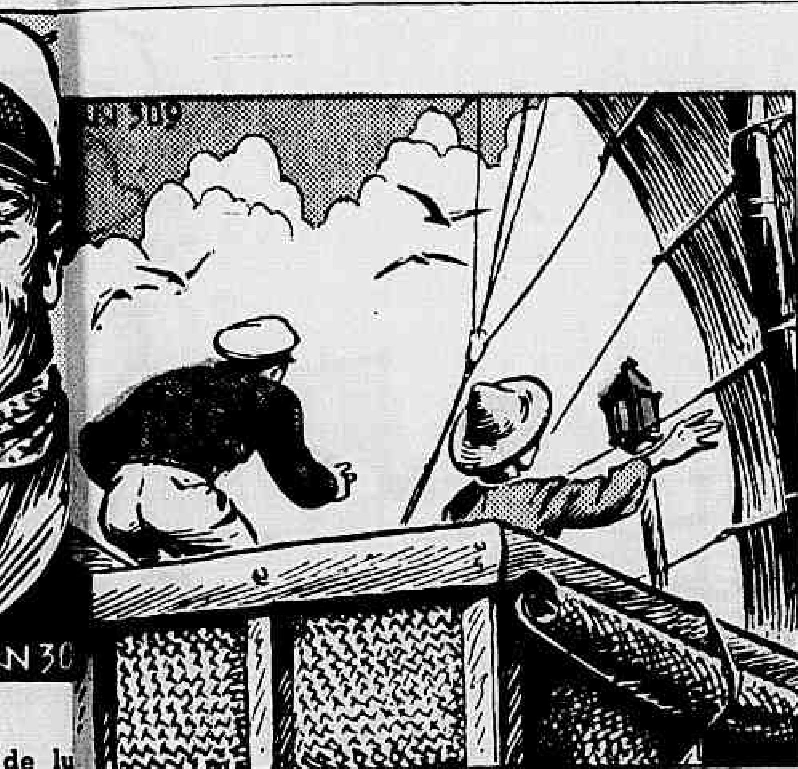






33 Foi então que o chinês, enfurecido, ordenou abordagem contra "Pandora". O tiro pela culatra produziu princípio de incêndio, mas foi logo abafato. O motor da lancha continuava sem pegar. A situação era crítica. Muitos chineses acompanharam Tough Tony e se aprestavam para receber os piratas que desejavam matar a todos para apoderar-se dos fardos de ópio. A bordo de "Pando havia armas modernas e uma metralhadora, colocadas ali por sugestão de R apesar dos protestos de Marga e de Willy. E a metralha começou a responder a atacantes. Tony alvejava com um fusil. E Rob agia com cautela no junço inimi

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — O Cap. Rob, depois de ter perdido o seu iate "Liberty", numa tempestade no Pacífico, é salvo, com o seu cão "Skip", por duas esportistas que estavam naquelas imediações com uma lancha a motor, "Pandora". Depois de retirarem do fundo das águas um baú contendo um tesouro que pertencera ao pirata "Pete" e que naufragara com o barco de Rob, elas o levaram para terra e ali, Marga o apresentou a seu pai, que ficou construindo outro iate para Rob, enquanto êle, em companhia do seu cão e das duas moças, Marga e Willy, se lançavam em outras aventuras pelos mares orientais, sendo aprisionados por um navio pirata contrabandista de ópio. No tal navio ia como um dos capitães, um holandês apelidado "Tough Tony", o qual, depois de aliar-se a Rob e às moças, foge das garras do chefe chinês. Rob se esconde no navio pirata, e vê que êste veleja em perseguição da lancha "Pandora", convertida também em junco oriental.







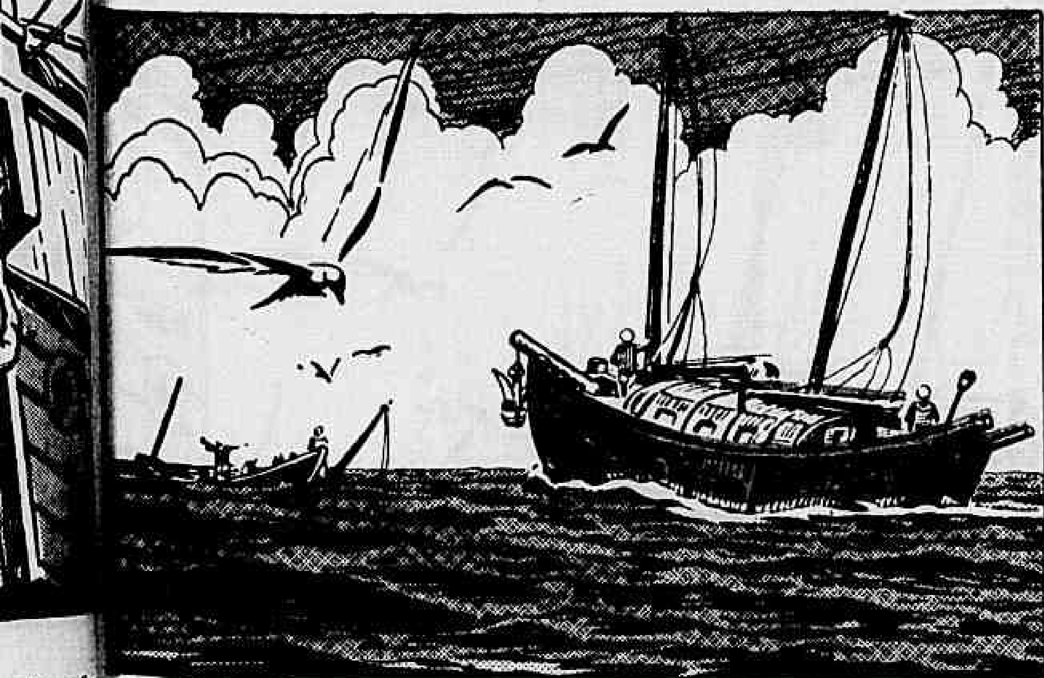
34 A bordo do junco de Wang Hang cada qual se entregava a uma tarefa de defesa lá na proa, enquanto a popa ficava sem defesa. O imenso barco do irata ameaçava esmagar a lancha imprensando-a contra os recifes. Mas Rob rgiu a tempo e atacou os encarregados do leme, fazendo que o barco de Wang Hang mudasse de direção. No "Pandora" todos estavam vendo o momento de serem esmagados pelo pesado junco pirata. Mas Rob estava conduzindo a manobra com a mais absoluta segurança e cálculo. Quando os dois barcos emparelharam, êle subiu numa corda e, convertendo-a em balanço, pulou para o "Pandora".







35 Foi com um grito de admiração e surprêsa que os amigos de Rob, que já estavam com a respiração suspensa, vendo o esmagamento da lancha, viram reaparecer de forma espetacular, o famoso Cap. Rob. "Graças a Deus" Êle stá salvo!" Ao mesmo tempo os motores pegaram. Willy rodou excelentes cenas da luta, das manobras e do ataque furioso de Wang Hang, contra "Pandora". E correu para avisar Marga que Rob havia voltado. Embora confusos, os piratas continuavam a tentar a abordagem, e foi assombrados que viram "Pandora" ferrar velas e singrar, veloz, as águas, como num milagre! Ignoravam que tinha motor!







36 "Pandora" corre em auxílio do junco "Menchow" e salva a tripulação. O velho Tough Tony aperta emocionado a mão de Rob. "Mas o que você fêz é uma proeza dos diabos!" — exclama o holandês. E como estava com vontade de mostrar a Rob a sua gratidão, disse-lhe: "Você anda atrás daquele repórter desaparecido, não? Pois eu talvez possa esclarecer algo. Permita que fiquem aqui alguns chineses de confiança. Agora podemos trabalhar juntos". Depois de consultar as moças, Rob aceitou a proposta. Então Tony começou a explicar o que ocorrera com o repórter que havia vindo àqueles mares para descobrir crimes.

LIÇÃO DE AMOR



ENCOSTOU-SE ao portão e ficou olhando o carro afastar-se. Um braço de homem estendeu-se, num aceno, ao mesmo tempo que uma pequena mão enluvada apareceu pela portinhola. Renata sorriu, porquê aquêle gesto, aquêle instante, éram simbólicos. Lá se iam juntos, numa mesma atitude de adeus, o seu marido e a secretária. Quanto a ela, ficava sòzinha para trás, como uma coisa do passado.

Entrou em casa, vagarosamente, como se voltasse de uma batalha perdida. Fôra ela mesma quem sugerira aquela visita, apegando-se ao primeiro pretexto para conhecer a rival. Pudera ver juntos o marido infiel e a mulher com quem êle pretendia casar-se, tão cêdo recuperasse a liberdade.

Bonita? Não. Mas atraente e segura de si, exatamente o tipo que fascina os homens, quando começam a declinar. A mulher petulante e decorativa, que lisongeia a sua vaidade, dando-lhes a ilusão de serem mais jovens.

Renata encostou a cabeça à poltrona, sentindo-se cansada e vencida. Resolvera conceder o desquite ao marido, assim que êle lhe falasse no assunto. Êle e a secretária poderiam finalmente casar-se em outro país. Quanto a ela, nada mais deveria tentar, depois das alusões tão claras que Ernesto lhe fizera sôbre os seus planos futuros. Uma mulher de brio deve saber perder.

E Ernesto, êle próprio, seria feliz? Não. Não o poderia ser. Aquela moça estava apenas interessada em seu dinheiro, na posição social que êle lhe poderia proporcionar. Era uma aventureira apenas, lutando com todos os recursos para atingir os seus fins.

Uma onde de amargura envolveu o coração de Renata. Fôra por uma mulher daquelas que o marido a abandonara.

E as lembranças começaram a chegar, suaveis umas, tumultuosas outras, as lembranças do seu amor perdido. Reviu, um a um, os anos de ternura e devotamento, aquela oferta silenciosa de si mesma, o empenho contínuo em dar mais amor do que recebia. Sim. Exatamente isso. Compreendia agora o quanto havia de desapêgo no seu amor por Ernesto. Incensara-o como a um deus egoísta, esquecendo-se a si mesma, pelo prazer de servi-lo. Tinha sido uma colaboradora obscura em todos os seus trabalhos, ajudando-o a vencer na vida e a confiar em si mesmo. Fizera dêle um homem vitorioso, para q[...] hoje êle desse a outra mulher o seu amor.

Renata levantou-se da poltrona e aproximou-se de um espelho. Analisou o próprio rost[...] tão friamente quanto se observasse outra pessoa. Notou a expressão fatigada, os sulc[...] em tôrno da bôca, o olhar sem brilho. Contudo ela ainda era jovem, ainda poderia s[...] considerada uma mulher bonita, com as suas feições delicadas, o porte distinto. Fô[...] a amargura, a sensação continua de abandono, que haviam empanado a sua beleza, dand[...] lhe aquêle ar envelhecido.

Em pé, diante do espelho, Renata sentiu uma onda de sangue invadir-lhe o rost[...] Teve vergonha de si mesma, da sua fraqueza ante o infortúnio. Pensou no concei[...] humilhante que deveria ter feito a rival vendo-a tão desprendida, uma mulher que [...] resigna à derrota, antes mesmo de lutar. E o marido? Desprezava-a, talvez, por s[...] tão débil e por tê-lo amado com tanto servilismo.

Voltou à poltrona e sentou-se ereta, apertando as mãos uma contra a outra, sentin[...] que uma mudança radical se operava dentro de si. A reação do orgulho e do am[...] pròprio, havia tanto tempo recalcados, agitava-lhe o sangue, dando-lhe uma estran[...] sansação de fôrça e de segurança.

Precisava pensar, descobrir um modo de reconquistar o amor do marido e a confian[...] em si mesma. Precisava mostrar àquela moça inescrupulosa que uma mulher tem o dev[...] de lutar pelo homem a quem ama. Necessitava, acima, de tudo, convencer o marido [...] que não era tão fraca e dependente quanto êle supusera. Era tempo de dar-lhe u[...] lição de amor.

Estavam sentados à mesa do almôço, um diante do outro, mas tão distantes, quan[...] se um continente os separasse.

Por trás do jornal que fingia ler, Ernesto aguardava com impaciência que Renata d[...] sesse a primeira palavra. Desde a véspera, quando voltara para o jantar, esperara [...] comentários da espôsa sôbre a visita da rival. Claro que ela sabia de tudo, do seu am[...] por Nancy, da sua intenção de casar-se com ela, logo após o desquite. Por que ent[...] aquela indiferença tranqüila, como se nada houvesse acontecido? Ernesto baixou disf[...] damente o jornal, enviezando um olhar para a espôsa.

Renata erguera a cabeça naquele instante e os seus olhos se encontraram. Ela sorri[...] com a mesma expressão indiferente com que se dirigiria a um estranho.

— Ah! Preciso dizer-lhe uma coisa. Fui hoje cêdo ao consultório do doutor Gom[...]

As sobrancelhas de Ernesto se arquearam.

— Pedi-lhe que me fizesse um exame geral e êle aconselhou-me a deixar o Rio qu[...] to antes. Preciso de repouso.

O rosto do marido estava sombrio, quando perguntou, dominando a impaciência:

Doença grave?

— Não. Apenas cansaço mental. Acho que trabalhamos de mais naquele relatório.

Ernesto não gostou do plural. Era-lhe desagradável lembrar quanto dependia da m[...] lher, nos seus trabalhos.

— Acha que vai demorar muito?

— Não sei. Depende da cura. Queria apenas a sua aprovação, para telefonar h[...] mesmo, reservando quarto em algum hotel de Petrópolis.

— Você sempre faz o que quer, não?

A moça dominou-se fingindo não sentir a indiferença.

Ernesto encarou-a fixamente. Podia-se ler no seu rosto o que êle estava pensan[...]

— Que processo?

— Do nosso desquite, naturalmente. Assim tudo será mais fácil.

O amor pròprio de Ernesto ressentiu-se pela indiferença do tom.

— Não há pressa.

— Bem, isto é com você. Agora preciso tomar algumas providências para a viag[...]

— Quando espera partir?

Imaginava se aquilo não seria um ardil da espôsa, para despertar-lhe compaixão, evita[...] o desquite.

Renata tornou a servir-se de café e sorriu-lhe amigàvelmente.

— Na minha ausência, você poderá iniciar o processo.

— Amanhã, se for possível.

— Amanhã não poderei levá-la no carro.

— Acho que não é preciso. Uma passagem é fácil de obter.

Ernesto deu de ombros e fêz menção de voltar ao jornal, enquanto a espôsa se[...] vantava. Esta bateu-lhe no ombro, com naturalidade.

— Simpatisei com Nancy. Uma moça encantadora.

★

Ernesto dirigia o carro pela estrada sinuosa, amaldiçoando intimamente a si mesmo[...] suas contrariedades, a pròpria beleza da manhã.

Era de mais fazer aquela viagem, cansado como estava. Aliás, tôdas as coisas a[...] vam ùltimamente contra êle. Complicações no banco, rusgas com Nancy, uma [...] doméstica completamente desorganizada. Enquanto isso acontecia, Renata se obstinava [...] permanecer no hotel, repousando sabia Deus de que fadigas.

Deu uma virada brusca no volante e diminuiu a velocidade. Era perigoso dirigir, [...] sim nervoso como estava. Uma curva mais fechada e rolaria serra a baixo, com t[...] os seus aborrecimentos. Aliás, ninguém se importaria muito se êle morresse.

Tornou a pensar na espôsa, com irritação. Dois meses de ausência e apenas um [...] fonema, por iniciativa dêle pròprio. Que estaria fazendo Renata, durante tanto tem[...] Enlanguescendo, provàvelmente, em alguma poltrona, julgando-se màrtir, como se [...] fôsse culpado de alguma coisa. Ninguém pode acusar um homem por deixar de [...] uma mulher.

E Nancy? Estaria realmente apaixonado por ela?

Ernesto desviou os pensamentos daquele rumo. Não valia a pena lembrar os pe[...] nos atritos, as pequenas decepções do seu romance clandestino. Era orgulhoso de[...] para admitir, mesmo diante de si próprio, que se portara como um tolo. Nancy c[...] çava a mostrar as unhas, desde que o assunto desquite vinha sendo negligenciado.

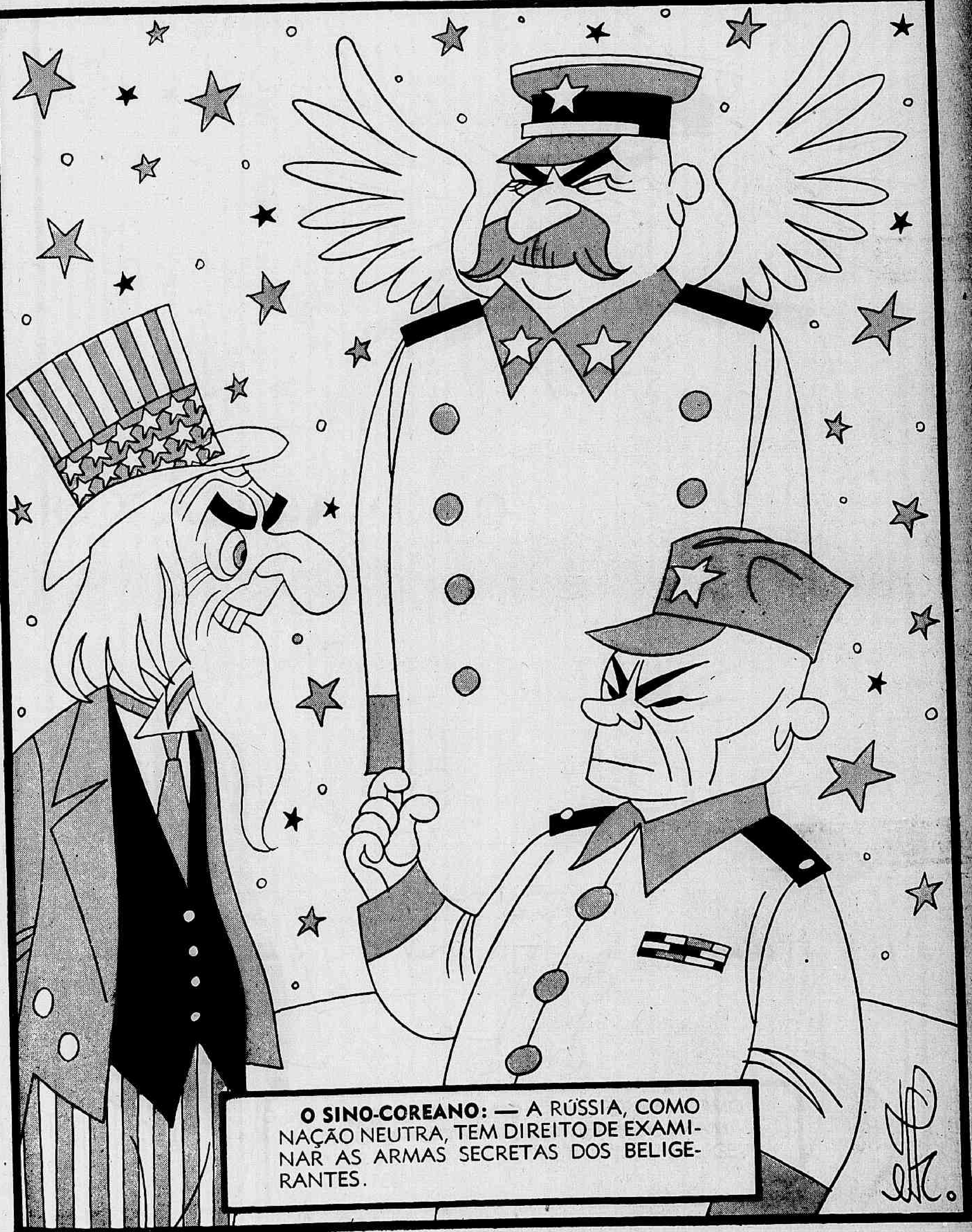
Outro carro passou bem pròximo, e Ernesto pôde ver o jovem casal que ia à fr[...] e parecia tão feliz. Lua de mel, provàvelmente, como a dêle e Renata. E provàvelm[...] tudo acabaria da mesma forma.

Voltou a mergulhar na sua irritação. Era isso. A espôsa escolhera o pior mom[...] para tirar as férias, quando havia tnatos relatórios a preparar, aquêle novo contrato

(Cont. na pág.

Conto de MARIA ALBA ★ Ilustração de OSWALDO DA CUNHA

ACHO-TE UMA GRAÇA!..



O SINO-COREANO: — A RÚSSIA, COMO NAÇÃO NEUTRA, TEM DIREITO DE EXAMINAR AS ARMAS SECRETAS DOS BELIGERANTES.



RETIRO DE UM REI — Neste chalet, encravado na paisagem tirolesa, vive o antigo Rei dos Belgas, entre a prática dos esportes e o amor da ex-preceptora de seus filhos



Passando umas curtas férias em companhia do antigo soberano, Balduíno diverte-se. Êle não é aqui um rei. E' apenas um filho junto de seu pai...



..., sem sorte no anzol, passa o caniço ao "velho", o ex-Rei Leopoldo, e o desafia a pescar as trutas do rio. Vê-se ao fundo seu irmão, o Príncipe Alberto.

UM

LE

UM REI NO EXÍLIO

LEOPOLDO DA BÉLGICA NO SEU RETIRO DA AUSTRIA

Texto na página 33



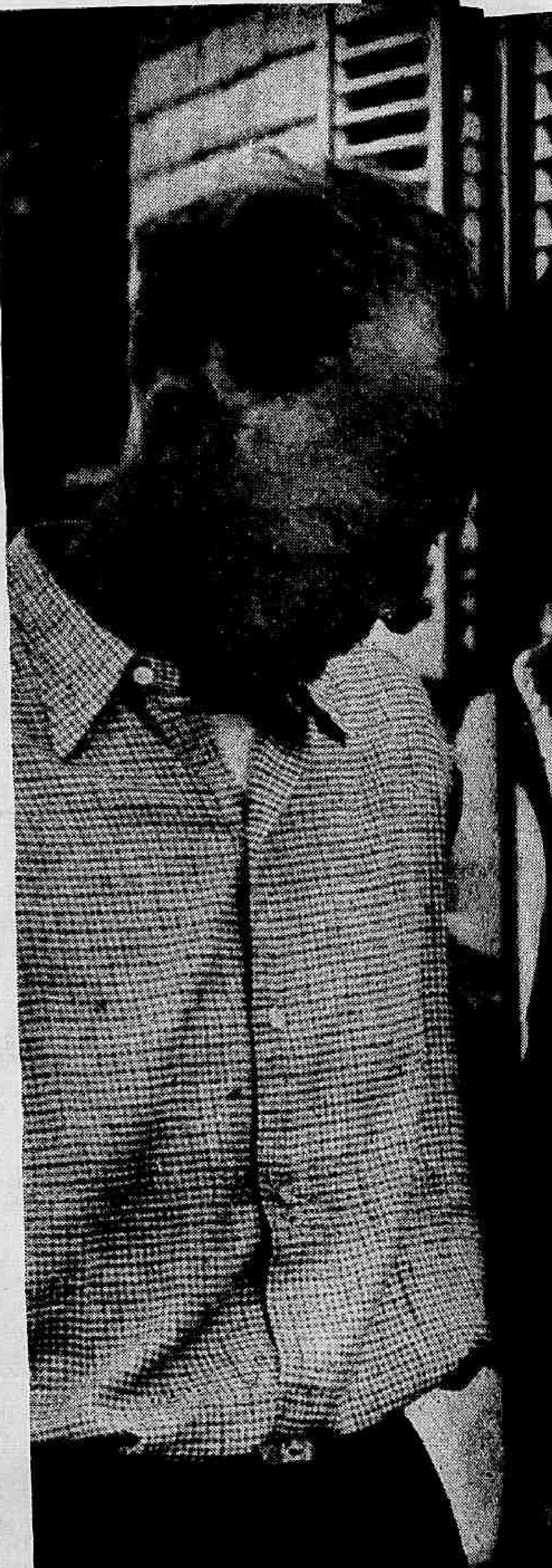
Em roupa nada convencional aparece nesta foto Leopoldo, ex-Rei dos Belgas, em companhia de seu filho Balduino, que hoje detém a coroa



...ndo uma vilegiatura na Itália, Leopoldo e sua mulher, a Princesa de Réthy, saltam na vila dos que são seus anfitriões, os Condes Maroni. Leopoldo é muito mais velho do que ela, mas entendem-se bem.



Pode parecer uma família burguesa fazendo sua dominqueira. A paisagem pode mesmo sugerir a nossa floresta da Tijuca. Entretanto é uma família real, onde aparecem um rei que reina e outro que já reinou.







Ao centro, e na foto acima, vêem-se os pescadores reais de Salzkammergut, a caminho do rio...

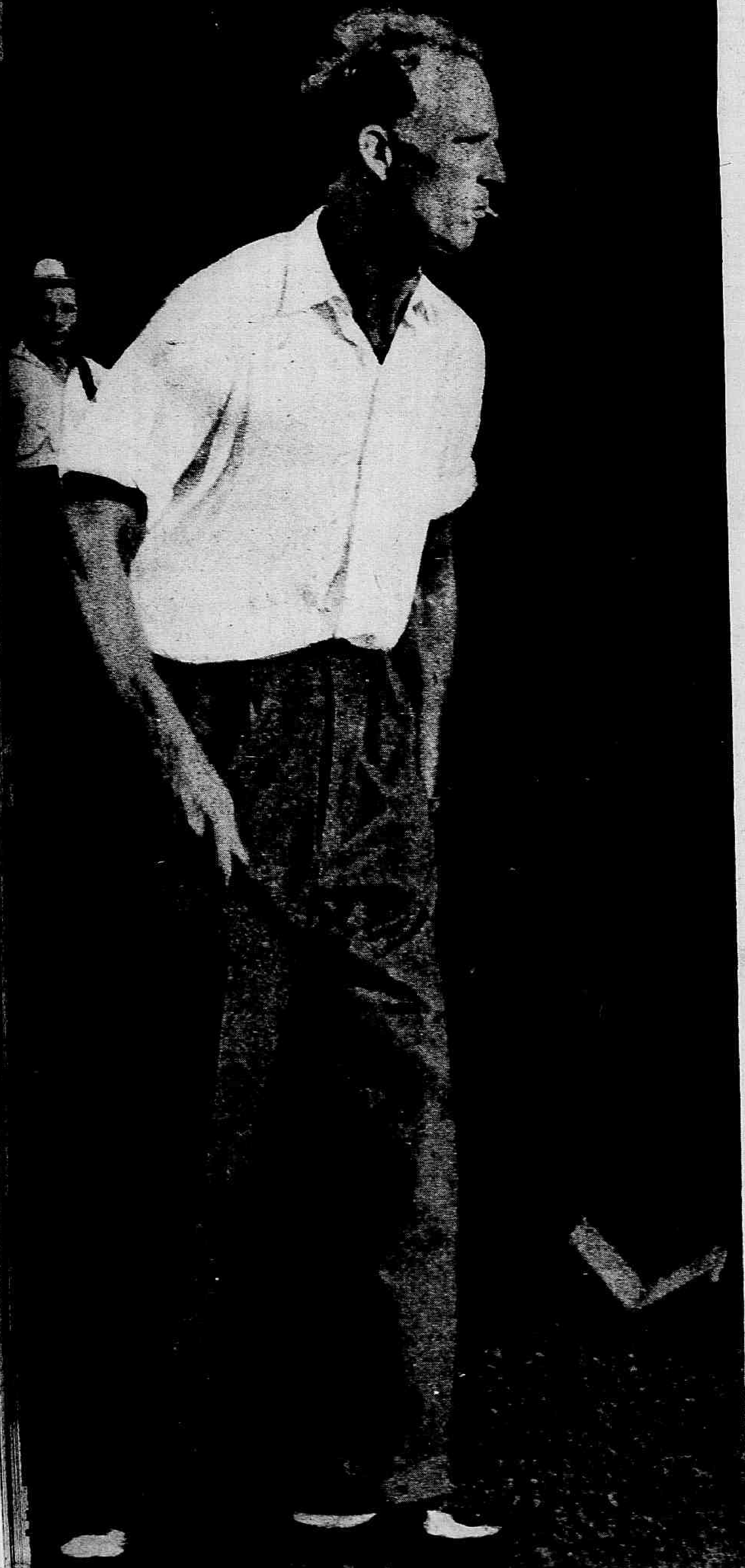


...aonde chegam também em companhia da Princesa Josephine Charlotte, filha de Leopoldo (a loura)...



...mas como o peixe está demorando, a rêde substitui o caniço para uma brincadeira de gente moça.

UM REI DESTRONADO NÃO TRABALHA: COMO ENCHE O TEMPO — O PAPEL DE LEOPOLDO DURANTE A GUERRA DETERMINOU A ABDICAÇÃO — LEOPOLDO É CASADO COM A ANTIGA PRECEPTORA DE SEUS FILHOS — A VIDA DE FAMÍLIA NO EXÍLIO



Um rei exilado não trabalha, que trabalho não é ocupação de gente de sangue real. Como então consumir as rendas que recebe e encher o tempo que tem pela frente? Tempo que não se conta por horas ou por dias, que dura anos, às vêzes tôda uma existência quando o monarca destronado é ainda moço, como foi o caso de D. Manoel de Portugal.

Leopoldo reinou na Bélgica desde a morte de seu pai, o Rei Alberto, herói da resistência nacional durante a primeira grande guerra. O pai e a mãe morreram num acidente de alpinismo e Leopoldo subiu ao trono antes de completar os 40 anos. Seu papel em frente à invasão alemã de 1940 não foi uma repetição do que teve seu pai em situação idêntica e é até hoje objeto de séria controversia. Essa controversia, baseada no fato de que Leopoldo passou o tempo da guerra como hóspede, mais que prisioneiro, dos nazistas, gerou uma incompatibilidade com parte ponderável das fôrças políticas de seu país. Da crise que tal fato determinou veio a resultar a abdicação da coroa no seu herdeiro, o Príncipe Baldoino, um ano atrás.

Rei destronado, como outros, Leopoldo procurou refúgio e exílio na paisagem tiroleza de Salzkammergut, na Austria, onde vive atualmente em companhia do Príncipe Alberto, outro de seus filhos e de duas filhas. Encontra-se tambem a seu lado a antiga preceptora dêsses filhos, feita Princesa de Rethy e consorte real. A Princesa não era Rainha dos Belgas, mesmo quando seu marido ocupava o trono, pois não tem sangue real.

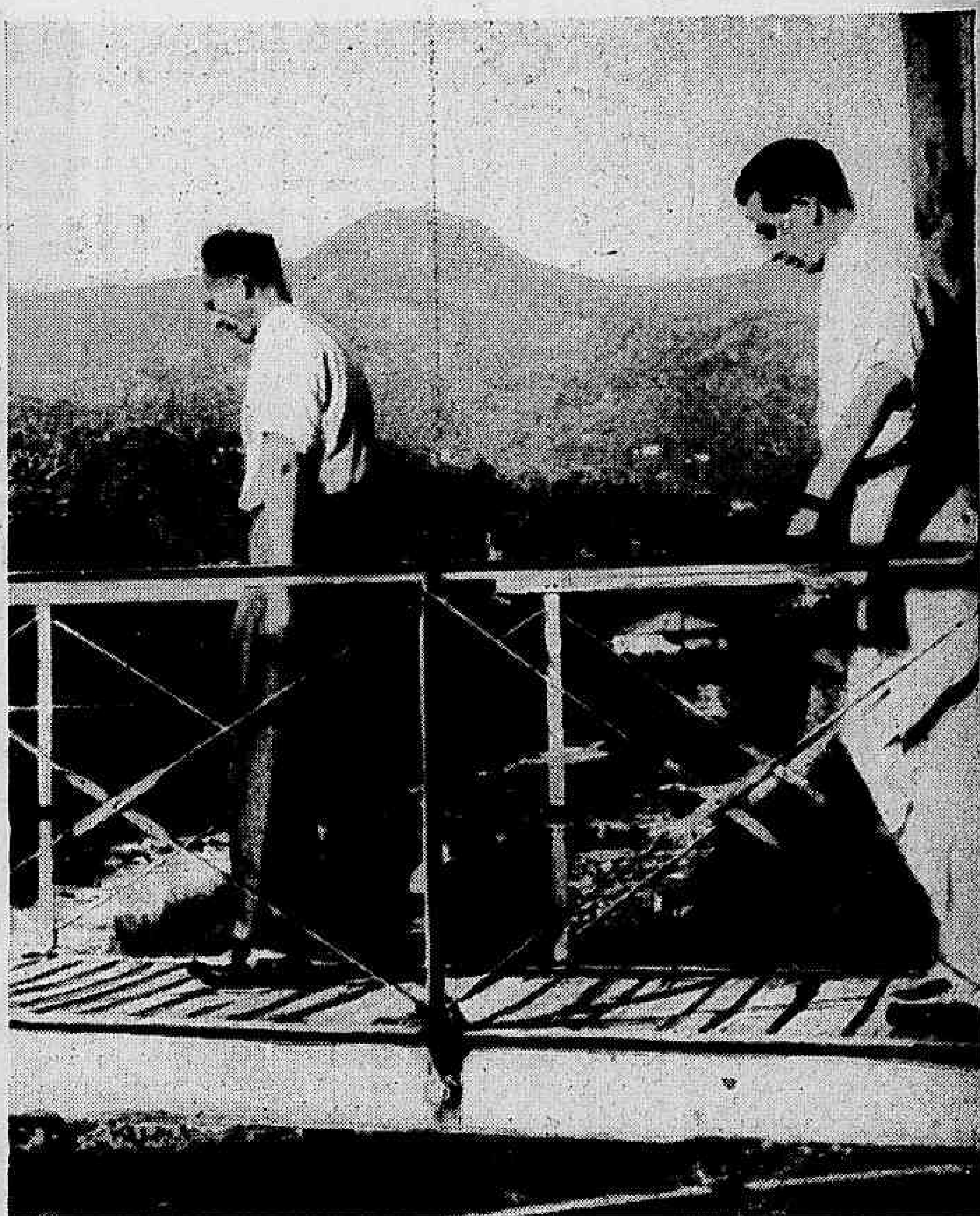
Em Rapallo, doce localidade da Itália banhada pelo sol mediterrâneo, o ex-Rei fêz uma recente vilegiatura. Nessa lugar e na sua mansão de exílio, na Austria, foram colhidas as fotos desta reportagem.



Leopoldo é considerado um dos melhores golfistas da Europa e nesta póse pode-se perceber a atenção e interêsse com que acompanha os lances do jôgo, os seus próprios e os do adversário. Esta foto foi tomada na vila dos Condes Marconi, em Rapallo.



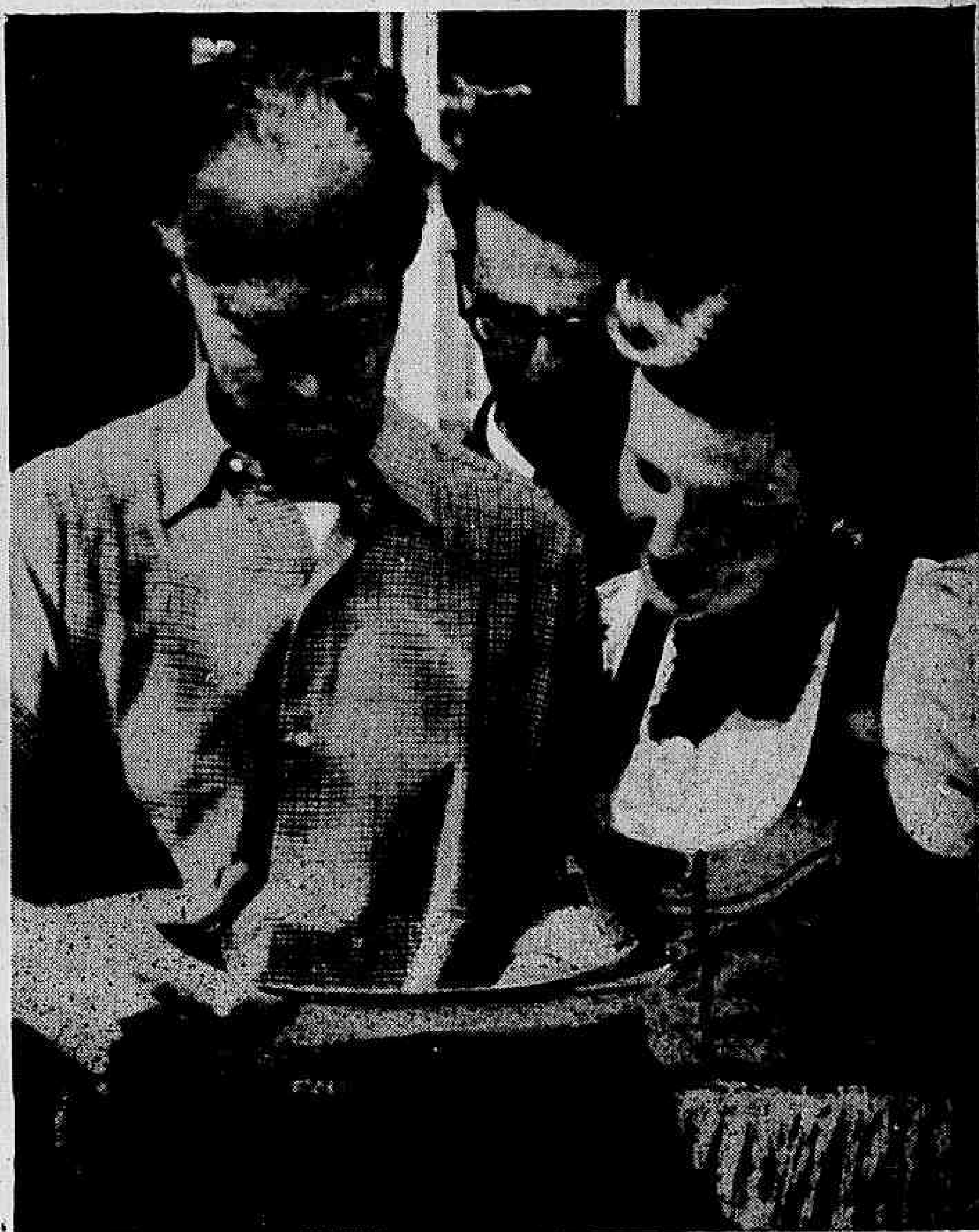
A prática do golf impediu que Leopoldo, já cinqüentão, criasse barriga e fizesse um papel feio junto à sua jovem espôsa, 25 anos mais moça que êle.



Que pensamentos encherão essa cabeça curvada? Êle não está dando atenção à paisagem nem ao seu companheiro. Que poderá pensar um ex-rei no exílio?



A foto traduz a simplicidade com que se conduz um ex-soberano. Nem guardas, nem protocolo. Vêem-se aqui Leopoldo, seu filho — hoje Rei — e a mulher.



Entre essas três cabeças projeta-se a sombra de uma coroa de rei. Estêve na de Leopoldo, cinge, hoje, a de Balduíno. E a mulher — sonhou com ela?

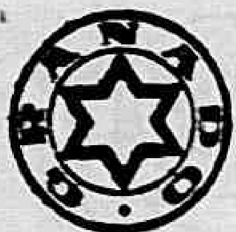
Não chore!



POLVILHO ANTISSÉPTICO



acaba com as Brotoejas



JOÃO FREY

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 23)

pos de minha infância. Oh! Como eu estava longe dos sonhos dêsse menino! E, se não fôsse por você Mary, eu teria voltado! Mas vejo o rapazinho dos pinheiros e o menino que recebe meus ensinamentos passo a passo. Procuro reencetar minha vida no lugar em que estava eu quando fui vencido. Não é como homem que eu preciso libertar-me, pois, se assim o fizer, recairei novamente nas amarguras do homem. Terei que lutar para ver êsse menino crescer sem que eu tenha que fazer chorar em mim o homem.

"Será que isso não me parece fantástico? A quem ousaria eu escrever tais coisas senão a você? Mas você me compreende muito bem. Sinto que, falando-lhe, não preciso pedir-lhe desculpas de minhas incoerências.

"Agora falemos de você e de seu trabalho. Não posso levar-lhe otimismos. Mas não se preocupe. Há em mim traços de perturbações primitivas. Quando um homem ama a uma mulher, é claro que êle deseja, inevitàvelmente, protegê-la.

"Não gosto de pensar em você vendo-a num bureau, com todos os seus belos instintos de mulher obrigados a se restringir ao severo formalismo de tal vida. Não gosto de pensar que um chefe qualquer, por paternal que seja, lhe dite, não sòmente cartas, mas regras de conduta. Não gosto de imaginá-la confundida pela multidão à hora do almôço. Não gosto de pensar nas grandes paredes de pedra que a encerram. Não posso admitir que amarrem suas asas para aprisioná-la em tal cadeia.

"E há ainda isto que preciso dizer-lhe: nem todos os homens precisam de uma mulher para aquecer-lhe as chinelas, ou para servir-lhe o jantar quentinho, ou mesmo para desfazer-lhe as rugas, se bem que eu confesse, haver nisso qualquer coisa de muito bom. Certos homens precisam de uma mulher para inspiração, ou para sustentáculo moral e espiritual, dizendo-lhe palavras que o reconfortam quando êle estiver com o coração abatido, graças à fôrça que possui em sua própria fôrça.

"Não é assim que se representa Julieta, exatamente a esquentar chinelas, nem Rosalinde, nem Portia, e, entretanto nenhuma dessas mulheres falharam no seu amor.

"A prima Patty me diz que o trabalho fará a você muito bem, e isso provoca entre nós grandes argumentos. Eu muito lhe falo a seu respeito, embora não lhe haja dito tudo, pois há coisas sagradas. Mas já lhe revelei que a vida para mim tomara um outro sentido, um novo sentido, depois que eu a conheci. Ela admira a sua independência e deseja conhecê-la. Um dia, estou certo, vocês se conhecerão. Em certos aspectos ambas se parecem: mas em outros, absolutamente diferentes, diferenças de nascimento, de atavismo e de ambiente.

(Continua no próximo número)



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pesso

1 — QUANTAS CÔRES SÃO PERCEBIDAS NA REGIÃO PERI- RICA DA RETINA::

— Duas?
— Quatro?
— Três?

2 — QUE QUER DIZER **ACROMATOPSIA**:

— Cegueira precoce?
— Incapacidade permanente de perceber certas côr
— O mesmo que oftalmia?

3 — EM QUE PARTE DA CABEÇA FICAM AS «FIBRAS DE NUE

— Nos ouvidos?
— Na língua?
— No cérebro?

4 — QUAL O NOME CIENTÍFICO DA PERDA COMPLETA I OLFATO:

— Hiposmia?
— Parosmia?
— Anosmia?

5 — FISIOLÓGICA E PSICOLÒGICAMENTE, QUANTOS SENTID TEM O HOMEM:

— Cinco?
— Seis?
— Dez, no mínimo?

6 — QUE QUER DIZER «SENTIDO QUINESTÉSICO»:

— O do olfato?
— O muscular?
— O dos sonhos?

7 — QUAL ERA O PRIMEIRO NOME DE SPINOZA:

— João?
— Baruch?
— Guilherme?

8 — QUAL DÊSTES POVOS POSSUIA SACERDOTES COM O NO DE BABALORIXÁ:

— Os negros iorubanos?
— Os índios do Nordeste?
— Os Incas?

9 — QUE SIGNIFICA O VERBO «BACOREJAR»:

— Balbuciar?
— Pressentir?
— Imitar porcos?

10 — UM SINÔNIMO PARA LEITÃO:

— Burrego?
— Barbatão?
— Bácoro?

11 — QUE NOME TEM O BASTÃO DOS BISPOS:

— Cítula?
— Pátena?
— Báculo?

12 — QUAL A AVE QUE TAMBÉM TEM O NOME DE «CURIANG

— O morcêgo?
— O bacurau?
— O socó?

13 — SE UMA PESSOA PEDIR UMA LUVA DE «BALDREU», ENTENDERÁ O LEITOR:

— Luva de pelica?
— Luva de box?
— Luva de tecido impermeável?

14 — QUAL DÊSTES NOMES ERA (E TALVEZ AINDA SEJA) NIMO DE LOCOMOTIVA NO NORDESTE DO BRASIL:

— Balduína?
— Bolandeira?
— Chambari?

15 — QUAL DÊSTES ANIMAIS SOLTA «BALIDOS»:

— O lôbo?
— A ovelha?
— O cão?

(Respostas na página 50)

M EU
nã
mulher b
cê tem a
possa sac
mo eu o
Em pr
minha m
você diz.
compreen
geral, nã
timentali
tais cous
ra o m
adivinhá
ta, e te
Eis p
ponder
da gra
para q
da conj
qui há
há de
livreme
to — v
nha vid
beleza,
o gran
alma d
Faço
dedido
to de
paz, o
venha
marcha
encont
derá,
ceber
nas q
tura e
os ch
preens
almas
ços d
Sat
lina,
ment
irmã
zes,
próp
tôda
dênci
se a
C

UMA REVELAÇÃO

MEU querido amigo, você diz que não compreende como uma mulher bonita e inteligente, como você tem a bondade de classificar-me, possa sacrificar a sua vida assim como eu o faço.

Em primeiro lugar, não sacrifiquei minha mocidade a uma ilusão, como você diz. Talvez como homem v. não compreenda isso — os homens, em geral, não cultivam a flor azul do sentimentalismo e não podem conceber tais cousas — mas, meu amigo, embora o meu modo de ser não deixe adivinhá-lo, fui sempre uma idealista, e tenho vivido para êsse ideal.

Eis porque jamais poderei corresponder aos seus sentimentos, apesar da grande estima que me inspira. E para que você possa fazer da sua vida conjugal um sucesso — sei que daqui há alguns meses o seu coração se há de voltar para outra que poderá livremente corresponder ao seu afeto — vou contar-lhe a história da minha vida. E' uma história triste, sem beleza, mas ela ajudá-lo-á a decipar o grande enigma que é para você a alma de uma mulher.

Faço-o pela grande amizade que lhe dedico e para que nenhum sentimento de amargura possa toldar a sua paz, ou uma impressão de fracasso venha marcar a sua sempre vitoriosa marcha sentimental, que até hoje não encontrou obstáculos. Lendo-a, poderá, igualmente, adivinhar ou perceber as reações muito femininas que a sensibilidade da sua futura espôsa apresentar, e assim evitar os choques e lacunas que, pela incompreensão, cavam abismos entre duas almas, ainda quando unidas pelos laços do mais terno amor.

Satisfazendo a sua vaidade masculina, estou certa de que presto igualmente um grande serviço às minhas irmãs, pois voc verá que, muitas vêzes, não somos senhoras de nossas próprias ações. Há de verificar que tôda criatura é um complexo de tendências e instintos, que por sua vez se acham modificados pela educação, pelo meio em que viveram e mesmo pela vontade. Essa, porém, tem a sua patologia.

Talvez seja êsse, afinal, o meu mal — uma doença da vontade. Quando estudava filosofia, aprendi que a indecisão e a impulsividade fazem parte da patologia da vontade. Uma se destingue pela impotência do querer, a outra consiste em ceder, sem resistência, à impressão do momento.

Como você sabe, são êsses os principais característicos da minha pessoa, na qual você, mau observador, constata apenas qualidades, sem verificar falhas tão evidentes.

Atendendo as suas carinhosas solicitações, eu tentei muitas vêzes, deixar-me vencer pelos seus argumentos. A sua eloqüência, e digamos mesmo, o seu encanto pessoal, seu coração tão bondoso, por vêzes, dominaram quase completamente essa vontade vacilante. Mas, lá, bem no intimo do meu ser, algo resistia, e eu jamais pude vencer essa resistência.

Pode ficar certo, meu pobre amigo, de que gostosamente, iria para você, tão digno de amor, e encheria os meus dias vazios com o calor do seu afeto, e povoaria a minha solidão com os nossos sonhos, se pudesse oferecer em troca da magnífica dádiva do seu, um coração que não estivesse tão cheio da imagem de outro.

Talvez você, homem afinal, se antentasse com a oferenda do meu corpo, mas a nossa união estaria fadada a sucumbir em breve, pois, sòmente a fusão das almas pode proporcionar uma felicidade completa e duradoura.

Leia, pois, essa história dolorosa — jamais a contei a alguém — e antes de penetrar no terreno sagrado que é um coração de mulher, encare a sua responsabilidade quando você quiser despertar um dêsses corações.

Pela última vez, convido-o a dar um passeio, mas você terá que volver comigo aos anos doirados da minha infância.

Viviamos, então, naquela casa onde você me conheceu, naquela rua tranqüila e arborizada, aonde o ruido dos bondes não chegava. Tinhamos-nos mudado havia poucos meses para lá — cinco anos após o nascimento de Mára, a nossa inesquecivel caçulinha. Nossa família estava completa então; as três mais velhas que você acha tão diferentes de mim, mais a Cila e o Rubinho. E a nossa vida era um turbilhão de risos e alegria. Abra bem os olhos, e veja como eramos felizes. Na minha memória, guardo intactas, aquelas lembranças de nossos folguedos infantis.

Era a Cila com as cigarras e o Rubinho com o jaboti. Elas e Cila é que anunciavam o verão. A sua alegria explodia, repentinamente, com a primeira cigarra que, de alguma das frondeças árvores do extenso quintal lançava o seu estridente canto. E, dentro de casa, os demais juntavam-se à festa, e a algazarra crescia, e o ar vibrava de alegria. A mamãe, tão jovem e bonita, aparecia, olhava-nos, espantada, e depois fugia.

Eu, que fui sempre pouco inteligente, não compreendia a razão daquêle barulho todo — parecia-me exagêro tanto entusiasmo por causa de uma cigarra. Muitas vêzes, participava e ainda ajudava a aumentar o tumulto, porém, a maior parte do tempo, limitava-me ao simples papel de expectativa, principalmente, quando Noto — assim lhe chamava papai — encontrava o jaboti esperneando de pernas para o ar.

Olhava desconfiado para mim que, adivinhando o seu pensamento, sacudia vigorosamente a cabeça. Os seus vivos olhos negros, mudavam logo de expressão — da desconfiança passavam ao desprêso. Sim, eu era uma medrosa com quem êle, jamais se dignaria medir, e a Mára... uma criança.

Então, saía, desabalado, em busca da infratora.

«Cila-a-a-a! — berrava eu, avisando-a.

Mas, quem poderia detê-la? — Lá vinha ela provocante, ao encontro da catástrofe.

Enfrentando-a, cheio de raiva, êle perguntava violentamente:

«Foi você que fêz isso com o meu jaboti»?

«Fui eu sim!» — respondia, intrépida, apesar da evidente superioridade física do garôto. — E então se pegavam os dois... E rolavam pelo chão, engalfinhados, até que, vendo Cila a ponto de morrer esganada, eu saia correndo e gritando, em busca de mamãe.

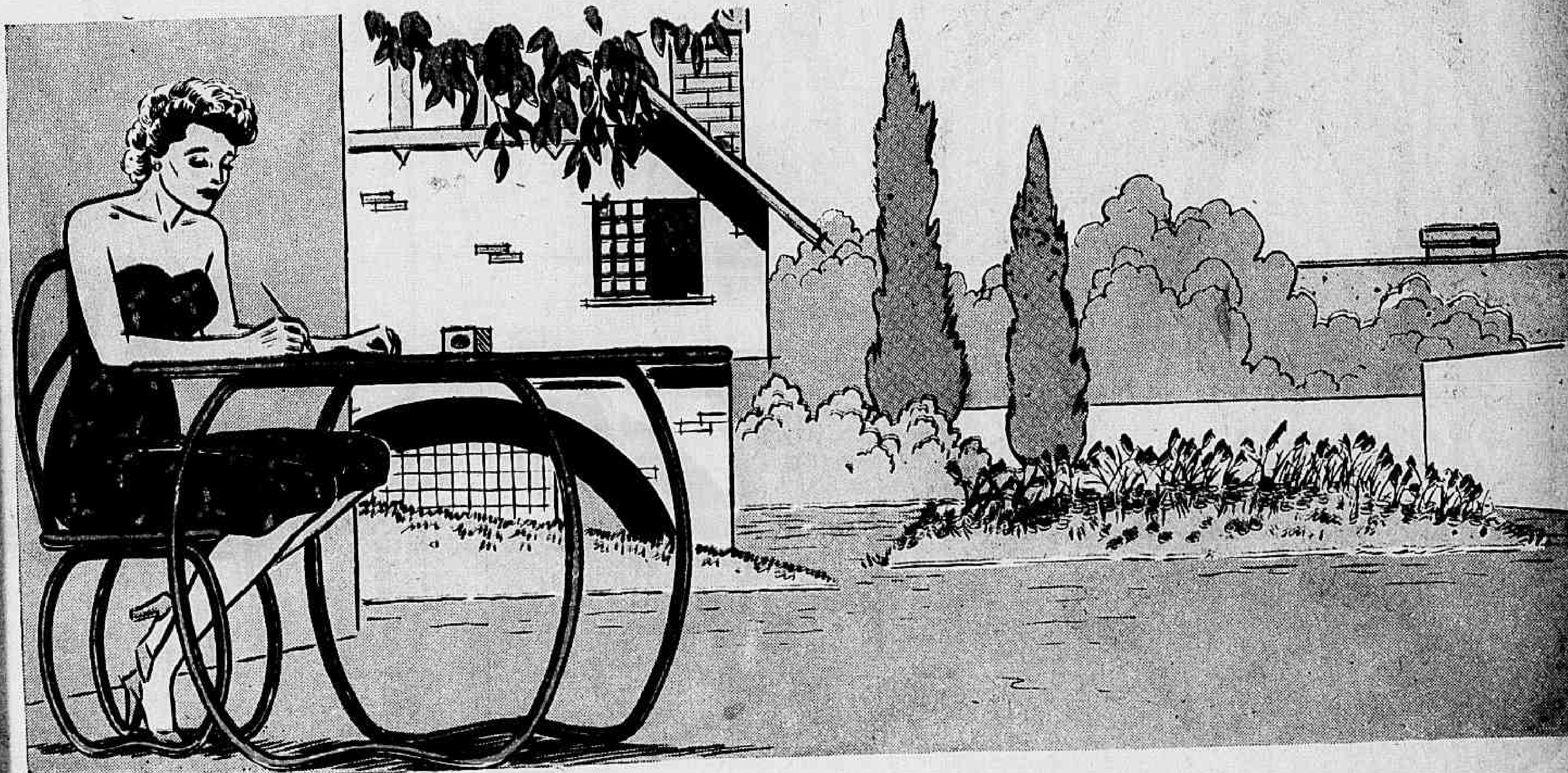
Só ela conseguia apartá-los. Ficava muito zangada, perguntando por quê eramos tão maus, por quê não tinhamos pena dela, por quê viviamos a aborrecê-la. E lá se ia...

E, apesar de ficar espantada por ter sido incluida na reprimenda e ter recebido os mesmos ralhos que as delinqüentes, não me escapava a impressão do próprio espanto que a mãe parecia sempre experimentar quando tinha que enfrentar todos os filhos reunidos. Creio que ela mesma deveria surpreender-se de haver pôsto no mundo tantos e tão daninhos bípedes.

Ela estava sempre ocupada. Ora ensinando às mais velhas a preparar as lições, ora cosendo. Era muito carinhosa, e saía às vêzes para levar roupa ou alimento aos pobres, ver um doente e ajudar a família. Sei que ela era boa, e eu julgava-a perfeita. Só

(Cont. na pág. 50)

Conto de ANA MARIA P. FERREIRA ★ Ilustração de RENATO de SOUZA



SOIRÉE





Êstes modelos de noite apresentam uma combinação de gôsto e distinção capaz de realçar a beleza e a atitude de quem os vestir

OS ESPINHOS DO AMOR















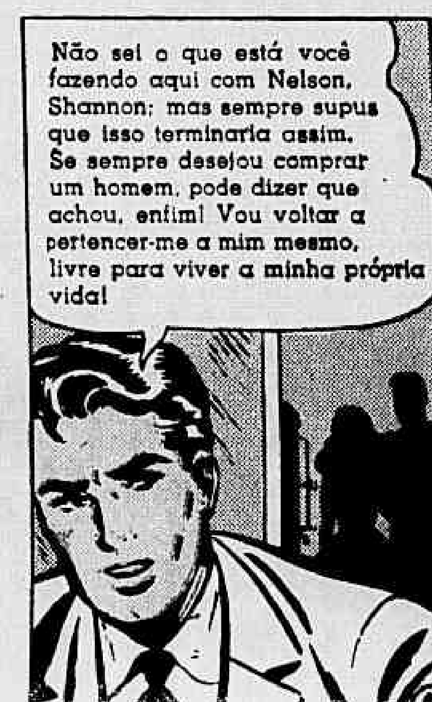












NAS TELAS

A MONTANHA DOS 7 ABUTRES

(THE BIG CARNIVAL — Paramount)

(Sessão especial)


"A MONTANHA DOS SETE ABUTRES"
Nova vitória de Wilder

AO menos uma vez por ano a dupla Charles Brakett — Billy Wilder produz, de parceria, uma fita não sò de valor artístico indiscutível como comercial. Em 1949, tivemos «Farrapo Humano»; em 50, «Tarde Demais»; em 51, «Crepúsculo dos Deuses». Agora em 52, Billy Wilder aparece sòzinho, como produtor e diretor de «A Montanha dos Sete Abutres», título que em nada sugere o grande espetáculo a que se vai assistir. Mesmo sem o seu parceiro de sucessos, Wilder consegue manter aquela unidade que categoriza o valor de suas películas anteriores. Tendo escrito, êle próprio, o argumento, com a colaboração de Lesser Samuels e Walter Newman, imprime um vigor extraordinário na narrativa que não cai um único instante. O objetivo de Wilder é demonstrar a sordidez que infesta uma certa classe do jornalismo barato que é capaz de tudo para obter sensacionalismo. Seu personagem central, Charles Tatum, magistralmente interpretado por Kirk Douglas, é o símbolo dessa classe. Astuto e inteligente, êle manobra tôda uma povoação, inclusive um xerife a quem promete reeleição do cargo por intermédio de uma campanha publicitária, para garantir exclusividade de uma série de reportagens sôbre um mineiro, vítima de um desmoronamento e que se acha soterrado, sob as pedras. E faz mais: havendo outros meios mais fáceis para salvar o pobre infeliz, êle consegue que se perfure a rocha, de cima para baixo, para que o tempo de salvamento dure mais e possa, assim, tirar maior partido nas reportagens. O enrêdo está bem delineado, com uma trama de amor bem engendrada, sem falsidades. A atmosfera é de ambição, de conquista, de glória. E' a ganância pelo lucro que impregna tôdas as imagens. As próprias rochas, audaciosamente rasgando o céu, dão ao espetáculo a idéia impressionante de grandeza. Mas Wilder não esquece o lado humano da questão; porque êle sabe perfeitamente que em todos nós, apesar de nossas fraquezas, existe um coração — êsse coração que não é outra coisa senão a nossa própria consciência. No final das contas, é a luta do Bem contra o Mal — e chega-se à conclusão de que o «crime não compensa», porque, em última instância, a própria consciência do indivíduo é o júri que virá condená-lo. Wilder pinta todos os tipos com traços curtos, porém fortes. Estão bem marcados. A cenarização é perfeita e a montagem e o corte dão unidade e ritmo ao filme. Os acontecimentos se precipitam, velozmente, dentro, é claro, de uma naturalidade que Wilde sabe imprimir. Há muito espírito de sátira, no decorrer de todo o filme — e fica bem claro que, se há o lado mau da imprensa (como poderia ser de qualquer outra profissão) há também o lado bom. E o ser humano aproveita qualquer pretexto para tirar o seu partido, ainda que esteja em jôgo a vida alheia. E' o egoísmo que permanece latente em cada homem e que desperta ao mais simples toque. A curiosidade da multidão que se transporta de longe sòmente para se deliciar com os processos de salvamento, porque saindo vivo ou morto de dentro das rochas, tudo aquilo não deixava de ser um espetáculo. Filmado «in loco», Charles B. Lang, diretor de fotografia, nos dá um trabalho admirável, no que é auxiliado enormemente pela música funcional de Hugo Friedhofer. Kirk Douglas, sem dúvida um dos melhores atores contemporâneos, apresenta um trabalho à altura do que nos deu em «O Invencível». Talvez melhor. Jan Sterling, na mulher má, está impecável. Sórdida, insensível, é o egoísmo personificado. Figuram ainda: Porter Hall, Bob Artur, Frank Cady, Richard Benedict e outros, todos corretos. Mas, no cômputo geral, as honras recaem ainda sôbre Bill Wilder, um dos melhores diretores da atualidade, e que, ao lado de poucos, conseguem manter em nível superior a todos os demais, o tão combatido cinema americano.


RICHARD TODD
Grande revelação

"CORAÇÃO AMARGURADO", dirigido pelo eficiente Vincent Sherman, teria fracassado nas mãos de outro diretor. Desenrolado, quase que inteiramente, dentro de um único set, tem, contudo, diálogos inteligentes e uma boa movimentação de câmara, quebrando a monotonia que, por vêzes, tenta arrastar a história. Os personagens estão bem marcados, especialmente Richard Tod, em sua estréia no cinema, que nos dá um excelente desempenho. Êle vive o personagem que sofre uma operação, extraindo um rim, e prejudicando o outro, que não funcionará normalmente, tendo, por isso, apenas duas semanas de vida. O médico recomenda aos seus amigos que lhe escondam êsse segrêdo. Mas Richard é orgulhoso e acha que pode viver perfeitamente só, sem a ajuda de ninguém. "Todo homem necessita de amizades. Ninguém pode morrer sòzinho, sem estar cercado de amigos". Esta é a tese do filme, proferida pelo doutor. E Richard, quando descobre que seus amigos o enganaram, revolta-se, e recebe uma boa lição de moral de um de seus companheiros — e chora, arrependido. As situações estão bem criadas, e a narrativa é sóbria, discreta, com bonitos momentos e especialmente muito bons diálogos. Pode ser visto com agrado.


GENE KELLY
O filme é todo seu

"UM AMERICANO EM PARIS", detentor de vários prêmios, considerado o melhor musical de todos os tempos, é, realmente, um celulóide bem feito. De primeira categoria. A história, além de fugir ao padrão comum e às fórmulas habituais, proporciona, com naturalidade, motivo a que os números de canto e dança sejam apresentados normalmente. Mas a finalidade é divertir. Divertir com arte. E que arte! Basta dizer que Gene Kelly é o responsável por todos os números de dança, e os 20 minutos finais apresentam o maior espetáculo em "ballet" jamais apresentado no cinema. Por mais exigente que seja o espectador, não deixará de querer ver a fita ao menos duas vêzes, e o "ballet" final — um "ballet" feito como deve ser feito para o cinema — quantas vêzes puder. E' realmente um bom espetáculo. Além de Gene Kelly, um dançarino e coreógrafo que dispensa qualquer comentário, temos a simpática e ágil Leslie Caron, uma bailarina francesa que abafará a banca. Vera Ellen que tome cuidado...


JANE POWELL
Cartaz para brotinhos

"RICA, MOÇA E BONITA", ao contrário, é um dos habituais abacaxis coloridos da Metro. Uma falta de gôsto incrível, feita para tapear o público de boa vontade. Temos no cast Wendel Corey, Danielle Darrieux, Marcel Dalio, todos desperdiçados. Fernando Lamas continua provocando suspiros das moças. Jane Powel, mais bonita e mais boba do que nunca, ainda arrasta o público adolescente. E temos a apresentação do cantor Vic Damone, como astro; linda voz — e um legítimo canastrão.


MICHAEL RENNIE
Discreto

"O DIA EM QUE A TERRA PAROU" é um filme-fantasia, baseado na suposição de que um disco voador, procedente de outro planêta, teria vindo à terra, trazendo uma mensagem. O argumento e a cenarização proporcionam momentos bons e a hábil direção de Robert Wise consegue manter um clima de suspense durante todo o desenrolar do filme. Anteriormente havíamos visto "Destino à Lua" e "O Monstro do Ártico", os melhores no gênero, mas êste supera a todos. As cenas da aterrisagem do disco, em Washington, estão esplêndidas. A música pode, desde já, ser considerada a melhor do ano, por antecipação. Espetáculo que diverte e emociona. Recomendamos a todos. Michael Rennie e Patricia Neal são os protagonistas.

AVA GARDNER DESPOSA FRANK SINATI



AOS SEIS ANOS Ava era laura, tôda inocência e sonhos, caminhando para a feminilidade que a dominaria.



AOS DEZOITO anos desposou Mickey Rooney, mas não pôde conciliar a vida do lar com a carreira artística.



CASOU-SE ANOS depois, com Artie Shaw, terminando em divórcio. Mas Ava ganhou... experiência



JÁ BEM MUDADA e mentalmente madura, ela passou a dedicar-se exclusivamente ao cinema, e seu romance com Howard Duff não chegou a ter grandes consequências



HOJE ELA E' Mme. SINATRA, depois de servir de vértice ao triângulo formado ainda pelo toureir Mário Cabré. Mas Frankie venceu a tourada, obteve o divórcio de sua espôsa, e casou-se com a «glamourgirl» nº 1. Terá Ava acertado desta vez?...

AVENTURA OU AMÔR?

ESTA é a pergunta que geralmente os fãs fazem a sí mesmos, quando têm notícia do casamento de uma "estrêla" da tela. E com razão. Porque tantos os casamentos e, conseqüentemente, os divórcios, que será difícil dar-se crédito aos sentimentos que conduzem os "astros" ao altar. Muita vez tudo não passa de um simples golpe publicitário. Mas êste, parece, não é o caso de Ava Gardner. Ao menos desta vez, quando se torna gora madame Frank Sinatra. Mas, comecemos do princípio.

Há alguns anos atrás Hollywood descobriu uma menina. Ou, antes, para sermos mais exatos, essa menina descobriu Hollywood. Bonita, linda mesmo, não havia quem não a olhasse demoradamente em qualquer lugar em que aparecesse. Tanto que, certa vez, um jornalista viu uma fotografia sua e não hesitou em colocá-la na capa de sua revista. Ava tinha então dezesseis anos de idade. Isso foi o primeiro passo a caminho de Hollywood, onde começou a fazer pontinhas. Conheceu então Mickey Rooney, já no apogeu de sua carreira e, dizem, lançou mão de um recurso para ser notada: casou-se. Uma das mais lindas mulheres do mundo casada com um rapazola pequenino, baixinho, sardendo, mas com um bruto cartaz. Ava colou-se no cartaz de Mickey e começou a ser notada verdadeiramente. Talvez não tivesse amor ao marido. Talvez. Vieram as brigas e o divórcio. Conheceu então Artie Shaw, com quem se casou. Viveram felizes alguns anos. Artie chegou a compôr lindas melodias inspirado na bela companheira. Mas não deu certo, também. Desta vez Ava chorou. Parecia mesmo uma pequena apaixonada. Mas não deixou que sua vida sentimental interferisse em sua carreira artística. Soube enfrentar o choque do divórcio com tôda sua enérgia feminina. Flertou várias vêzes, inclusive com Howard Duff — fazendo mesmo crêr a todos que êste seria seu terceiro casamento. Andavam sempre juntos. Mas uma viagem à Europa interrompeu o romance. Nessa altura, já recebia os cortejos de mr. Frank Sinatra, que estava disposto a abandonar sua espôsa há bastante tempo, aguardando apenas um motivo. Ava Gardner era um bom motivo. Deixando tudo, Frankie rumou também para a Europa e levou um belíssimo presente para Ava. O negócio ficou um pouco complicado, pois, publicidade ou não, Ava estava de namoricos com o toureiro Mario Cabré. Frank chegou a voltar, desolado. Não era possível que aquêles olhares, durante a tourada, fôssem mera representação;

(Continua na pág. 54)

DEPOIS DE UM RUMOROSO ROMANCE



Segundo alguns entendidos, Ava Gardner embolsa a propalada beleza de Maria Felix e, em tecnicolor, não há quem a supere. Basta ver «Pandora» e «Barco das Ilusões». Ela vem aí em «Lone Star», ao lado de Gable.

O QUE VAI PELA BROADWAY

NOVA YORK (Correspondência de Jackson Flores)

DEPOIS do p.ogresso atingido pela
televisão e do m-ndo que ainda se
espera dêsse novo meio de diversão, os
magnatas de Hollywood têm tido noites
consecutivas d- insonia e a produção de
aspirinas tem sido pequena para curar as
dores de cabeça. Não sei, talvez eu seja
demasiadamente otimista, ou o fato de
não ser o meu dinheiro que esteja em
jôgo, a verdade, porém, é que vejo de
maneira diferente o problema da televi-
são em relação a indústria cinematográ-
fica. O receio principal de Hollywood,
é que a televisão venha a esvasiar os ci-
nemas. Assim dizem êles, mas o que te-
nho visto são rendas fabulosas passarem
pelas bilheterias dos cinemas. Como
exemplo, aí está o caso de «Sansão e Da-
lila», que ainda continua produzindo mi-
lhões para Cecil B. De Mille, que já pos-
sui outra mina de outro em função com a
sua recente super-produção «The Grea-
test Show On Earth», em exibição no
Rádio City Music Hall. «Quo Vadis» que
custou a Metro-Goldwyn-Mayer sete mi-
lhões de dólares, já entrou na décima
sexta semana de exibição no cinema As-
tor. Não, não posso compreender porque
Hollywood vive preocupada com a televi-
são que, ao contrário, em muito tem aju-
dado a indústria cinematográfica, pois,
grande parte dos shows de televisão são
filmados, o que já provou a organização
de pequenos estúdios para a filmagem de
programas a serem televisionados e pro-
duzirem peliculas para a televisão. O dia
que os grandes estúdios quiserem, en-
contrarão uma nova fonte de renda com
a produção de filmes para a televisão e,
facilitando a esta os seus inumeráveis e
fabulosos recursos técnicos, estarão con-
correndo para o seu desenvolvimento e
progresso. A televisão não sòmente po-
derá se constituir num grande e valio-
so cliente para Hollywood, como servir-
se do próprio material humano que dei-
xa de interessar aos estúdios da Cali-
fórnia.

Aliás, isso já está acontecendo e mui-
tos dos veteranos artistas de Hollywood,
alguns até possivelmente já esquecidos
pelos fãs, como Edmund Lowe e Neil Ha-
milton, estão novamente em evidência,
graças a televisão, que não só consegue
utilizar-se dos antigos como, também,
tem criado novas personalidades já apro-
veitadas pelo cinema.

Não, positivamente, não acredito que a
televisão possa derrubar o império ci-
nematográfico de Hollywood. E' evidente,
porém, que oferecendo a televisão gran-
des e variedos espetáculos captados in-
teiramente grátis e assistidos da poltro-
na do «living-room», gradativamente a
mentalidade do fã do cinema vem se mo-
dificando, no sentido de sòmente ir ao
cinema para assistir a um espetáculo me-
lhor do que o que a televisão pode lhe
oferecer. O público continua e continua-
rá a ir ao cinema, desde que os estú-
dios oferecam peliculas de primeira clas-
se que realmente façam juş ao preço da
entrada e, principalmente, compensem a
interrupção da comodidade do lar, arma
fundamental da televisão.

Enquanto, porém, a televisão não se
tornar universalmente defundida como o
rdio, Hollywood continuará a produzir
bons e maus filmes, pois, os últimos sem-
pre encontrarão no mercado exterior uma
fonte de renda bastante compensadora.
Como disse acima, a televisão não aca-
bará com o cinema, mas concorrerá de-
cisivamente para reduzir a produção em
favor de um melhor nivel artístico.

cinema

[illegible]

Zèquinha de Abreu ...... [illegible]

[illegible]

Fernando de Barros · Adolfo Celi
Jacques Maret · Oswaldo Sampaio
Radamés Gnattali

Vera Cruz [illegible] Columbia
ADOLFO CELI

TICO-TICO NO FUBÁ

SANTA RITA DO PASSO QUATRO, em 1912, era uma cidadezinha do interior paulista. Zèquinha de Abreu, o compositor que "Tico Tico no Fubá" tornaria célebre no mundo inteiro depois de sua morte, tinha então 25 anos e era um modesto funcionário da prefeitura, filho do farmacêutico do lugar. Estava noivo de Durvalina, a moça mais bonita na cidade que morava na companhia de uma tia solteirona. A velha não aprovava a escolha da sobrinha.

Zèquinha aproveitava das horas do expediente da prefeitura para escrever suas músicas, e um dia o prefeito o surpreende em flagrante, censurando-o asperamente. Em seguida o encarrega de cobrar a taxa municipal do circo que acaba de se instalar num terreno da prefeitura depois de um desfile sensacional pela cidade.

E é assim que Zèquinha conhece Branca, jovem amazona e sobrinha do diretor do circo.

E' quase um caso de amor, à primeira vista. Branca constata com prazer que Zèquinha não é apenas funcionário público, mas também músico e compositor, portanto artista como ela. Sem que êle perceba, ela se apodera do manuscrito de uma valsa que, no espetáculo de estréia do circo, ela dança com seu cavalo. Só, no camarote da prefeitura, está Zèquinha. A fim de verificar os boatos que correm na cidade a propósito de seu noivo, Durvalina — acompanhada de sua tia — também assiste o espetáculo, do qual se retira muito magoada.

Uma chuva torrencial interrompe o espetáculo. Os espectadores se retiram em desordem, mas Zèquinha fica em companhia de Branca e nessa mesma noite compõe "Tico Tico no Fubá".

Durante vários dias Zèquinha se conserva retraído, sem procurar Durvalina e Branca. Esta finalmente toma a iniciativa procuran[do-o] na prefeitura a fim de convidá-lo para um passeio nos arredore[s da] cidade. Durante êsse passeio, trocam declarações de amor, e Zèqu[inha] encara a hipótese de partir com ela e o circo.

E, entretanto, atormentado pelos escrúpulos que procura af[ogar] no alcóol. Tarde da noite, quando sai do bar, Branca o espera [nas] imediações e o leva para o circo.

No carro de Branca êle procura explicar à moça que não [pode] abandonar sua cidade, mas, depois de uma cena violenta, re[nova] sua promessa.

Volta para casa e prepara suas malas. Seu pai, não consegu[indo] retê-lo, limita-se a dar-lhe a bênção. Logo que Zèquinha sai, c[hega] Durvalina. Chora no pequeno quarto que Zèquinha acabou de a[ban]donar e onde, para ela, existem tantas relíquias.

Mas Zèquinha não partiu com o circo. No último momento, [sur]preendeu uma conversa entre dois artistas que zombam "do ca[...] de Branca".

Voltando para casa, ainda encontrava Durvalina no seu quart[o] é perdoado pela noiva.

O casamento de Zèquinha e Branca tem lugar num dia de ch[uva] tropical. Brevemente Zèquinha é pai de uma família que cresce [de] ano para ano.

Para sustentar os seus, êle espera ser nomeado ao pôsto de ch[efe] de serviço, mas era simples ilusão. Desanimado, êle começa a beb[er]. Durvalina humilha-se ao ponto de ir tirá-lo do bar, onde êle p[assa] as noites, tentando encontrar de novo a melodia que compôs [para] Branca há tempos e que ela levou consigo. (Continua na pág.

ROMANCEADA E ADAPTADA PARA A TELA A VIDA D[E] Z[...]

FLASHES MUNDIAIS

JANE WYMAN, que aparece no filme da Paramount "Órfãos da Tempestade" (Here Comes the Gromm) juntou-se à parada das glamurosas estrêlas dramáticas de Hollywood que resolveram experimentar o campo da comédia. Nesse filme, Jane compartilha com Bing Crosby e outros astros de primeira grandeza, as glórias do estrelato. Uma das cenas se passa entre ela e Bing, no escritório do milionário Franchot Tone, no momento ausente. Ela e Bing eram noivos há anos, mas êle vivia pelo mundo afora por causa da sua carreira de repórter, e ela acaba por se cansar de esperá-lo. O resultado é que Jane resolve casar com o patrão e deixar o emprêgo. Nesse dia Bing visita Jane no escritório que é enorme e magnífico. Olhando para a secretária que é imensa êle pergunta: "E' esta a secretária em que você trabalhou pelo espaço de três anos? Que espécie de trabalho era o seu?" "Conquistar o patrão!" Retruca a petulante Jane. Nossa câmara fêz "click" ao apanharmos um instantâneo de Jane Wyman e Frank Capra, o triunfante diretor de "Órfãos da Tempestade".

★

O bom humor de Betty Hutton é esfusiante, espontâneo, conforme todo o mundo sabe, não sendo preciso que os informe disso. Ùltimamente, contudo, deu-se um fato que pôs rudemente à prova êsse bom humor mundialmente conhecido. A trêfega e trepidante Betty estava ensaiando seus números de circo nos trapézios para o seu papel de aerealista no filme de Cecil B. De Mille "O Maior Espetáculo da Terra5 (The Greatest Show on Earth). Arrancou aplausos de profissionais do trapézio que estavam assistindo suas proezas e muita gente importante agrupava-se ali estarrecida perante sua habilidade numa arte perigosa e difícil que ela aprendera em pouco tempo. Entre a multidão achavam-se as suas duas filhinhas, Lindsay, de 4 anos, e Candy que conta apenas 2. Ao concluir seu ato com um salto de profissional de quarenta pés de altura na rêde volante, ela se precipitou para as duas garôtas. "Que tal vocês acharam Mamãe?" — perguntou ela ansiosa por um elogio das filhas. E a menorzinha respondeu: "Muito bem, mamãe, mas quando é que começa o circo?" Felizmente, para Betty, pouco depois ela recebia um dos célebres meio-dólares novinhos em fôlha que são conhecidos como as medalhas de valor que De Mille distribui por feitos acima e fora do comum durante a filmagem dêsse grande filme épico.

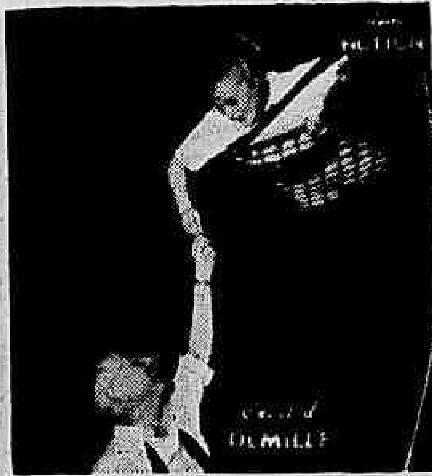
★

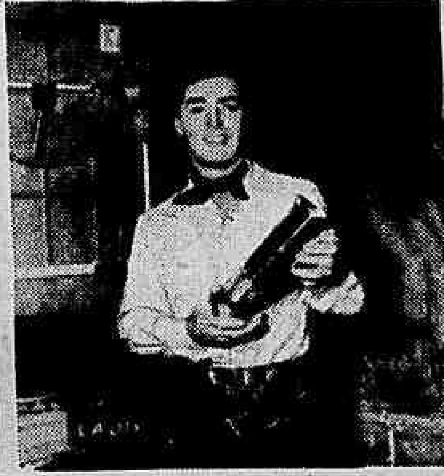
POR falar em astros que aparentemente falham em impressionar a progênie, há o caso de Alan Ladd, ídolo da tela de crianças de todo o mundo. Alan, que encabeça o cast do filme "O Último Caudilho (Red Mountain), disse, há dias, no set, que um fabricante de roupas da Califórnia porá à venda, dentro de pouco tempo, trajes completos de cow-boy sob o seu nome, como os que êle usa, chapéus de abas largas, botas, laços, etc. Como se estava aproximando o aniversário do seu filhinho de 3 anos, David, Alan e o garôto começaram a conversar sôbre os presentes que o último desejava. O jovem pai disse que pretendia dar, entre outras coisas, um par de pistolas "Alan Ladd" como presente especial, mas o pequeno protestou: "Não quero pistolas Alan Ladd não, papai. Prefiro que você me dê as de Roy Gogers!" "Fiquei sem ter o que dizer" — confessou Alan. Nem adiantou a linda taça de prata, prêmio de popularidade que o mundo lhe dedicou...

★

POR associação de idéias, pensamos agora em Trigger, o cavalo de Roy Rogers. Estava o valente corcel com mais outros dois cavalos amarrados em tôrno da tina d'água colocada fora de uma taverna para dar de beber aos animais. Lá dentro, Bob Hope, numa seqüência do filme "Son of Paleface", ainda sem título escolhido em português, acaba de beber uma mistura tão forte, e de um só trago, que êle sai pela porta a fora com fumaça saindo dos seus ouvidos. Vê a tina d'água, afasta os cavalos e bebe a água tôda do grande balde. Em realidade, o H2O é sugado da tina por meio de uma bomba oculta de modo a parecer que é Bob quem está absorvendo tudo. Depois dêsse feito, ao ser cortada a filmagem para se começar outra cena, Bob, o eterno repentista, volta-se para o pessoal do set e exclama: "Grande talento êste meu! Consigo roubar cenas até de cavalos! E ainda por cima de um cavalo célebre como Tigger!" E acreditem ou não, Bob e a estrêla do seu filme, Jane Russell, ofereceram um almôço no restaurante do estúdio da Paramount em honra de Roy Rogers e do seu cavalo ao terminar a filmagem da produção. A fotografia que apresentamos atesta êsse fato.













(Fotos Paramount)

ZEQUINHA DE ABREU

cinema

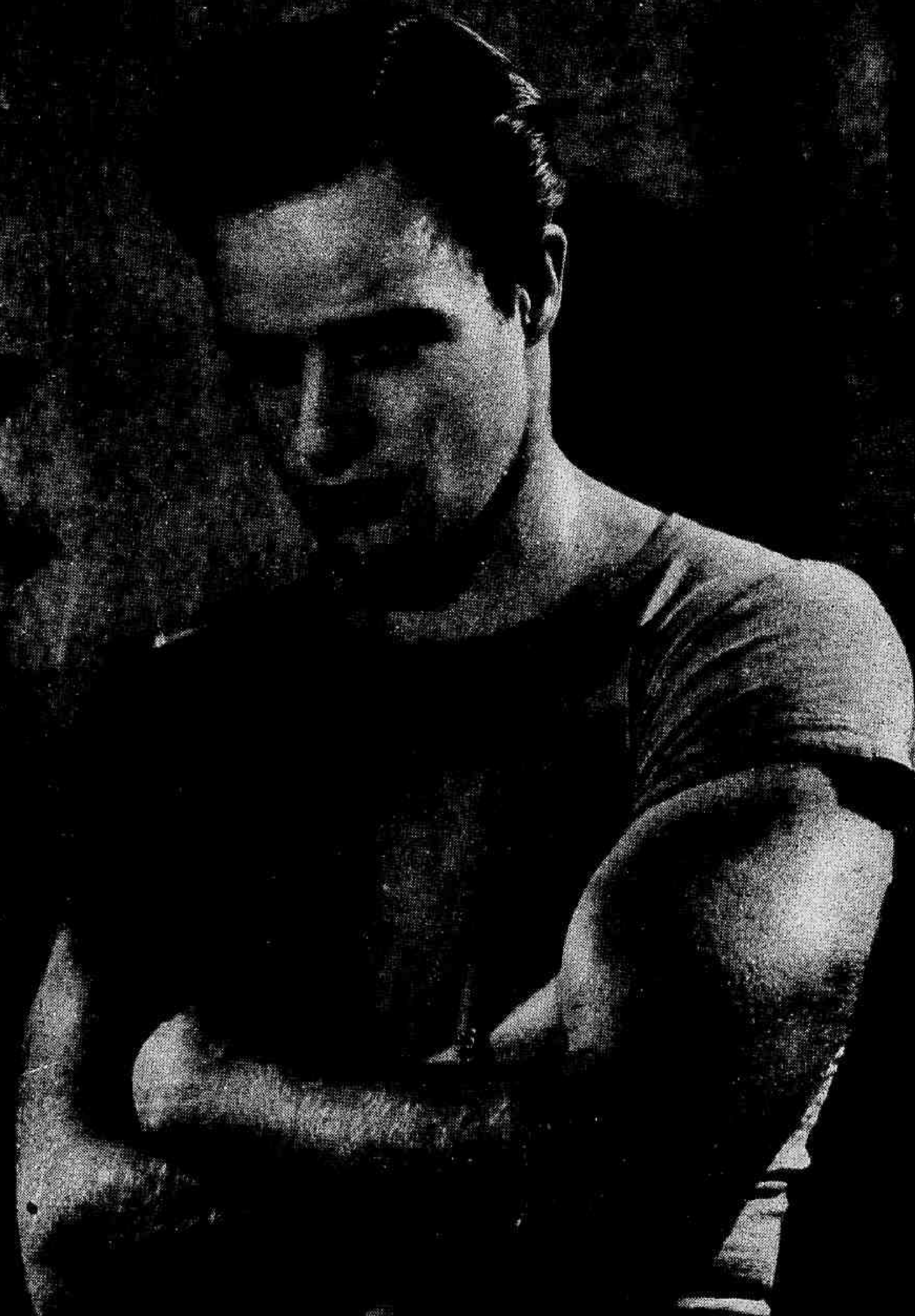
MARLON Brando veio da Broadway para Hollywood depois de se revelar um ator de excepcionais qualidades. Brando é uma das personalidades mais interessantes da terra do cinema, principalmente pela sua independência de caráter.

Desde muito criança, Marlon levou uma vida inquieta. Até aos seis anos viveu em Omaha, Nebraska, onde nasceu no dia 3 de abril de 1924. Sua mãe era uma atriz e sua irmã Joselyn gostava muito de teatro. As duas influiram Marlon a seguir a carreira onde se tornaria famoso. Tem outra irmã, Frances, também artista, mas do pincel. De Omaha, Marlon foi para Evanston e logo para Libertyville, em Illinois. Naquele povoado o pai de Marlon fazia bons negócios e a casa do artista vivia frequentada por diretores, atores e escultores, gente dedicada à arte e que de certa forma deixaram profunda impressão no espírito de Marlon. O teatro vivia porém em sua alma, assim um tanto esquecido. Aos 15 anos êle pensava em coisa muito diferente, por exemplo, tocar bateria nas grandes orquestras. Como baterista fazia sucesso nas reuniões sociais e as pequenas se apaixonavam por êle. Tentou seguir a carreira, mas desgostava-lhe o tratamento dos maestros que não concordavam em absoluto com as maneiras um tanto independentes de Marlon...

Foi mandado então para a Academia Faribault, em Minnesota, onde seu pai estudara, mas, a disciplina foi o seu maior suplício e tão pronto se graduou, abandonou o colégio e conseguiu seu primeiro emprêgo, modesto como é fácil adivinhar.

Depois de dois meses, Brando cansado da rotina do trabalho que fazia, resolveu deixá-lo. Suas irmãs haviam embarcado para Nova York onde Joselyn cursava a Academia de Arte Dramática e a outra, Frances, estudava na Academia de Pintura. Êle mostrou desejos de estudar teatro e o pai fêz-lhe a vontade. Brando foi morar com Frances, em Greenwich Village e esperou três meses até que se iniciassem as classes dramáticas para o novo curso. Enquanto isso, procurou emprêgo e o único que arranjou foi de cabineiro, que não serviu, é claro. Não procurou mais e os dias foram correndo, correndo e Marlon caminhando, caminhando pelas ruas da cidade...

Nesse tempo Marlon contava 19 anos





Warner

marlon

brando

UMA NOVA CONQUISTA PAR
O CORAÇÃO DAS FÃ

OS PALCOS DA BROADWAY OFERECEM UM NO



Em «Uma Rua Chamada Pecado» Marlon Brando contracena com Vivian Leigh, revelando-se um ator de excepcionais qualidades

e confiava cegamente nos amigos. As decepções que sofreu fizeram-no ver a insinceridade humana e nem assim deixou de acreditar nos outros. Êle sempre foi e sempre será um eterno estudioso da espécie humana.

Depois de um ano de Academia, Marlon, graças à sua facilidade em aprender, acabou por ingressar no teatro na peça «I Remember Mama», e tão bem se conduziu que lhe deram outro papel em «Truckline Cafe». A crítica elogiou-o muito. Êle continuiu no teatro e foram lhe dando papéis mais importantes. Sua grande «chance» nasceu na peça «A Flag Is Born», de Ben Hetch, e foi depois disso que Elia Kazan lhe ofereceu o «script» de «Uma Rua Chamada Pecado» (Streetcar Named Desire) que Marlon aceitou.

Foi visitar o autor, Tenessee Williams, e surpreendeu-se com sua interpretação. Não havia dúvida. Êle nascera para viver a figura brutal de Stanley, personagem central da peça e do filme.

Brando tem cabelos castanhos, boa altura, pesa normalmente e seus olhos são cinzentos. Seu caráter tem tendências melancólicas muitas vêzes e é de extrema sinceridade. Adora tocar baterias, não toma licôres, nem lhe atrai a vida noturna. Gosta muito de conversar, de boa literatura, de música e arte. Para êle tanto faz viver aqui ou acolá. Dá no mesmo. Em Nova York residia num porão, e em Hollywood, mora com seu agente. Não tem planos de grandeza. Não se veste muito bem, pois prefere os trajes esportivos. E' elegante assim mesmo. Ainda recentemente foi criticado por entrar num restaurante de sandálias. E' excêntrico.

E' como se pode deduzir um tipo estranho, estranho e ao mesmo tempo fascinante. No estúdio é desembaraçado e fala com facilidade. Fora, por vêzes, se mostra um tímido. As garôtas de todo o mundo já o consideram a «maior revelação masculina de Hollywood nos últimos anos» e o seu trabalho em «Uma Rua Chamada Pecado» (Streetcar Named Deside) ficará por certo inesquecível.

Simples, simpático, Brando não alimenta manias de grandeza. Veste-se esportivamente e mora com seu agente de publicidade



TALENTO AOS ESTÚDIOS DE HOLLYWOOD

Nunca despreze a QUALIDADE na compra dos seus alimentos.



Talharim com ovos, altamente alimentício pela grande porcentagem de ovos contida.

Massas especiais com ovos. Vários tipos à sua escolha. Enfeitam o prato e alimentam de fato.



Exija

Massas AYMORÉ





Massas de semolina, cortadas e compridas. Alta porcentagem de glúten de trigo.

A Massa que o povo em massa exige

Dê maior PROTEÇÃO à sua FAMÍLIA!



Á sua família deve ser dada a maior garantia de segurança! O "SEGURO EM GRUPO" que, sem exame médico, a A EQUITATIVA DOS EE. UU. DO BRASIL lhe oferece por módica mensalidade, é uma necessidade de amparo coletivo inadiável em nossos dias. Facilitando a garantia do futuro, num ato de previdencia generalizada, o "SEGURO EM GRUPO" foi criado especialmente para proteção e benefício às famílias das grandes classes de trabalhadores. Peça informações e esclarecimentos sôbre a forma mais eficiente, módica e garantida de amparar a sua família contra os riscos e incertezas do futuro.

A EQUITATIVA DOS EE. UU. DO BRASIL
Sociedade Mútua de Seguros Sôbre a Vida
Sede: Av. Rio Branco, 125 — Rio de Janeiro







O frio já tarda. As manhãs e as noites refrescam, pedindo agasalho adequado. Nem todos os modelos que hoje publicamos terão utilidade imediata mas servem como sugestões para uma quadra que não demora chegar.



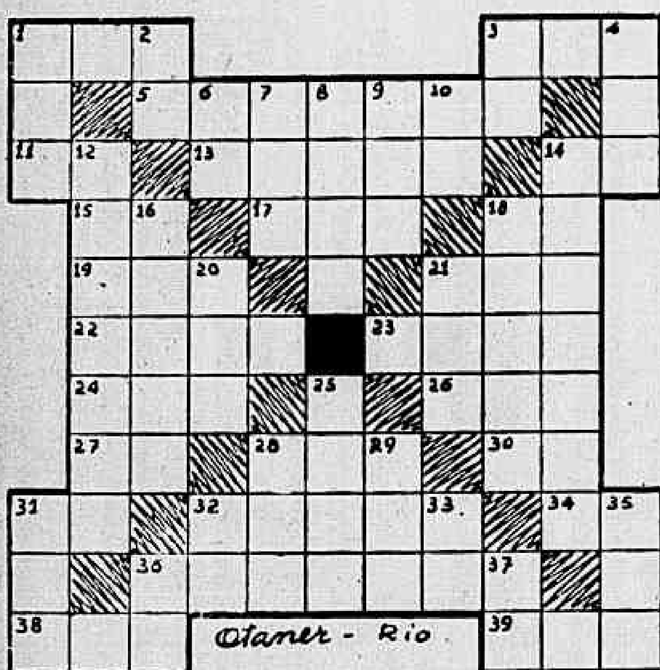




Sugestões para os dias frios

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N: 99 para Veteranos

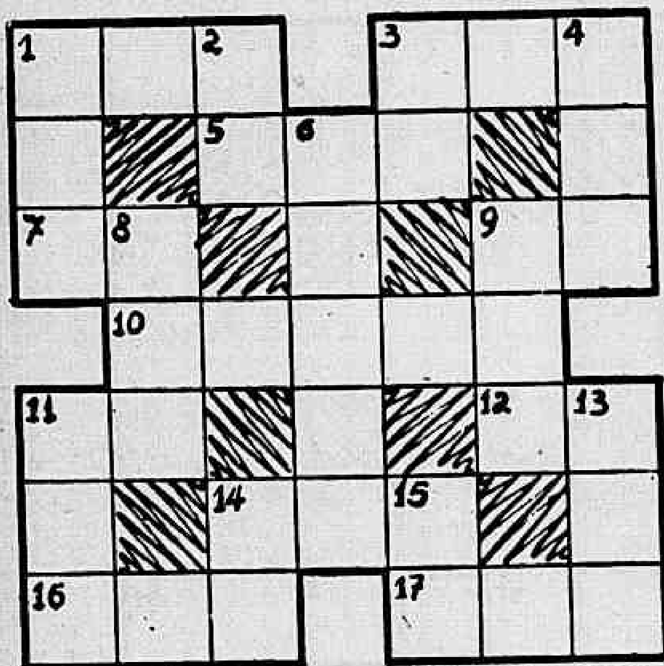


HORIZONTAIS: — 1. Mulher chinesa de classe baixa — 3. Papa de umbu — 5. Cantiga da terra, entoada pelos marujos no alto mar — 11. Rio da Sibéria — 13. Secular — 14. 2ª letra do alfabeto árabe — 15. Sufixo designativo de serventia — 17. Variedade de abelha — 18. Inimigo (Mit. tibetana) — 19. Medida japonêsa de pêso, igual a 37 miligramos — 21. Barco de fundo chato, empregado na navegação fluvial — 22. Ave aquática do Brasil — 23. Homem imbecil — 24. Medida de capacidade do Cambodje, equivalente a 20 litros — 26. Cidade do Iraque — 27. Sufixo designativo de ocupação — 28. O último compartimento do curral de pesca — 30. Nota musical — 31. Qualquer divindade escandinava — 32. Gênero de palmeiras — 34. Outra coisa — 36. Interjeição que exprime enfado pela repetição de notícia já divulgada — 38. Sossego — 39. Brejo.

VERTICAIS: — 1. Bagatela — 2. Epiglote — 3. A voz do cordeiro — 4. Gelatina — 6. Cidade da Noruega — 7. Interjeição de surprêsa — 8. Desumano — 9. Cachaça — 10. Capa preta de mulher — 12. Bem organizados — 14. Candelária — 16. Sacrificar — 18. Senhoras — 20. Tecido francês do Languedoc — 21. Cinzas — 25. Rebanho — 28. A côr escarlate — 29. Sufixo diminutivo feminino — 31. Montanhas escarpadas — 32. Clima — 33. Símbolo do ouro — 35. Mau humor — 36. Sufixo aumentativo — 37. Egoismo.

★

Problema N: 99 para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Pedra do altar — 3. Satélite da terra — 5. Zombava — 7. Grito de dor — 9. Pedra de moinho — 10. Ódio — 11. Perversa — 12. Batráquio — 14. Genitor — 16. Verme que aparece em feridas de animais — 17. Caminho ladeado de casas.

VERTICAIS: — 1. Gosta — 2. Brisa — 3. Ali — 4. Argola — 6. Copia, arremeda — 8. Raiva — 9. Oceano — 11. Perverso — 13. Fileira — 14. Instrumento agricola — 13. Seguir.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 99 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Beta — Gama — Ofó — Par — Cá — Elias — Li — Ola — Ill — Caa — Aligeirar — Duo — Lis — Desflorar — Mel — Iug — Ria — Iu — Blain — Ro —Duo — Aex — Avós — Molo.

VERTICAIS: — Bico — To — Afé — Gás — Ar — Ária — Oligófilo — Palilogia — Ala — Ile — Lar — Aldel — Casar — Ins — Rir — Deu — Lua — Rir — Mica — Aoto — Bus — Nem — Dó — Xo.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Pagode — Parar — Lá — Apaga — El — Ramo — Ave — Atam — Dá — Abunã — Ai — Miado — Oxiuro.

VERTICAIS: — Papagaio — Arame — Gago — Ora — Alevando — Parada — Alemão — Atuar — Abiu — Ami.

Colaboração e correspondência para: »REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

LIÇÃO DE AMOR

(Cont. da pág.

querendo estudos, reuniões constantes da diretoria. Quem iria ajudá-lo? Nancy era
ligente, mas faltava-lhe a cultura da espôsa, aquêle discernimento instintivo. Além d
não gostava de trabalhos extras, que lhe roubavam as horas de divertimento, em
tando-lhe uma aparência fatigada. Mulheres. Sempre mulheres!
E a casa? Um pandemônio verdadeiro. Refeições mal servidas, tôdas as coisas d
ganizadas. Tinha de fazer uma longa busca, antes de encontrar qualquer objeto de
necessitasse.
Dois meses daquela vida e tudo por cúlpa da espôsa.
Aumentou a velocidade do carro, ansioso por chegar, por explodir de uma vez, l
tando-se de tôda a cólera recalcada.

★

Guiou o carro cuidadosamente, através de uma das alamedas do hotel.
Havia flôres em profusão, pássaros cantavam, tôdas as coisas pareciam irradiar vi
dade. Grupos de veranistas, em trajos de esporte, tagarelavam ao sol da manhã. E
cionou perto do "court" de tênis e deteve-se observando um casal de jogadores, an
jovens e esbeltos, ela bronzeada pelo sol, êle alto e louro, com ombros de atleta. L
corpo o daquela moça, no seu "short" reduzido. E que harmonia de movimentos.
Sùbitamente ela dirigiu o olhar para o carro e parou, indecisa, deixando passar a b
Aproximou-se da rêde e disse alguma coisa ao seu companheiro, que também olhou
direção de Ernesto. Um minuto depois caminhavam ambos, dirigindo-se para o ca
Ernesto ergueu a mão, protegendo os olhos contra o sol, num esfôrço para fixar
dois jogadores. Deus do céu! Aquela moça de pêle bronzeada e corpo perfeito e
sua espôsa.
Renata sorria, o rosto corado, olhos brilhantes. Apresentou os dois homens com
turalidade, fingindo ignorar o constrangimento do marido. Sim. O senhor Thomp
campeão americano de tênis, condescendia em jogar com ela. Estavam igualmente
cando lições de português por inglês. Ernesto poderia admirar a correção com que m
Thompson pronunciava certas frases de cortezia.
O carro levou os três até à porta do hotel, onde o jovem campeão se despediu, di
tamente. Renata conduziu o marido ao pequeno bar, quase deserto àquela hora.
Enquanto eram servidos, um silêncio embaraçoso estabeleceu-se entre êles. Er
não sabia como começar as censuras contra a demora da espôsa, desarmado ante o
encanto, aquêle reflorescimento inesperado. Renata perguntou com naturalidade:

— Tudo bem? Você parece cansado.

— Sim, um pouco.

— Algum aborrecimento no banco?

— Não. As coisas vão seguindo.

Sentia-se incapaz de contar os seus pezares àquela moça de olhos cintilantes, q
uma estranha para êle. Mas a irritação dominou-o de súbito.

— Por que não escreveu? Vim ver se você estava doente, depois de tanto te
sem notícias.

A moça deu de ombros, tranqüilamente.

— Não valia a pena incomodá-lo. Se houvesse alguma coisa, telefonaria.

Fêz-se um novo silêncio constrangido. Renata perguntou amàvelmente:

— Como vai Nancy? Devia tê-la trazido, para aproveitar o passeio.



— Nunca vai bem, respondeu Ernesto carrancudo. Nunca imaginei que fôssem ficar amigas.

— Por que não? Somos pessoas civilizadas. A propósito, já iniciou o processo? Gostaria de que o entregasse ao doutor Sampaio. Êle é bastante inteligente para resolver tudo, sem transtornos para nós.

— Você parece ansiosa pela liberdade. Sugestão do professor de inglês?

Renata riu alegremente.

— Nada de criancices, Ernesto. Moralmente já estamos separados. Não há mais direito a ciúmes entre nós.

Uma amargura inesperada, uma sensação de frio e abandono, envolveram o coração de Ernesto. Então Renata... Mas era orgulhoso e dominou-se depressa. Assumiu o seu ar mais indiferente e concordou:

— Tem razão. Não há mais direito a ciúmes.

O resto do dia foi como um pesadelo de que não gostava de lembrar-se. Era a visão de Renata sorridente, cheia de vida, apresentando-o aos conhecidos, gracejando com uns e outros — uma nova pessoa encantadora e segura de si. Como parecia jovem no seu vestido de tarde e como o tal americano se mostrava inclinado por ela.

Foi com o coração pesado que Ernesto se despediu da espôsa. A irritação com que subira a serra não fôra nada, comparada à amargura com que voltava para casa. Perdera o amor de Renata, trocará-a por uma moça vulgar como Nancy. Fôra um egoísta e um tôlo e só muito tarde o descobrira. Só depois que a espôsa estava apaixonada por outro homem.

O carro deu um arranco e Ernesto acenou pela última vez. Renata, num grupo de hóspedes, agitava o lênço e sorria para êle. Lutava contra o desejo de gritar-lhe que voltasse, que aquêles estranhos nada significavam para ela. Queria dizer-lhe que lhe perdoava, porque lêra nos seus olhos o velho amor dos primeiros dias. Mas continuou a acenar tranqüilamente, sem exteriorizar a comoção. Não poderia arriscar-se a perder tudo, a vitória parecia tão próxima. Era preciso deixar que Ernesto experimentasse o seu quinhão de um sofrimento que êle mesmo provocara. Era preciso que ficasse sòsinho com os seus problemas e o seu arrependimento, para tirar todo o proveito daquela lição. Quanto a ela, era ainda muito cêdo para nos sentimentos do marido, comprometendo todos os seus esfôrços e lutas para reconquistá-lo. Lembrou-se dos longos dias solitários que vivera, antes de recuperar a saúde e fazer novos amigos. Lembrou-se da arrogância de Nancy e de tôdas as pequenas humilhações que tivera de suportar. E continuou acenando, tranqüilamente, até o carro desaparecer.

★

Ernesto era um homem de raciocínio pronto, sem o que não teria vencido na sua profissão. Mal deixara a espôsa, naquela tarde, compreendeu o que lhe cabia fazer, para evitar maiores sofrimentos. Esperou apenas uma ocasião favorável para falar com Nancy, o que aconteceu três dias depois. Por essa altura, os seus nervos já estavam numa tensão insuportável: ciúmes da espôsa, reconhecimento do quanto fôra ingrato para com ela e a sensação contínua de ter sido um tolo. A desorganização de sua vida doméstica, o acúmulo de trabalhos no banco, não contribuiam menos para irritá-lo.

Quando Nancy foi procurá-lo, acusando-o de retardar o desquite, a sua resistência chegara ao fim. Ainda procurou falar-lhe serenamente, expondo razões, justificando fatos. Tudo em vão. A cena que se seguiu foi tempestuosa, cheia de recriminações e injúrias. As palavras que Nancy pronunciou, sob o efeito da cólera, deveriam ser gravadas em mármore, para edificação de todos os homens casados, que se julgam irresistíveis. Pelo menos no caso de Ernesto, o seu efeito foi salutar. Humilhou-o o bastante para tirar-lhe o gôsto de outras aventuras.

O único meio de fazer silenciar aquela fúria, foi usar de uma generosidade muito mais extensa do que pretendia. Mas o consôlo que Ernesto obteve de tudo isso foi o de dizer a si mesmo que um homem sempre paga caro pelas suas lições.

Antes de fazer uma semana que se despedira da espôsa, tornou a subir a serra, o coração angustioso entre a esperança e o desalento. Encontrou Renata entre pessoas amigas e achou-a ainda mais linda do que antes, porque ela era naquele instante um tesouro em perigo.

Como um jovem enamorado, levou-a para um canto do jardim e pediu-lhe que lhe perdoasse. Mas, ao contrário de um jovem enamorado, contou-lhe tôdas as suas lutas, sem flores nem omissões. Nada poderia comover tanto a espôsa quanto aquela sinceridade. Mas foi bantante feminina para retardar o seu perdão, até convencer-se da extensão do arrependimento.

Quando finalmente consentiu em voltar para casa, a fim de "começarem de novo", sentia-se tranqüila sôbre o futuro. Não porque confiasse inteiramente em Ernesto: os homens são fracos e as tentações numerosas. Mas porque confiava em si mesma.

Querendo dar uma lição ao marido, lutando por reconquistá-lo, ela aprendera por sua vez uma verdade preciosa. Aprendera que o amor, como tôdas as coisas belas da vida, não é um dom gratuito. Precisa ser cultivado com carinho, defendido com sacrifício, para que possa durar sempre.

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslmbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

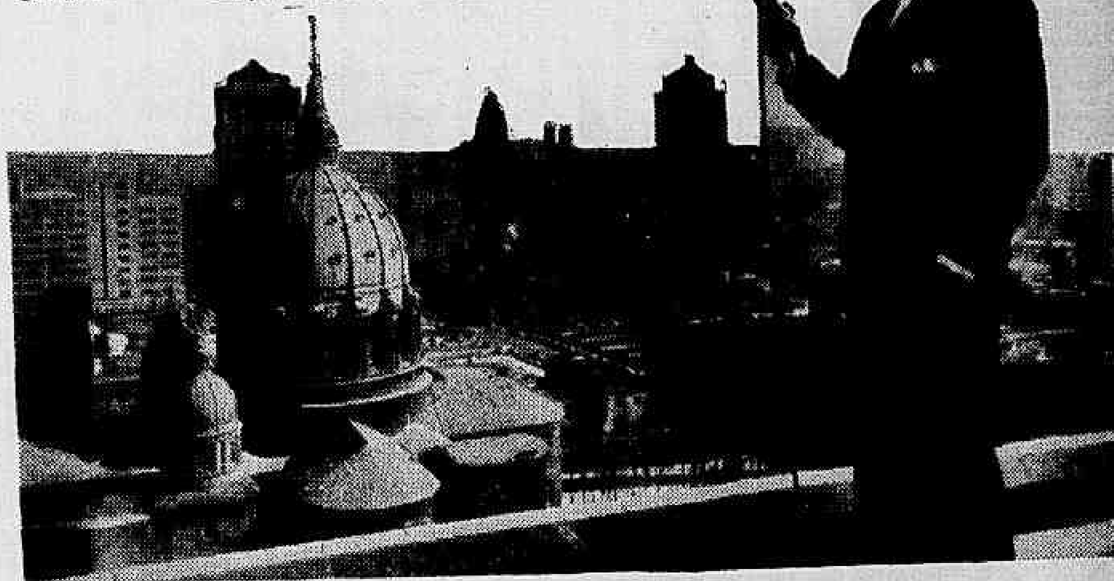
Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

A RÁDIO CANADÁ FALA PARA O BRASIL

Notícias — Música — Rádio-Teatro
Diàriamente das 21,00 às 22,00 horas
(hora do Rio de Janeiro)

CKCX — 15,19 mcs., 19,75 metros.
CHOL — 11,72 mcs., 25,60 metros.



Em cima: Enquanto observa Montreal, a maior cidade do Canadá, J. H. Oliveira da Rádio Canadá, descreve a cena aos ouvintes brasileiros. Em baixo: Hall do novo edifício da Rádio Canadá em Montreal, moderno centro radiofônico canadense.



A direita: Vista exterior do edifício da Rádio Canadá, do qual o Canadá fala ao mundo em catorze línguas.

O Serviço Internacional da Rádio Canadá terá o maior prazer em enviar aos ouvintes um boletim de seus programas e o folheto ilustrado "Canadá de Oceano a Oceano". Para receber, grátis, essas publicações, é bastante preencher o coupon a baixo.

Embaixada do Canadá
Avenida Presidente Wilson, 165
Rio de Janeiro.

Gostaria de receber grátis, um exemplar de «Canadá de Oceano a Oceano», e o boletim mensal de programas da Rádio Canadá.

(Nome)

(Rua e número)

(Cidade e Estado)

RÁDIO CANADÁ BOX 7000, MONTREAL

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

TICO-TICO NO FUBÁ

(Cont. da pág. 42)

E' aqui que lhe vem à idéia de formar uma orquestra. Nos fundos da farmácia de seu pai, Zequinha reune todos os amadores. No coreto de música diante da igreja, êle dá seu primeiro concêrto. E' um sucesso que se torna em triunfo quando um velho amigo lhe traz de São Paulo sua música impressa: a valsa que Branca, dansou no circo e que êle pôs o nome de "Branca".

Durvalina, que ignorava essa dedicatória, fica sentida e corre para a casa. Êle vai atrás dela e tenta tranquilizá-la. Enquanto a população, debaixo de suas janelas, lhe faz uma ovação, Zequinha vem a saber que sua música, em São Paulo, não teve nenhum sucesso. Esta revelação provoca um choque muito forte para seu frágil coração: uma crise cardíaca obriga-o a ficar de cama.

Durante o delírio êle chama por Branca. Durvalina, indulgente, o acaricia. Ela propõe-lhe sair da pequena cidade logo que êle se restabelecer e tentar fortuna na capital.

Em São Paulo, vemos Zequinha tocando e vendendo suas próprias músicas numa loja de música. Ao princípio foi um bom sucesso, mas em breve torna-se num completo fracasso.

Para poder manter-se, Zequinha é obrigado a bater de porta em porta, oferecendo suas músicas. Êle está envelhecido, a doença o arruinava.

No último dia do ano, aparece-lhe inesperadamente uma oferta: êle deve substituir o pianista de uma "boite", que caíra doente.

E' durante êste "réveillon" que Branca o encontra novamente. Vendo-a, êle se recorda da melodia que compôs para ela, "Tico Tico no Fubá". Êle toca-a para ela. E' a sua música de glória: a emoção é demasiada forte, seu coração cede, e uma crise cardíaca o leva desta vida.

Zequinha morre longe dos seus, mas não no meio dessa multidão embriagada que grita "Feliz Ano". Êle consegue arrastar-se para a rua, para o ar livre, debaixo das estrêlas. Numa última visão êle prevê que sua obra o sobreviverá e, quase feliz, morre nos braços de Branca.

VIDA DE PERIG
A VIDA DA MULH

Sujeita continuamente às pert
ções próprias de seu sexo, tendo
aparelho genital constituido de i
tantes e delicadíssimos órgãos
irregularidades fàcilmente se tra
mam em gravíssimos males, tem
lher sua vida ameaçada por cons
perigos e precisa, pois, estar s
vigilante. O seu fluxo mensal é u
dadeiro espelho de sua saúde in
se vem regularmente em dias ce
em quantidade certa, sem dores
cas, tonturas, enjôos, et., tudo
bem. Mas se aparece em abund
ou, ao contrário, diminuído, irre
ou retardado então urgem provid
imediatas. Mas nada de recorrer
remédio qualquer. Os seus male
de duas naturezas diferentes — o
se manifestam pela abundância d
gras e hemorragias e os que se
festam pela falta, atraso ou din
ção de regras — e, portanto, ex
remédios diferentes. O Regulador
vier, atendendo a essas duas natu
diferentes dos males femininos,
bricado em duas fórmulas difere
o Nº 1 para os casos de regras a
dantes, prolongadas, repetidas e
morragias e o Nº 2 para os cas
falta de regras, regras dimin
atrasadas ou suspensas. Portanto,
zada leitora, o Regulador Xavier
ou o Regulador Xavier Nº 2, con
o seu caso, é o remédio único e in
tituível, capaz de combater eficazm
e afastar de maneira definitiva os
males conservando-a a salvo de
os graves e traiçoeiros perigos
ameaçam a sua saúde e a sua vid

UMA REVELAÇÃO

(Cont. na pág. 54)

sempre para o espelho, delicadamente, com as pontas dos dedos, arrumava-a a seu gôsto. Tôda a sua figurava, o seu modo de ser, inspirava-me a mais viva antipatia.

Comparava-o com o meu rude pai, um homem na expressão da palavra, e que jamais se lembrava da existência de tal espelho na sala e, que eu imaginava bem pouco apreciador dos espelhos do seu próprio quarto. E no entanto, era um belo homem.

Naquele dia mal me sentei ao piano, êle cerrou os olhos. Apesar disso mantive-me vigilante, pois, não queria levar outro susto. Surprêsa, vi que a minha mãe que sempre assistia às aulas sentada no grande sofá, chegara já por duas vêzes à porta que comunicava o corredor com as salas olhando imperiosamente para nós.

Na terceira vez que isso se deu, vi o professor sair do seu aparente letargo e apanhar um Czesny que havia em cima do piano. Inclinei-me mais para as teclas aparentando completa abstração, mas sem perder nenhum de seus movimentos. Vi que o homúnculo apanhava um pedaço de papel e escrevia algo. Depois amarrotando-o, fazia com o mesmo uma bolinha. Quando minta mãe tornou a aparecer eu o vi lançar a bolinha no corredor e ela, presunsosamente, recolhê-la!

Errei várias notas sem que viesse a acompanh-los o habitual estrépito das teclas. Creio mesmo que se êle se tivesse pôsto a socá-las, isso não me teria causado a menor impressão, de tal modo sentia-me confusa, perturbada, por ter penetrado no segrêdo daquela correspondência clandestina.

Minha mãe!... Por quê fazia isso?... E aquêle ser enfezado, aquêle raquitico e vaidoso homenzinho, por quê não lhe dizia verbalmente o que queria?

Então, associei aquêle, aos bilhetinhos que na escola via as maiores passarem, secretamente, para os namorados. Mas minha mãe... E o pai?... Tão rude, tão preocupado em trabalhar para todos nós, que diria êle se lhe contasse o que o maestro fazia?

Inconscientemente, senti a convicção de que jamais o diria a quem quer que fôsse.

Uma densa escuridão afastou para sempre aquela radiosa claridade que havia na minha alma. Aquela incerteza, a ansiosa espectativa em que vivia, pois, na nossa cida íntima sentia uma grande falha, transformou-se numa grande amargura que iria encher para sempre a minha vida de tristeza, insegurança e medo.

Hoje, o estridular sonoro das cigarras ecoa aos meus ouvidos dolorosamente, enchendo-me de melancolia.

Agora sei porque Cila o recebia com tanta efusão — elas lhe anunciavam o fim das aulas, os banhos de mar de que ela era a mais ardente.

Aquela menina alegre e brigona é hoje uma compenetrada mãe de família. Como mudou! Agora quem faz os barulhos sou eu, e ela quem procura aplacá-los.

E' que eu vi o destino de minha mãe repetir-se na minha vida. Vi o nosso lar desfeito, e hoje o meu está vazio. Só o silêncio à minha volta. Silêncio e solidão...

Fico pensando que minha mãe fai mais feliz, pois ela não amava o marido, e em troca, amava aquêle homenzinho de cujas mãos brotava a onda sonora que enchia os seus ouvidos de beleza e a sua alma de luz. Talvez ela não reparasse no seu físico, alheia à realidade de que se esfumava diante do milagre das divinas melodias. Chopin, enternecedor, revivia, cantando a «felicidade suprema do sentimento», como Goethe tão bem define a alegria de amar.

Mas pensando nos anos que se passavam desde que o meu marido partiu com outra mulher e nos homens que, inùtilmente tentaram despertar amor em mim, repentinamente, chego à conclusão de que não sou, como todos o imaginam, uma mulher honesta, não sou insensível, nem é o amor que ainda dedico ao meu marido, o que me detém.

Eu sou bem uma mulher como as outras, e a minha virtude não está condicionada a uma vitalidade congênitamente baixa, que é como Aldino Huxley a descreve, ela é, eu o descubro sùbitamente, o resultad uma reminiscência.

As teorias de Freud se confir Violentamente registrada, ela p te, e lá do subconsciente, rea quaisquer outras impressões. E, uma guarda vigilante, ela há de manecer, solícita, hostil à farç amor, cética e fria...

Como vê, meu amigo, é uma ria bem triste. Você que é intel e compreensivo, já agora não dúvidas sôbre o motivo que me a agir de maneira tão contrária concepção da vida.

Quem somos nós? Que sabemo Somos como «o vento que se ouve não se sabe de onde veio nem onde vai».

Somos eu e você, dois sêres op — você uma criatura sensata, u pirito sadio — porque foi um m feliz. Eu, um espírito doentio; que pudesse compreender a vida destruiu-me. Vagarei sempre mundo, pobre ser perdido, impo pois o que se pode tirar do na

Adeus, meu bom amigo, como culpa não é sua nem é minha. queça-me e seja feliz.

Eu... não sou feliz. Nunca fu liz... Por isso faço minhas as p vras de um escritor:

«Sinto apenas que boia per mente em tôrno do meu espírito poeira de melancolia que não é t za nem saudade, mas que é um de desconfôrto e angústia».

'Afetuosamente — X».

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soe. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Respostas ao teste

1—Duas (branca e preta)
2—Incapacidade permanente de perceber certas côres
3—Nos ouvidos
4—Anosmia
5—Dez, no mínimo
6—O muscular
7—Baruch
8—Os negros iorubanos
9—Pressentir
10—Bácoro
11—Báculo
12—Bacurau
13—Luva de pelica
14—Balduína
15—A ovelha

A REVISTA

Há 50 Anos

(13 de abril de 1902)

OS TEATROS

Muito pouco temos de escrever sôbre teatro no presente número da REVISTA. Mantem-se o cartaz da semana passada, só alterado no benefício de Rosina Bellegrandi e no festival a Santos Dumont promovido pelo "Jornal do Brasil".

Ambos os espetáculos se realizaram no Recreio Dramático onde continua em cena o "Quo Vadis?" — sempre com excelentes casas, especialmente na récita de quinta-feira última, dedicada a Eduardo Vitorino e em que êste foi muito vitoriado.

No festival ao nosso Santos Dumont foi representada uma opereta em um ato, traduzida por Alvaro Peres com o título — "Baronesa às pressas". Ensaiada e sabida em três dias — "um tour de force" — a peça agradou francamente. Tem espírito e obteve excelente desempenho por parte de Maria da Piedade, Grijó e Olímpio.

Alvaro Peres, ponto do Teatro Recreio Dramático, é um rapaz que procura ilustrar-se e fazer carreira pelo trabalho honesto. Apesar da famosa teoria da "sorte", vulgarizada por Alfred Capus na sua comédia "La Veine" e tão ferina e graciosamente glosada por Henry Bordeaux em uma crônica do "Figaro", êsse processo "vieux jeu" parece-me ainda o mais fecundo e o mais decente. Alvaro Peres dispõe de qualidades naturais apreciáveis. Em primeiro lugar, curiosidade mental, o que não vale pouco; depois, o respeito pelos mestres da língua e o amor pelas coisas literárias; finalmente, certo dom de observação que não passa despercebido aos profissionais. A opereta está traduzida com fluência; é fácil e teatral.

"Baronesa... às pressas" — continua em ensaios de apuro, pois foi representada como comédia na primeira noite sem a música muito graciosa que para ela escreveu Barbier.

Enquanto o "Quo Vadis?" prossegue em sua carreira triunfal continuam ensaios "A Honra", de Luderman, e "O Mais feliz dos três", de Labiche e Hannequin.

O falecido médico português Souza Martins contava de um ministro de Estado, que alguns anos de dianteiro lhe levou na morte, e de que era clínico e amigo, o seguinte:

Um dia sucedeu o médico entrar em casa daquele seu amigo, quando êle, no seu quarto de vestir, se preparava para ir fardado à assinatura régia. A familiaridade havida entre ambos, autorizava o dono da casa a convidar o visitante a entrar em seu quarto reservado.

O médico entrou. O ministro vestia o colete. Auxiliava-o o seu criado particular. Cumprimentaram-se. O doutor assentou-se; e o ministro, virando-se novamente para o espelho, abriu conversação gracejadora.

Composto o colete, ouve o doutor dizer o ministro, com a maior naturalidade, ao criado:

— Traze-me a albarda.

E o doutor, sorrindo, viu o criado tirar do guarda-fato... a farda.

Vestida ela, vagarosamente, sem que o seu dono interrompesse a história alegre que estava contando, acrescentou:

— Agora a cilha.

E o criado traz a longa fita de uma grã-cruz, que lhe colocou a tiracolo.

★

NUM CAFÉ:

— Sabe que eu tenho a coragem das minhas opiniões...

— E eu tenho a mais triste opinião acêrca da sua coragem!

★

CHARADA HOMOGRAFA (Mendes Leal)

4 — Senhor, esta cidade tem fruto?



CORREIO DA REVISTA

L.T. — Curitiba — Não foi aprovado o seu conto «Revolta». O tema não se presta para nossa Revista.

A.S.T. — Uruguaiana, R.G. do Sul — Foi-nos impossível aprovar «A Negra de Pimpola». Está fraco e com muitos erros de português.

K.B. — Rio — Seu conta «Reflexões e Resoluções» não contém a necessária qualidade literária para poder sair.

H.E. — Rio — Seu «O Lobisomem» (Não Lobisomem) não passou pelo crivo dos julgadores. O português estava ruinzinho...

J.F.P. — Livramento, R.G. do Sul — Prejudicada a sua produção «Luta sem trégua». Veja se manda um conto, pois, para o gênero crônica, está completo o nosso corpo de colaboradores.

J.M.B. — Pôrto Alegre — «O Relógio», — conto do Natal — perdeu a oportunidade.

GILVAN LEMOS — Recife — Transmitimos o assunto de sua carta de janeiro à Gerência desta Revista para providenciar.

CLAUDIA VIALANI — São Paulo — Sua carta de 28 de fevereiro p. passado foi atendida. O exemplar foi remetido para o endereço indicado.

NORA CARREL — Niterói —Aprovado o seu «O Impacto». Está bom, e a felicitamos por alguns lampejos de boa literatura; mas porque não deu final ao conto? Como está não finda...

A.C. — S. Paulo — Lemos com muita atenção o seu conto «Delírio». Não foi aproveitado porque o estilo não ajudou. E não se descuide do português. Mande outro.

A.A.G. — Rio — Mande-nos outro conto versando sôbre coisas do nosso país. Por êsse motivo «A Morte o Esqueceu» não foi aprovado.

E.C. — Tupanciretã — R.G. do Sul — Seu conto «A Viagem Prometida» não conseguiu aprovação. Notamos que a autora comete erros de linguagem e tem estilo muito batido. Possuindo fluência e facilidade de escrever, falta-lhe, porém, técnica literária, espírito criador. Evite as comparações charras e volte com outro. Não desanime e persista.

D.F. da S.R. — São Paulo — Não tenha medo. Todo mundo começa assim mesmo, escrevendo coisas sem sal. Com o andar dos anos e com a experiência própria e a dos outros que escrevem, é que podemos chegar a produzir algo de aproveitável. Seu conto, «Na Fazenda» não oferece nenhum atrativo de leitura. E' apenas o relato pesadão de uma visita ao interior. Mas, infelizmente, possuindo uma fazenda como aquela, tanta coisa digna de ser convertida em página literária, a autora só se ocupou de futilidades, de intriguinhas de menina de colégio... Uma pena. Veja senhorita, se volta àquela fazenda agora nas férias de junho, e compõe uma coisa mais substanciosa e aproveitável. A Eenhorita tem bom português e sabe organizar os diálogos. O fundo é que estragou tudo. Isto é: não houve fundamentos...

MARCOS DE ANDRADE — Rio — Mande. Se estiver bom, sairá. Não devolvemos originais. Assim, fique com uma cópia. E' o melhor caminho.

ASCENDINO PINTO DE ARAGÃO — Parnaíba — Piauí — Infelizmente não podemos atender à sua carta porque não ficamos com o endereço que o amigo pretende.

Tudo isto



NA PRESENÇA do Embaixador do Brasil em Paris, sr. Ouro Prêto, cônsul geral na mesma cidade, Ministro Labiano Salgado e de altas personalidades do mundo social, artístico e diplomático francês, foi entregue ao Maestro Vila-Lobos, em brilhante recepção que lhe ofereceu a pianista Margueritte Long, uma medalha comemorativa de seu jubileu artístico. A medalha foi cunhada na Casa da Moeda de Paris e gravada pela escultora J.H. Coeffin. Na foto: Vila-Lobos, durante a cerimônia, em companhia de Florence Smith, atualmente considerado o maior compositor da Europa.



O PATIM é um esporte aristocrático e próprio dos países frios. Aqui no Brasil já se procurou criar patinação sôbre gêlo artificial; mas a despesa é muita e não há quem suporte as contas. Tivemos, ainda, aquêle admirável «Carnaval no Gêlo», que tantos aplausos arrancou do nosso povo. Aqui vemos uma das mais famosas patinadoras do mundo, Jeannette Altwegg, de Oslo, que acaba de ganhar o maior prêmio de patinação no «Olimpic Games» daquela capital. Como não podia deixar de ser, formou em volta da grande artista, um pelotão de fotógrafos e cinegrafistas.

Esta é de amargar

DENTRE os fatos registrados em delegacias policiais do Distrito Federal, na primeira semana de março, houve uma que causou sensação. Estava o comissário Odilon,, do 10º Distrito em sua faina cotidiana, quando lhe entra pela delegacia um sargento do Exército. Chamava-se Afonso Alcantara e vinha dar queixa contra audacioso furto no Quartel General, ali mesmo na Praça da República! O comissário ficou perplexo. Seria possível que, em pleno dia, o Quartel General fôsse vítima de ladrões? E o sargento explicou a coisa direitinho, sendo registrada a queixa: Êle serve no Gabinete do Ministro da Guerra. Em dado momento houve um reboliço iá em baixo. O carro chapa branca, pertencente àquêle Ministério, tinha sido furtado por incrível larápio! O automóvel tem a chapa 8-82-54, e deu tôdas as suas características. O comissário tomou nota de tudo, converteu as informações em queixa com todos os requisitos e prometeu providenciar para a captura do gatuno e restituição do veículo. Isso se passou a 9 ou dez de março. Não sabemos se o c... já foi resolvido, ou mesmo se se trata de engano. Certa vez um carro também foi d... como roubado, e, no final das contas, estava sendo guiado por amigo íntimo da "vítim... Desejamos mesmo que o 8-82-54 esteja em mãos de alguém familiar ao Ministério... Guerra, e que já tenha voltado ao legítimo dono sem qualquer intuito de lesar o p... prietário. Mas, se, com efeito, o ladrão entrou no pátio do quartel e levou, calmament... automóvel, passando por sentinelas e tanta gente, é de amargar.



Gasosa de café

FOI lançada nos Estados Unidos uma bebida a que deram o nome de "Coffee Time", preparada com o nosso café e engarrafada, pela primeira vez. O nascimento dêsse novo produto da chamada "preciosa rubiacea", se deu na cidade de Boston, mas já em janeiro de 1951, distribuindo-se pelo mercado umas oitocentas e tantas caixas. A aceitação foi tão grande, que, em setembro último, já a produção subia para 44 mil caixas, num total de um milhão de garrafas sòmente em setembro. Segundo informam, o produto só tem tido distribuição nos Estados de Nova York, New Jersey e num ou noutro mais. Mas, diante do sucesso estrondoso do "Coffee Time", o Sr. Luckhurst, agente fiscal da organização fabricante, já determinou que a bebida seja embarcada imediatamente para vários países da América, sendo que, dentre os primeiros a receber o "Coffee Time", estão a Venezuela, Cuba e Pôrto Rico. Depois da bebida, virá um caramelo de café. O que mais admira na bebida conseguida pela "Coffee Time Products of America", é que o café engarrafado n... fermenta. E' uma vitória também da técnica na química industrial. E' claro que, dev... em breve industriais do Brasil recebam propostas daqueles fabricantes para o lançamen... do "Coffee Time" entre nós, pois não se poderia admitir que, sendo nossa a maté... prima, ficassemos privados de saber, pelo menos, que gôsto tem o café engarrafad... Não era mesmo possível que o novo produto não obtivesse êxito seguro, uma vez q... o seu lançador tem um nome que começa por Luck...



O monstro da Coréia

SEMPRE se ouviu falar em serpentes do mar; mas, verdadeiramente, nunca se viu cobra alguma como essas que os maritimos imaginosos descrevem. Nos grandes rios, como o Amazonas, por exemplo, atravessando florestas imensas, há sucuris fenomenais; entretanto, haverá serpentes nos mares? O povo da Coréia acredita nisso, e os zoólogos de lá também estão perfeitamente crentes nêsse monstro. E agora, segundo telegramas vindos de Pusan, os cientistas coreanos estão na batida do mesmo que, segundo propalam, teria quinze metros de comprimento por um de diametro! Imagine-se o que não será um bicho dêsses! Crêem os coreanos que a serpente do mar tenha seu ninho em rochas da ilha de Papson, distante uns vinte e seis quilômetros de Pusan. Para ratificar essa crença, dizem os habitantes desse cidade sul coreana, que essa serpente, no ano passado, devorou uma jovem de 18 anos. E a preocupação de todo mundo hoje no litoral coreano das imediações de Pusan, é colocar armadilhas capazes de pegar o fenômeno perigoso. E os médicos do país, ... guindo uma velha escola, se regosijar com o provável apresamento da cobra marinh... pois êles acreditam que, no corpo da mesma os mais variados e eficientes remédios pa... várias moléstias. E' uma crença antiga e arraizada no espírito daquele povo, especi... mente no dos senhores médicos: em todo corpo de serpente marinha, há medicament... capazes de curar muitas doenças. E vá alguém procurar tirar essa crença do espíri... daqueles sisudos cientistas...



Aconteceu

O sexo pela saliva



UM telegrama da United Press, de Nova York para a imprensa do Rio nos trouxe esta notícia bastante curiosa: Cientistas norte-americanos informam que é possível determinar pela saliva de uma gestante se as crianças que nascerem são do sexo masculino ou feminino. A notícia foi publicada na revista oficial da Associação Norte-Americana Para o Progresso da Ciência, pelos cientistas Gustavo Rapp e Garwood Richardson, bioquímicos da Universidade de Loiola. Que ligação fisiológica terá a saliva com o embrião? O fato não deixa de ter seus visos de verdade, pois, quando uma senhora se sente na reta de ser mãe, um dos mais freqüentes fenômenos é o da salivação abundante provocando aquêle estado de prostração que todo médico conhece. A vida inteira de uma mulher gestante fica articulada com o fruto que trás no ventre. Dizem até certas superstições do norte do país, que, se uma senhora grávida trouxer sempre uma chave consigo, quando o filho nascer terá o lábio superior secionado exatamente ao meio. Havia na cidade alagoana de Maragogi uma menina que tinha estampada em seu braço direito uma cédula aberta de cinco mil réis. Há também casos curiosos: uma senhora do interior de Pernambuco, costumava fumar cachimbo, servindo-se de fôlhas preparadas de sua própria colheita. Estava grávida e, ao nascer-lhe o bebé, trouxe êle, na testa, bem visível um fragmento da fôlha do fumo, marca essa que se destacava nitidamente, por ser pardacenta em fundo branco. E agora, segundo os médicos da Universidade de Loiola, a saliva terá essa grande utilidade: revela-se é homem ou mulher...

Suicídio em plena festa

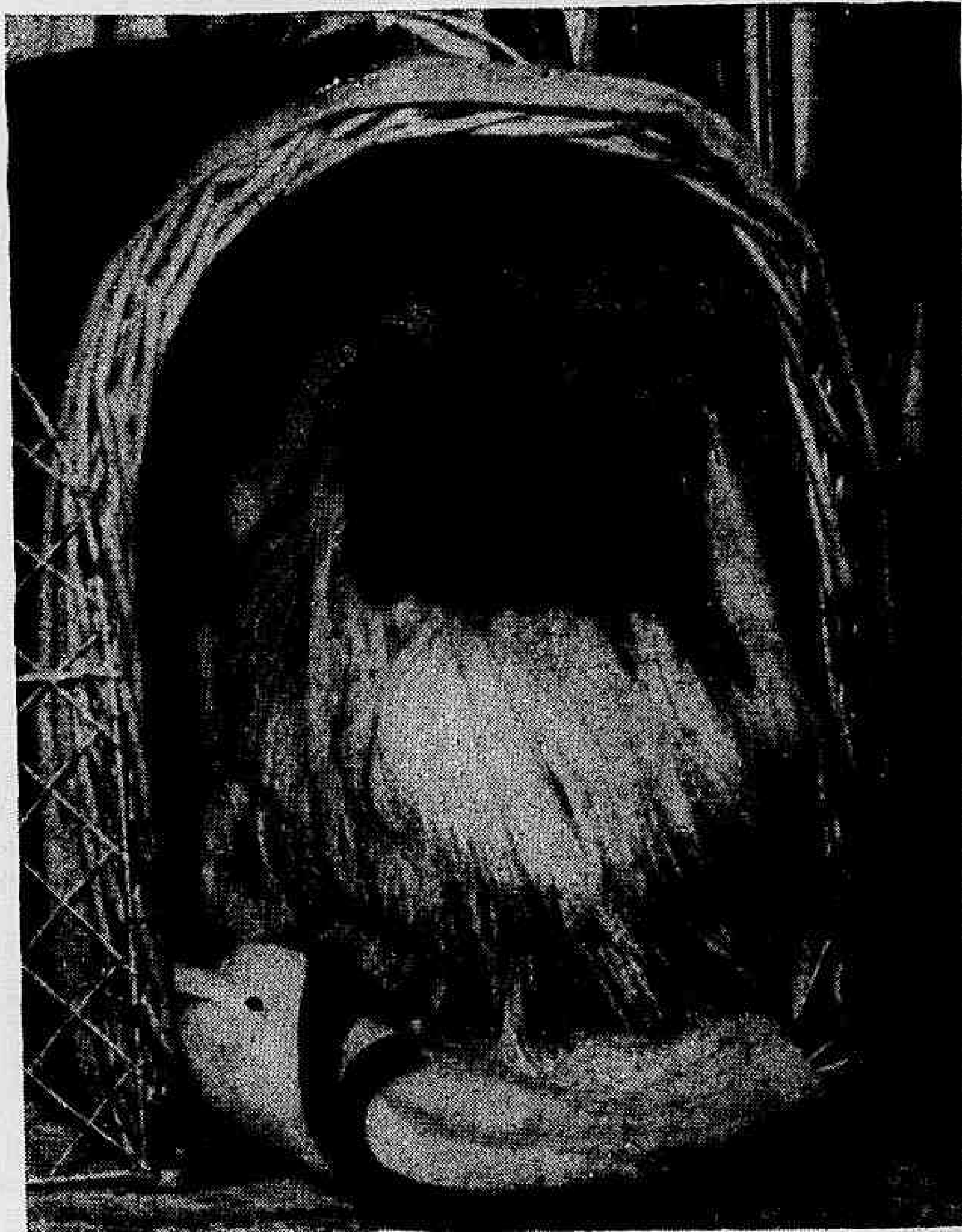


HÉLIO Vergal, investigador a serviço da Polícia de S. Paulo, com 32 anos de idade, era casado e residia com a espôsa nas vizinhanças de Pinheiro. De certo tempo para cá, línguas abelhudas levavam a murmurar contra os procedimentos do rapaz, apontando-o como tendo uma "vice-espôsa com a qual repartia os seus deveres domésticos. Não se sabe quando sua legítima espôsa soube do fato; mas, que andava na pista para um flagrante, prova-o o lutuoso acontecimento da noite de 26 de fevereiro último. Dançava-se alegremente em certo salão carnavalesco, e, dentre os animadores da festança estava o policial. A dama com quem bailava não era sua mulher unida a êle perante Deus e o Juiz. Era outra. Seria sua amante? Ou uma amizade sem maiores responsabilidades? Tudo ia muito bem, cada qual tratando de "sassaricar" como fôsse possível, quando uma outra mulher entra na dança, isto é, no salão. Era a espôsa legal e irrefutável de Hélio Vergal. Pelas feições que apresentava, não vinha divertir-se, e sim acabar com o divertimento de seu marido. Quando o investigador deu com os olhos na mulher, empalideceu. Estava pegadinho em flagrante, embora um flagrante até desculpável. Mas sucedia que a companheira de dança era a tal, a mulher fatal e vampiresca... E um drama se desenhou, resolvendo-se em tragédia passional. Hélio puxou do revólver que trazia à cintura e o entregou à sua senhora: "Mate-me!". A mulher não foi na conversa, pois não queria acabar seus dias numa penitenciária, e êle então, teve êste gésto estoico: apontou contra o ouvido o cano do revólver, suicidando-se em pleno baile.

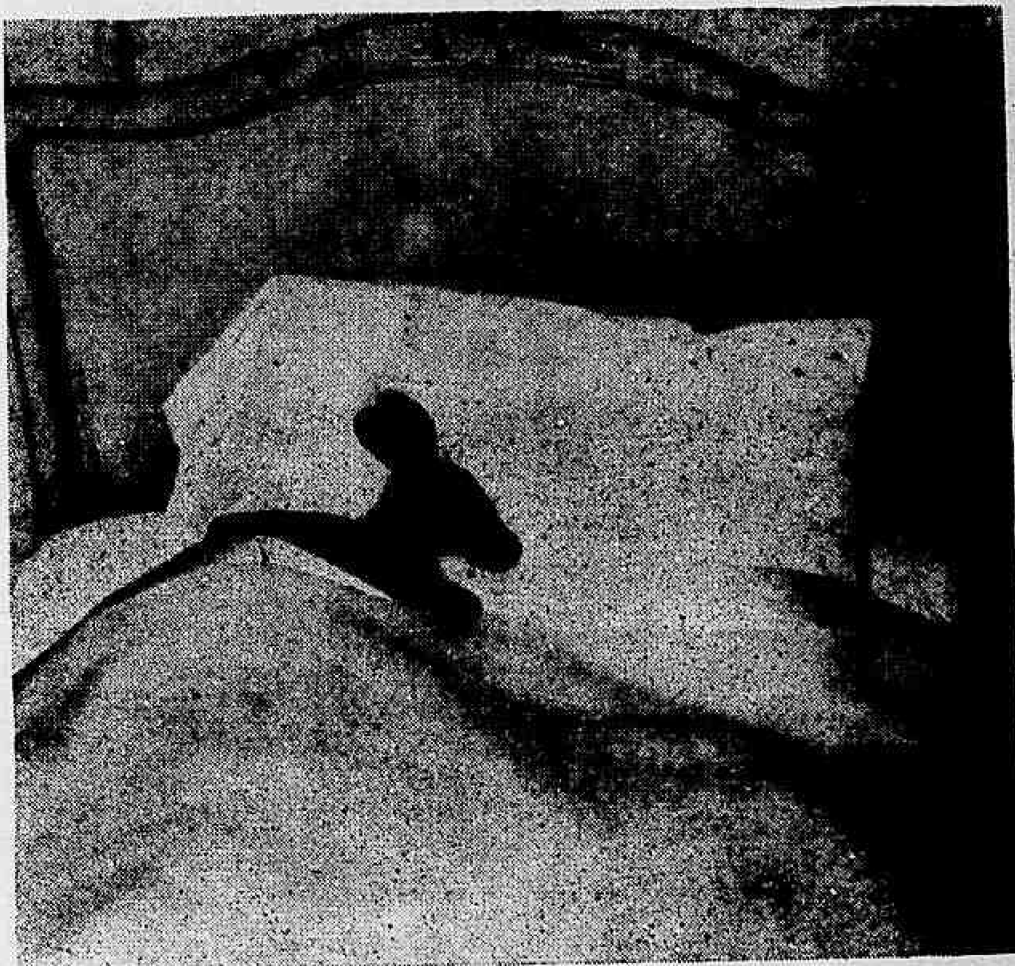
Prefere a Coréia



ESTA sucedeu na Inglaterra. William Speakman, soldado de segunda clásse do Exército Inglês, foi recentemente condecorado com a Cruz da Vitória, uma das mais altas condecorações militares britânicas, por atos de bravura numa das batalhas da Coréia. Cercados os seus colegas por uma companhia chinesa, êle lutou corpo a corpo conseguindo salvar seus colegas de farda e mantendo a posição em que estavam. Esse ato de bravura lhe valeu a condecoração e uma viagem à terra natal. E' inútil dizer que a imprensa lhe concedeu colunas e mais colunas de francos e justos elogios, emocionando o coração dos seus patrícios. Todo mundo ficou sendo fã de Speakman; mas, embora o seu nome indique um cidadão que gosta muito de falar, o rapaz é caladão e infenso à publicidade. Sempre que era conhecido nas ruas londrinas, viase cercado por centenas de pessoas que desejavam autografos e outras lembranças. Êle estava cansado de ser assediado em vias públicas. Tem êle apenas vinte e quatro anos, e só deseja uma coisa: terminar seus dias na mais absoluta tranqüilidade. Mas a popularidade de Bill é cada vez mais avultada. E agora, segundo êle mesmo revelou a seus superiores, a coisa tomou rumo indesejável. Nada menos de quarenta jovens inglêsas querem por que querem casar com êle. Mandam-lhe retratos risonhos, em variadas poses; fazem-lhe propostas tentadoras; prometem-lhe uma vida de verdadeiro Nirvana. O pobre militar está louco com isso tudo e apresentou-se aos seus superiores rogando, pelo amor de Deus e da Rainha, que o mandem de volta para a guerra...



ÊSTE CAOZINHO branco e prêto, de pelo sedoso e finíssimo, se chama Shanling Little Puff of Linbourne. Mas, como nem todo mundo gosta de nome tão grande, êle se satisfaz com um só: Shanling. Tem 2 1/2 anos de idade e pertence a Mrs. Silcock, que o acomodou nesta cestinha forrada de sêda azul. Shanling foi mandado, de avião, para o stud kennels de Santa Bárbara, na Califórnia, a fim de tomar parte numa exposição. Seu valor é de 500 libras esterlinas, e, para essa viagem de avião, foram tomadas as maiores precauções, inclusive quanto ao possível enjôo.



QUE SERA ISTO, LEITOR? Nada mais, nada menos, do que um filhote de canguru da Asutrália, chamado Mathilda, filha de Joey, outro canguru, naturalmente. Ambos foram hospedar-se, com seus donos, no famoso e luxuosíssimo «Waldorf-Astória», na imensa Nova York. «Mathilda» não achou muito cômoda a sua cama, pois está habituada a outros ambientes mais «naturais». Entretanto, sem importar-se muito com as luzes e os esplendores da «Broadway», ela procurou recolher-se ao leito muito cedo, descansando da longa viagem de sua pátria distante até a ruidosa Nova York.

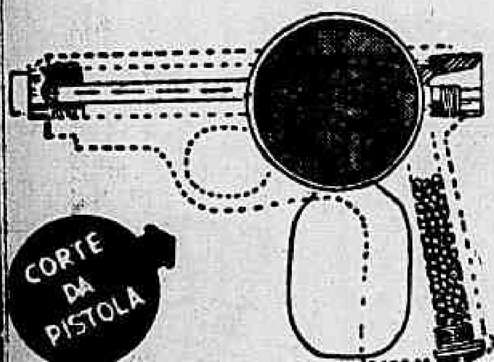
PISTOLA "PNEUMA-TIR"

Patenteada em todos os países

PISTOLA METRALHADORA!

Atira 500 balins sem necessidade de carregar!

Ar comprimido por novo processo!





Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantia contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.

FABRICADA POR

Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

RUA URUGUAIANA, 104

RIO DE JANEIRO

TEL.: 43-0766



Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com duas membranas sobressalentes:

Cr$ 250,00 pelo reembôlso postal

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes: Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA-TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

AVENTURA OU AMOR?

(Cont. da pág. 40)

Ava não era tão artista assim. A separação durou pouco. Os dois se procuravam, apesar de tudo. E a notícia do casamento foi uma verdadeira «bomba». Excetuando-se o romance de Ingrid-Rosselini e Rita-Ali Khan, êste foi, sem dúvida, dos mais sensacionais dos últimos tempos. E hoje Frank Sinatra e Ava Gardner formam um lindo casal. Deixando mulher e filhos, Frank diz sentir-se perfeitamente feliz e Ava afirma que encontrou o seu verdadeiro amor. Será verdade? Ou tudo não passará de mais uma simples aventura, como são realmente tôdas as grandes histórias de amor? Esta é mais uma pergunta que ficará flutuando no tempo para ser respondida na ocasião oportuna. Se fôr preciso.

UMA REVELAÇÃO

(Cont. da pág. 35)

lamentava que não tivesse muito tempo para dedicar-nos. Éramos tantos a cuidar... Ela vivia tão atarefada! Como poderia imaginar o que se passava na cabeça de cada um dos seus atormentadores filhos? — Como imaginar que a caçulinha gostaria, às vêzes, de receber um beijo de passagem, de permanecer um pouquinho no seu regaço, encostar a cabecinha no seu colo macio! Como acreditar que eu, Cila e o Rubinho iríamos ficar esperando os seus beijos de despedida ao sairmos para a aula, e uma acolhida carinhosa ao voltar da escola?

Os outros talvez não se importassem muito, porém, a sensitiva Mára era tão meiga... Procurando consolá-la, eu tomava-a ao colo, e já não nos sentíamos tão desamparadas.

Foi então que eu, tendo feito 8 anos, comecei a estudar piano. O maestro vinha duas vêzes por semana dar aula às maiores. Com grande repugnância passei para o grupo das três senhoritas.

Não creio que o professor tivesse ficado muito entusiasmado com a aquisição da nova aluna, pois ao terminar com a terceira os seus ouvidos já deveriam estar saturados de exercícios.

Confusamente consciente do seu aborrecimento, como uma vítima, sentava-me eu ao piano e começava o sacrifício...

Um dia, impressionada com a imobilidade do professor, olhei disfarçadamente para êle e vi que, com os olhos fechados, parecia adormecido. — Talvez êsse fato me levasse a descuidar a execução, talvez a lição estivesse mal estudada, o fato é que, ao trocar uma nota, estremeci assustada, com o berro e o grande ruido da mão do maestro caindo, pesadamente, sôbre as teclas.

Na terceira vez em que êsse fato se reproduziu tomei tal horror ao homenzinho, que as aulas de piano transformaram-se para mim num martírio.

Na sala grande ficavamos nós à espera do professor. Havia um belo espelho facetado na parede fronteira, por cima do piano.

Quando êle chegava — ó como eu o detestava! — o seu primeiro cuidado era mirar-se ao espelho. Pequenino, insignificante, usava o cabelo muito comprido, quase como uma mulher. Defronte do espelho, com gesto feminino afofava as madeixas, ajeitando-as de um e de outro lado. Usava também uma gravata de material muito fino, bastante larga, com um laço de quatro pontas que lhe cobria quase todo o peito enfezado. Olhando

(Cont. na pág. 50)

À LUZ DA PSICANÁLISE

O que é a morte

Dr. Luiz Frag

ETELVINA de Lima tem 42 anos. Casada há 20, o seu matrimônio foi quas perfeito. Viveu sempre uma vida calma, interessando-se por seu marid que é um comerciante bem orientado e amigo da família. O casal, de algu anos para cá vinha respirando pelos pulmões de seu filho único e, ao ritmo seu coração de rapaz, pulsavam os corações de Etelvina e de seu espôso. Már era um moço cumpridor de seus deveres e compreendia o valor do afeto seus genitores. Correspondia em tudo a devoção dos entes que o trouxera ao mundo.

Um dia um desastre levou Mário.

O sr. Lima e sua espôsa, desolados, começaram a definhar. Os negócios sr. Lima distraiam-no durante o dia. O cansaço fazia-o dormir, no fim da jo nada, enquanto sua espôsa velava, secando as glândulas lacrimais, nas noit intermináveis de insônia.

Um dia veio ao consultório, trazida pelo espôso:

ETELVINA — Por que morremos, doutor?

MÉDICO — A morte é a condição do que existe. Deus opô-la à vida, pa manter a vida; suprimir a morte no globo, seria estabelecer o nada. E' pr ciso que as flores da primavera se murchem, para que o outono produza os se frutos; é preciso que as gerações passem, para que o amor produza os seus. vida e a morte agem como um só poder: uma é encarregada do consumo praça; a outra de a prover e encher; o seu fim visível não é criar, nem de truir; mas continuar o grande espetáculo da natureza.

ETELVINA — Somos, então, mercadorias?

MÉDICO — Não é bem isto; mas a vida semeia e a morte ceifa. A sorte globo depende disto. A criação tanto é trabalho da morte como da vida.

ETELVINA — Parece que o senhor está fazendo literatura, desculpe...

MÉDICO — Morrer é passar por uma transformação, é transmitir duma pa outra vida, dum mundo em que se procura a verdade, para outro que a p sui. A morte conduz-nos a Deus. Você, minha amiga, em seu egoismo, queria Mário ao seu lado, como eu quero ao meu lado o meu filho. Isto seria modific a lei da criação. E' por falta de fé que tememos a morte. E esta ausência a menta o nosso egoismo. A borboleta morre junto à flor, em que depôs os ov a ave ao pé do arbusto, de cujas sementes gostava, e que abrigava o seu nin etc.

ETELVINA — E o homem, por que morre de desastre?

MÉDICO — O homem moderno tem o curso de sua vida terrena interrompi aonde quer que se encontre. O marítimo pode deixar o corpo no mar e o ag cultor em suas terras. Tudo vive e morre, pelo homem e para o homem. morte é uma lei natural, como a vida; a dor é a lei natural, como o prazer.

Lembra-se daquêle marinheiro que foi interpelado por alguém que, no cais observava... O marítimo vinha cantarolando qualquer cousa, e estava visiv mente muito alegre, trazendo pendurada às costas, a sua pequena sacola:

TRANSEUNTE — Para onde vais tão alegre?

MARINHEIRO — Para o meu barco, naturalmente.

TRANSEUNTE — Deixas a vida da cidade pelos perigos dos mares e va alegre?

MARINHEIRO — Minha vida é nos mares. Devo alegrar-me pois. Meus av e meus pais foram marinheiros também.

TRANSEUNTE — Onde morreu o teu avô?

MARINHEIRO — Em seu barco, quando fazia a travessia do Pacifico, qu na mesma altura que o meu bisavô.

TRANSEUNTE — E teu pai?

MARINHEIRO — No naufrágio do Queen Gertrudes...

TRANSEUNTE — Mas então, depois disto, tu ainda continuas viajando?

MARINHEIRO — E o teu avô, onde morreu?

TRANSEUNTE — Em seu leito, ao lado dos seus.

MARINHEIRO — E teu pai?

TRANSEUNTE — Em seu leito, aliás, onde nasceu. Todos os meus antec tes morreram em seu leito, cercado dos carinhos da família.

MARINHEIRO — E ainda tens coragem de ficar em casa e dormir na ca

Se alguém, negando a intervenção da natureza, explicasse êsse estad cousas pela sua constituição, seria ridículo que dizendo que as partes do verso são constituidas para se transformar, ao mesmo tempo se espantass se irritasse, como se isso fôra um acidente contra a natureza.

Você é católica, Etelvina. Reze pelo Mário e peça a Deus que o proteja quer que êle se encontre. Um dia, talvez, vocês se encontrarão novamente, enquanto procure viver como todos os mortais e faça o possível para qu seus semelhantes encontrem, em sua companhia, um ente que coopere p bem de todos.

Pseudônimo: ....

Dada do nascimento: ....

Estado civil: .... Profissão: ....

Residência: ....



O AUDIOGRAMA assinalará os resídu s do poder auditivo do rapazinho. O doutor Henrique Mercaldo já tem examinado muitos surdo-mudos e constatado que geralmente são recuperáveis. Êsse menino sentia quando determinada onda, provocada pela eletricidade, fazia vibrar os seus tímpanos. Daí, êle irá ser educado de acôrdo com a sua ficha, sob processos adequados por uma pedagogia que não é comum.

OS ALHEIOS DE SI PRÓPRIOS

LIMIAR DE UM MUNDO NOVO PARA OS SURDOS-MUDOS ★ CONHECENDO O QUE É A VIDA ★ CONCENTRAÇÃO QUE COMPENSA... ★ RECUPERAÇÃO POSSÍVEL E MÍMICA IMPOSSÍVEL ★ ÊLES TAMBÉM AMARÃO ★ MAS HÁ MUITO O QUE REALIZAR!

Texto e fotos de JOSÉ ASMAR

(TEXTO NA PÁGINA SEGUINTE)



A VIDA VAI TORNAR A COMEÇAR para Vera Lúcia, que aparece na foto com a professôra Ana Rimoli de Faria Dória. Rosto plácido, ar cordato e sem se assustar com coisa alguma, a criança se propõe a vencer um atraso que a natureza lhe legou.



FUTURAS PROFESSÔRAS NORMAIS para surdos-mudos. Elas aí estão, com a diretora do I.N.S.M., palestrando. Depois, foram jogar "basketball" no "gymnasium". É um tipo de recreio, entre as aulas de uma didática exigente e meticulosa. Uma vez formadas, essas normalistas poderão se distribuir pelo país, não podendo os Governos regionais se furtar ao dever de amparar os surdos-mudos de cada Estado.

OS ALHEIOS DE SI PRÓPRIOS

HAVIA de ser assim mesmo: com a evolução das ciências e com a pregação de tanta filantropia, alguém acabaria sendo forçado a considerar o crescimento do número dos surdos-mudos no Brasil. Pois há dez anos eram êles calculados em quarenta mil, esparramados por todo o país. Hoje, mesmo com a imprecisão das estatísticas, mas com o auxílio da providencial expressão "mais ou menos", que não tem Instituto nem Departamento, avalia-se que já constituem um bloco de cinquenta mil, entre crianças e adultos.

Afinal de contas, os surdos-mudos são gente e a maioria dêles só permanecia marginal à sociedade, como uma carga onerosa às suas famílias, devido à ausência de uma ajuda das pessoas normais. E, com aquêle número, acabaram por fazer sentir ao Govêrno que ou agia a seu favor ou aguentaria cinquenta mil bôcas e cem mil braços inativos, dentro da Nação necessitada de mais gente.

Considerando-se que a maioria é sã, não sofre dos rins porque não levou pancada da polícia nem é mutilada porque se submeteu ao desafogo no trânsito carioca, a questão agora se impõe e passa a ser encarada por um prisma que extingue aquela idéia de comiseração para um surdo-mudo.

Imagine o leitor um lar onde nasce um pimpolho, dêsses que no interior ganharia um título de robustez logo na crônica do domingo seguinte, nos "Sociais" do jornal da cidade. Os pais o cercariam de cuidados. Achá-lo-iam uma gracinha, fa-lo-iam olhar para tetéias, a dandar p'ra ganhar vintém. Mas se ao cabo do primeiro ano e pouco não desse sinal de voz e não atendesse aos "bilus-bilus" das dindinhas entusiasmadas — ficava já considerado caso perdido. Lastimariam a sua sorte, teriam apreensões por causa do garôto. Entretanto, alguns médicos alimentariam esperanças por mais algum tempo. Depois, o menino mergulharia numa indiferença aterradora. Ficaria pasmo dentro de si mesmo, sem aprender mais do que aquilo que a sua perspicácia natural provocasse. Isso, na cidade. Na roça, diminuir-se-ia a uma condição de bicho bípede e com cara de gente. Cresceria como ainda crescem assim, em muitíssimos lugares dêste nosso grande país.

AFINAL DE CONTAS

O certo, porém, é que o surdo-mudo é recuperável. Quando pode, ao cabo de tanta peleja, aprender a falar ou a corrigir os males do aparelho auditivo, pode ser um elemento tão útil — e talvez mais útil — do que nós mesmos. Para isso já há métodos e há uma escola em desenvolvimento no Brasil. No ano passado, o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, o único orgão especializado do Govêrno, iniciou o seu curso normal, para formar professores, com uma pedagogia adequada. Êste ano, o número de candidatos aumentou. E espera-se novo aumento, para 1953.

Com essas providências, os surdos-mudos poderão integrar-se nas várias categorias de trabalho útil à coletividade, não se restringindo apenas à condição de um "robot" humano e tristonho.

DESPERTANDO PARA UM MUNDO DIFERENTE

Encerrados dentro de si mesmos, os surdos-mudos não tiveram outra explicação para o mundo e para a própria vida senão a que a sua imaginação destreinada pôde lhes desvendar. Muitos, agora, já participam das nossas preocupações e agem com técnica. Entendem, afinal, o que significa êste lufa-lufa de escritório, essa mistura de movimento na rua e nas fábricas. *Aprenderam* a sentir isso. E não foram poucos os que se alfabetizaram. E alfabetizaram-se, como aquela mocinha de quem a professôra tomava a mão e levava à garganta, transmitindo-lhe pelo tato aquilo que as ondas não conseguiam provocar nos tímpanos mortos.

O trabalho é paciente e exige perseverança.

— Pois, ensinar um dêsses jovens — explicou-nos a professôra Ana Rimoli de Faria Dória, diretora do Instituto Nacional de Surdos-Mudos — é uma ação puramente individual, um ensino mais penoso.

Enquanto isso, a professôra de leitura labial, Ivone Brandão, prosseguia com a mocinha que, num esfôrço, já emitia um som seccionado, porém inteligível:

— Maaa... çããã...

UMA COMPENSAÇÃO

Agora já se estabeleceu uma seleção de surdos-mudos, segundo normas de pedagogia especial, na tentativa de dotar alguns de voz ou, pelo menos, capacitar outros a um ofício produtivo.

Numa espécie de "Jardim da Infância" já se procura evitar que a criança prejudicada da fala e da audição se exprima por gestos.

— Isso é um vício que prejudica o desejo de cada um tentar a voz — esclareceu a professôra Odete Rimoli.

— Quer dizer que o alfabeto manual terá de desaparecer?

— Exatamente. O melhor será a conversação pela leitura labial.

Daí para uma oficina — a de tornos mecânicos, por exemplo — sabe-se que os surdos-mudos estão com outra disposição e observam os lábios de quem lhes fala para tomar posição nas suas máquinas, sem qualquer dificuldade.

HÁ OS QUE SE SALVAM

Já houve um caso de mastóide supurada e fistulada que, em 1951, foi submetido à cirurgia do I.N.S.M. O resultado foi ótimo. Independente dessa providência, o exame audiométrico indica o grau de reação do aparêlho auditivo de cada um. Talvez, em muitos dêles os tímpanos podem vibrar ainda, se submetidos a tratamen[...]

Então, êstes se salvam das lições pro[...]gadas de leitura labial e das mímicas [...]tivas...

ARRANCADO PARA UMA REPARTIÇ[...] PÚBLICA

Nas numerosas ocupações a que hoje [...] dia um surdo-mudo pode entregar-se h[...] do desenho arquitetônico. O repórter e[...]minou vários trabalhos dêsse gênero, também, de gráficos estatísticos, de de[...]nhos publicitários.

O professor Ângelo Wanderley, que cuidou de muitos rapazolas surdos-mu[...] falou-me:

— Não distingui o menor atrazo me[...] neles. Pelo contrário, despertada que [...] a inteligência de cada um, a imagina[...] se torna até mais pródiga, devido ao po[...] de concentração descoberto dêsses ru[...] que nos cercam que tanto nos distraem [...] atenção.

E informou:

— Dos rapazes que me passaram p[...] responsabilidade, houve um que elabo[...] desenhos tão bem que um chefe de se[...] do Ministério da Agricultura levou-o p[...] o serviço público.

— E o nome?

— Um dia êle aparecerá, pelo valor [...] sua arte.

SÃO POUCOS, AINDA

Mantido com recursos do Govêrno [...]deral, o Instituto Nacional de Surdos-[...]dos é o único, em todo o país. Há alg[...] por esfôrço particular, em dois ou três [...]tados, se muito. Por aí se percebe o qu[...]to está difícil de ser solucionado, de m[...] satisfatório, o problema dos que se pri[...] da voz e dos ouvidos. Os cinquenta [...] que admitimos existir pelo país estão, [...] maioria, jogados no interior, sem assist[...]cia intelectual nem profissional, veget[...]do. Um ou outro, apenas, por cuidados [...] família, logrou mal e mal ajeitar-se [...] atividades comuns.

Entretanto, não se restringe ao asp[...] do trabalho e à maneira de exprimir[...]se. E' preciso que se cogite de ir mais [...]ge, para tornar o surdo-mudo um ind[...]duos útil, sem o risco de complexos q[...] compreensão do seu estado, por êle m[...]mo, pode alimentar. E' necessário qu[...] estime o lado sentimental, aquêle que [...]ga ao amor, à sua situação civil. Som[...]te ao citarmos êstes pontos — além do[...] sua formação salteada — calcula-se a [...]tensão do seu caso. Porque é um caso [...] gente organicamente sã, apta a agir p[...] o bem estar coletivo, disposta a tamb[...] empurrar o país para cima — desde qu[...] país lhe ensine como fazê-lo e dê-lhe rec[...]sos para fazê-lo.

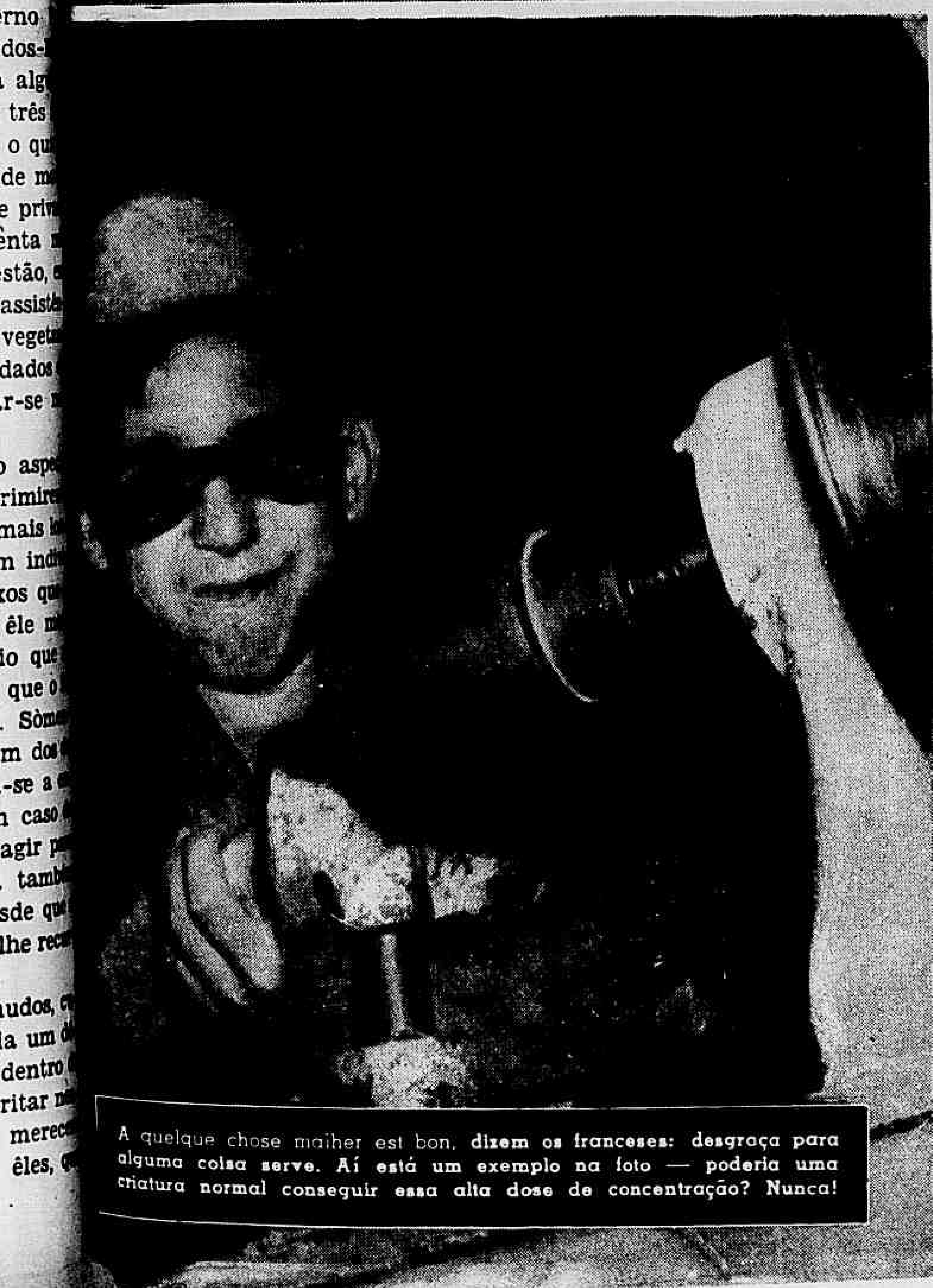
E êsses cinquenta mil surdos-mudos, c[...]ja maioria está desassistida e cada um d[...]les avulso, absolutamente avulso dentro [...] si mesmo, embora sem voz para gritar [...]te Brasil em que tanto se grita, merec[...] que se lhes faça alguma coisa, a êles, [...] já entendem e ouvem estrêlas...



A pedagogia para surdos-mudos condenou a mímica. E' preciso que o enfermo se habitue a falar ou, senão, a aprender a leitura labial. A professôra Odete Rimoli está tentando isso dêste garôto.



O compasso vai traçando no papel o risco de um desenho técnico. O jovem Telasco Pereira é um dos surdos-mudos que vão ganhando experiência e desembaraço em projetar. Alheio ao mundo êle trabalha.

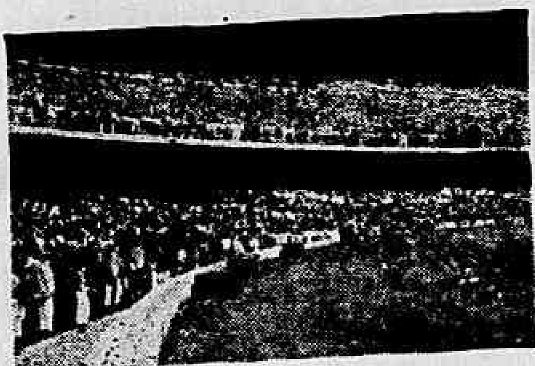


A quelque chose malher est bon, **dizem os franceses: desgraça para alguma coisa serve. Aí está um exemplo na foto — poderia uma criatura normal conseguir essa alta dose de concentração? Nunca!**



A garôta não conseguia emitir um único som. Hoje está falando: — maaa... çããã. Pondo o indicador na bôca ela sente o movimento dos lábios da professôra Ivone Brandão. Amanhã estará treinada.

QUAL O CLUBE CAMPEÃO DÊSTE MEIO SÉCULO?

1901  1951



O VASCO?

O bi-campeão dos dias em que Flavio Costa era seu técnico terá sido o clube de maior número de vitórias neste meio século? O C. R. Vasco da Gama obteve, no correr dêsse tempo, nove campeonatos, nos anos seguintes: 1923, 1924 (Liga), 1929, 1934 (Liga), 1936 (F.M.D.), 1945, 1947, 1949 e 1950. Mas houve quem tivesse mais. O Vasco poderá vir a ser — quem sabe? o campeão do meio século que êste ano se inicia.

O BOTAFOGO?



O clube que desperta tantas simpatias na torcida, o Botafogo de tantas tradições, terá sido êle o campeão do meio século? Não, o Botafogo teve o azar de passar vinte anos sem conquistar o campeonato. Obteve o de 1910 e depois o de 1930. Defendeu mais tarde os campeonatos de 1932, 1933, 1934 (AMEA), 1935 (F.M.D.) e 1948. Foram ao todo, sete — nem mais um. O grêmio de General Severiano não pôde ser o maior do meio século.



O AMÉRICA?

Neste meio século o América F. C. não conquistou mais de seis vitórias: em 1913, pela primeira vez, quando sua linha de ataque tinha os seguintes nomes: White, Ojeda, Gabriel, Osman e Aleluia. Depois em 1916, 1922, 1928, 1931 e 1935 (Liga). 35 foi o último ano, quando Carola e Plácido riscavam sua cancha. Os americanos não tiveram vez.



O FLAMENGO?

Com mais votórias que o Botafogo, com menos uma do que o Vasco, o Flamengo não chegou a campeão do meio século. Suas côres brilharam desde os dias de Píndaro, quando levantou a primeira taça, em 1914. Teimou, mas nos anos seguintes não levou. Ganhou em 1920, 1925, 1927, 1939, 1942, 1943, 1944. Êsses campeonatos chegam ao número de oito, mas é pouco. O famoso rubro-negro não pode pretender o título de campeão do meio século.

O FLUMINENSE?



O Fluminense foi o campeão do meio século, com quinze vitórias. Foi o grande clube dos tempos do amadorismo que levantou a taça nos seguintes anos: 1906 (ano do 1º campeonato nacional), 1908, 1909, 1911, 1917, 1918, 1919, 1924 (AMEA), 1936 (Liga), 1937, 1938, 1940, 1941, 1946 e 1951. O campeão, com o maior número de vitórias alcançadas, defendeu o primeiro e o último campeonatos disputados neste meio século: o de 1906 e o de 1951. Que sorte lhe reservará o outro meio século?

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 15 ★ 12-4-51

Redator-Chefe:
ALCEU MARINHO REGO

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Diretor:
Gratuliano Brito

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 19[illegible]

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4.00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4.50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente. 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-[illegible]

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projetos executados por
técnicos especializados

TAPÊTES FEITOS À MÃO
TAPÊTES E PASSADEIRAS

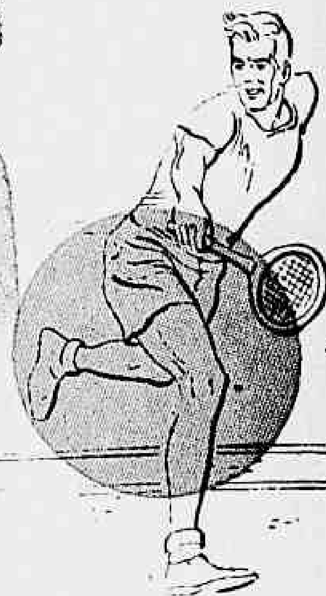
de forração, em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —



65 rua da CARIOCA 67 — RIO





UM PRODUTO SOUZA CRUZ